BRASILIA

BIBLIOTHECA NACIONAL

DOS

MELHORES AUTORES ANTIGOS E MODERNOS

PUBLICADA

SOB OS AUSPICIOS DE S. M. I. O S^r^. D. PEDRO II

ALVARENGA PEIXOTO

OBRAS
POETICAS

DE

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO

COLLIGIDAS, ANNOTADAS

PRECEDIDAS DO JUIZO CRITICO
DOS ESCRIPTORES NACIONAES E ESTRANGEIROS
E DE UMA NOTICIA SOBRE O AUTOR E SUAS OBRAS

COM DOCUMENTOS HISTORICOS

POR

J. NORBERTO DE SOUZA S.

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER
RUA DO OUVIDOR, 69

PARIS, AUGUSTO DURAND, LIVREIRO, RUA DES GRÈS, 7

1865

INTRODUCÇÃO

I

ADVERTENCIA

SOBRE A PRESENTE EDIÇÃO

De fertil imaginação e dotado do brilhante talento de improvisar, Ignacio José de Alvarenga Peixoto poderia figurar entre os poetas brasileiros mais fecundos, como autor de numerosos volumes de bellas producções poeticas. Todas as suas obras, porém, tiverão o mais deploravel fim! De envolta com os bens que lhe sequestrárão, ou forão levadas á hasta publica, e vendidas em almoeda com os mais insignificantes objectos de seu uso, ou, o que é mais de presumir, ficárão em poder de seus juizes, que pouca importancia, ou nem mesmo importancia alguma, lhe derão.

Obras volumosas, como a traducção do italiano da

Merope de Maffei, ou como o drama original e em verso *Enéas no Lacio*, e consideravel numero de poesias ligeiras, tudo consumírão, e para sempre, a incuria de seus juizes e a desgraça de seus descendentes! E o poeta que deveria apresentar-se rico e opulento aos olhos da posteridade, eil-o ahi apenas recommendado pela tradição das composições que fez, e pelas diminutas producções que nos restão, bellas reliquias de sua malfadada musa :

Farpados restos do traquete rôto! (1)

Vinte sonetos, duas lyras, tres odes incompletas, uma cantata, a que deu o titulo de *Sonho*, e um canto em oitava rima, eis tudo quanto pude colleccionar de tão distincto poeta!... A maior parte d'essas obras já se acha impressa, mas é a primeira vez que ellas apparecem colleccionadas e no maior numero possivel. É tambem nova a biographia do autor, baseada em documentos historicos que ahi vão na sua integra, e que differe muito das publicadas até aqui. Ha pois sempre alguma novidade n'este livro, que vem buscar o seu lugar de honra na *Brasilia* de par em par com os volumes já impressos de T. A. Gonzaga e M. I. da Silva Alvarenga.

Colligindo estas e outras obras de nossos autores mais ou menos afamados, tenho tido todo o cuidado em examinar a maneira por que forão publicadas, quando e por quem, declarando igualmente como obtive as composições ineditas. Ha n'isso pelo menos a vantagem de mostrar a sinceridade e lisura com que trabalho.

E pois, seguindo esta obrigação a que me impuz, mostrarei onde se encontrão as obras que figurão n'esta limitada collecção.

Debaixo da fórma de soneto compôz o autor a maior parte de suas poesias. O que sobretudo admira é que apenas em toda a sua vida só publicasse dous sonetos!

O primeiro sahio á luz em 1769 com o poema *Uraguay* de seu amigo José Basilio da Gama, e começa :

> Entro pelo Uraguay; vejo a cultura. (2)

O segundo foi distribuido em avulso, no anno de 1775, com as demais poesias que se imprimírão por occasião da inauguração da estatua equestre do rei D. José I, e principia :

> America sujeita, Asia vencida. (3)

Vinte e um annos depois da morte do autor publicou-se o seguinte no *Patriota*, e foi depois reproduzido no *Parnaso brasileiro* :

> Por mais que os alvos cornos curve a lua. (4)

Ao conego Januario da Cunha Barbosa deve-se a publicação dos seguintes no seu *Parnaso brasileiro* (5) :

Primeiro :

> Nas azas do valor em Accio vinha. (6)

Segundo :

> Se armada a Macedonia o Indo assoma. (7)

Terceiro :

A mão que a terra de Nemen agarra. (8)

Quarto :

Do claro Tejo á escura foz do Nilo. (9)

Quinto :

Honradas sombras dos maiores nossos. (10)

Sexto :

Nem fizera a discordia o desatino. (11)

Setimo :

Eu vi a linda Estella e namorado. (12)

Oitavo :

Não cedas coração, pois n'esta empreza. (13)

Nono :

Expõe Theresa acerbas mágoas cruas. (14)

Decimo :

A paz, a doce mãi das alegrias. (15)

Undecimo :

Amada filha, é já chegado o dia. (16)

Convem notar-se que os sonetos oitavo, nono, decimo e undecimo forão impressos no *Parnaso brasileiro*, logo apó uma canção a Luiz de Vasconcellos e Souza

por Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, e com a rubrica *do mesmo*, o que faria suppôr que erão elles de Silva Alvarenga, se no indice das materias não fossem dados como de Alvarenga Peixoto, e na errata não se rectificasse este engano (17). O ultimo, ainda mesmo a não haver taes corrigendas, jámais poderia deixar de passar por obra de Alvarenga Peixoto, á vista da defesa do Dr. José de Oliveira Fagundes (18).

Vem tambem no *Parnaso brasileiro* o soneto :

Peitos que o amor da patria predomina. (19)

E é Basilio da Gama quem figura como autor, quando entre as poesias ineditas, que possuo de Alvarenga Peixoto, encontro o nome d'este ultimo firmando o mesmo soneto. Sendo elle feito ao casamento do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, em Minas-Geraes, ao tempo talvez em que Basilio da Gama se achava na Europa, e sendo igualmente mais intimas as relações de amizade entre Alvarenga Peixoto e o tenente-coronel Francisco de Paula, do que entre este e Basilio da Gama, é mais de presumir que o soneto pertença ao desterrado de Ambaca do que ao protegido do marquez de Pombal (20).

Na *Miscellanea poetica* (21) publicou-se o seguinte :

Eu não lastimo o proximo perigo. (22)

Apparecem agora pela primeira vez os quatro seguintes, que me forão confiados pelo meu amigo o Sr. Carlos Augusto de Sá.

Primeiro :

O pai da patria, imitador de Augusto. (23)

Segundo :

Quão mal se mede dos heróes a vida. (24)

Terceiro :

De meio corpo nú sobre a bigorna. (25)

Quarto :

Não me afflige do potro a viva quina. (26)

Restão-nos apenas duas lyras de Alvarenga Peixoto.

A primeira, o *Retrato de Anarda*, appareceu no *Parnaso* (27) e *Novo Parnaso brasileiro* (28).

A segunda, a *D. Barbara Heliodora*, sua esposa, escripta nos carceres da Ilha das Cobras, sahio na *Miscellanea poetica* (29).

Possuimos só duas odes de Alvarenga Peixoto, ambas publicadas posthumamente no *Parnaso* e *Novo Parnaso brasileiro*.

A primeira é dirigida a Sebastião José de Carvalho e Mello, marquez de Pombal (30).

A segunda é dedicada á rainha D. Maria I (31).

Reuni a esta collecção os fragmentos de uma ode, notavel pela importancia que lhe derão os juizes da devassa que se procedeu em Minas-Geraes (32). A poesia, pelos seus laivos de revolucionaria, veio a merecer as honras de ser appensa á mesma devassa, sorte que infelizmente não tiverão as demais producções do autor,

o que por certo concorreria para quebrar a aridez de tão tediosa peça official, além do serviço que prestava á gloria do poeta e á posteridade.

Existe ainda uma ode impressa, que poderia passar por obra de Alvarenga Peixoto. E' a ode a Affonso de Albuquerque, que foi dada no *Parnaso* e *Novo Parnaso brasileiro* como composição de Domingos Vidal Barbosa (33), mas que imprimio-se anteriormente na *Collecção de poesias ineditas* (34) como de *João* Ignacio da Silva Alvarenga, nome que parece ser mais de *Manoel* Ignacio da Silva Alvarenga do que de Ignacio *José* de Alvarenga *Peixoto*. Annexei-a ás obras de Silva Alvarenga (35), e lá verá o leitor as razões que tive para me decidir por esse alvitre.

O Sonho é uma cantata que vio a luz da imprensa na collecção do conego Januario da Cunha Barbosa (36). Corria, porém, pela mão dos curiosos, transfigurado em repetidas cópias, e poeta houve que pensou, talvez, que jámais se publicasse a poesia de Alvarenga Peixoto, e por isso se apropriou do seu pensamento e imagens, commettendo publicamente um plagio vergonhoso, como ainda o praticão por ahi muito a seu salvo as gralhas litterarias. Tal é por sem duvida a ode publicada em 1822, sete annos antes da poesia original, sob o titulo : *O Brasil visto em sonho e no antigo trajo agradecendo ao principe regente o haver-se declarado seu defensor perpetuo* (37).

O *Canto epico*, em oitava rima, dirigido ao governador D. Rodrigo José de Menezes, por occasião do baptisado do filho d'este capitão-general, é a mais

extensa das poesias de Alvarenga Peixoto. Deve-se a sua publicação ao livreiro portuguez Desiderio Marques Leão (38), sendo depois reimpressa pelo conego Januario da Cunha Barbosa no *Parnaso brasileiro* (39).

Figurão tambem n'esta collecção, em ultimo lugar, as sextilhas *Conselhos a meus filhos*. É bem sabido que essa composição impressa no *Parnaso brasileiro* (40) e attribuida a Alvarenga Peixoto, é antes producção de sua esposa D. Barbara Heliodora, a celebre poetisa, de quem apenas nos restão esses poucos versos (41).

Ha quem pretenda que pertenção a Alvarenga Peixoto as poesias anacreonticas que vêm na collecção de Claudio Manoel da Costa, sob o nome pastoril de *Eureste Phenicio* (42).

Apezar dos esforços que empreguei para vir no conhecimento do nome pastoril de Alvarenga Peixoto na Arcadia ultramarina, nada absolutamente consegui (43). Presumo que fosse antes o *Alceu* tão decantado por Thomaz Antonio Gonzaga na sua inimitavel *Marilia de Dirceu* (44).

Tambem não o tenho pelo autor das *Cartas chilenas*, que bem o póde ser algum poeta menos conhecido do que esses cujos nomes se nos tornárão tão familiares (45). Villa-Rica era n'esse tempo a Arcadia do Brasil e os seus poetas innumeraveis. Só lhes faltava a imprensa, causa da perda de tantos e tão importantes manuscriptos (46).

II

JUIZO CRITICO

DOS

ESCRIPTORES NACIONAES E ESTRANGEIROS

Il ne faut pas confondre avec Silva Alvarenga, dont nous venons de parler, le poëte contemporain Ignacio José de Alvarenga Peixoto, né au commencement de l'année 1748 à Rio de Janeiro (47). Après avoir suivi les cours du collége des jésuites de cette ville, il se rendit aussi à Coïmbre, où il obtint le titre de bachelier en droit canon. Par la protection de Pombal il reçut une place de juge royal à Cintra, et plus tard, comme il désirait retourner dans sa patrie, un emploi au tribunal de Rio das Mortes, dans la capitanie de Minas-Geraes.

En Portugal il s'était déjà fait connaître par quelques productions poétiques; après son retour à Rio de Janeiro en 1776, il gagna la faveur du vice-roi, marquis de Lavradio, en lui dédiant une traduction de la *Merope* de Maffei. Dans la province de Minas il se lia naturellement bientôt avec les poëtes qui y étaient fixés et se prit d'amitié surtout pour Claudio Manoel da Costa et pour Gonzaga ; plus tard il fut reçu membre de l'Arcadia ultramarina. Son nom d'emprunt était probablement *Eureste Phenicio* (48).

Depuis S. João d'El-Rei, où il remplissait consciencieusement les devoirs de sa charge, il envoyait souvent à son protecteur, le marquis de Lavradio, des poésies, parmi lesquelles on remarque un drame en vers *Enéas no Lacio*, qui fut accueilli avec beaucoup d'empressement, mais qui s'est perdu. Par ses offrandes poétiques il gagna aussi l'amitié du gouverneur de la province, D. Rodrigo José de Menezes, plus tard comte de Cavalleiros. Alvarenga Peixoto fêta la naissance du fils de ce magistrat par une poésie en vingt octaves devenue célèbre (49).

Plus tard il quitta la carrière judiciaire, se maria et ne s'occupa plus que de la culture de ses nombreuses terres, ainsi que de celles de sa femme, une des plus riches héritières du pays. Cette position et sa réputation personnelle lui valurent sa nomination au poste de colonel de cavalerie dans la milice de Rio-Verde.

Mais lorsqu'en 1783 D. Rodrigo José de Menezes fut remplacé dans le gouvernement de la province de

Minas par D. Luiz da Cunha e Menezes, connu par les abus de toute espèce qu'il commit, l'état de la capitanie devint de plus en plus intolérable, et Alvarenga Peixoto, entraîné par son patriotisme, fut victime des tristes suites de l'excitation des esprits. Il se contenta d'abord d'attaquer le gouvernement par des satyres, car il est très-probablement l'auteur ou le principal promoteur des *Cartas chilenas* dont nous avons parlé, et qui parurent sous le nom de Critillo (50). Mais bientôt après il se laissa entraîner à prendre part à la conjuration de ses amis, et fut même un des chefs de la *haute trahison de Minas*. Il fut condamné à mort le 18 Avril 1792; ses biens furent confisqués et sa famille déclarée infâme; la sentence de commutation de la peine en un bannissement perpétuel au préside d'Ambaca, dans le pays d'Angola, ne lui fut lue qu'au pied de l'échafaud (51).

Lorsque Alvarenga Peixoto arriva au préside à l'âge de quarante-quatre ans (52), il était devenu un vieillard et ses cheveux blanchis avant l'âge attestaient la longueur de ses souffrances (53). Là aussi il eut à subir des persécutions, et le gouverneur, qui le regardait comme un homme dangereux, le fit transporter plus avant dans l'intérieur, où la mort mit enfin un terme à ses maux en 1793.

Il est étonnant que le ton des poésies d'un homme si énergique et si actif soit aussi tranquille; ses odes, ses sonnets et ses chansons érotiques se distinguent par le peu de passion qui y règne et par l'observation scrupuleuse des règles. En revanche, son ode à la reine D.

Maria I prouve qu'il était capable de prendre un vol plus élevé, surtout quand l'amour de la patrie, ses rêves d'indépendance du Brésil, venaient l'inspirer. Il prie sa souveraine de se rendre au Brésil et d'étendre sa domination sur toute l'Amérique. Cette poésie suffirait seule pour lui faire décerner le titre de poëte (54).

FERDINAND WOLF.

Passados os seus mais verdes annos no estudo das lettras, então florentes no collegio dos jesuitas, transportou-se a Portugal com estes preparatorios, e na universidade de Coimbra seguio a faculdade de direito canonico, em que tomou o gráo de bacharel formado.

O seu estro sublime alli se fez por muitas vezes admirar, e a sua reputação como poeta firmou-se em annos bem tenros, tanto que Alvarenga Peixoto apenas contava quatorze annos de idade quando improvisou o excellente soneto sobre a nomeação de um bispo (55), que já publicámos no primeiro tomo do *Parnaso*, cujo mote era :

Noméa vice-Deos o grande Augusto.

Dotado de feliz engenho, rico de conhecimentos e fallando com nobre eloquencia, que dava maior realce aos seus pensamentos, elle fez uma brilhante leitura no desembargo do paço, e assim por este acto, como pelo

credito de seus estudos, foi logo despachado para juiz de fóra de Cintra, e d'este lugar, preenchido com honra, passou para ouvidor da comarca do Rio das Mortes em Minas-Geraes.

No anno de 1776, talvez fosse o trigesimo da sua idade (56), chegou Alvarenga Peixoto ao Rio de Janeiro vindo de Lisboa, para ahi exercer a magistratura, que lhe foi confiada, e aqui benignamente o acolhêrão tanto o vice-rei marquez de Lavradio, como aquelles de seus patricios que sabião prezar as suas brilhantes qualidades.

N'esta sua estada fez elle o soneto que acaba

> Compete a nova escola de costumes.

servindo de dedicatoria ao marquez da tragedia *Merope*, por elle traduzida do italiano, e que foi representada no theatro então fundado sob os auspicios de tão polido vice-rei. Tambem a seu pedido compôz e fez representar um excellente drama intitulado *Enéas no Lacio*.

Chegando á comarca do Rio das Mortes começou a desempenhar os seus deveres de ouvidor, com credito seu, e aprazimento dos povos ; e tanto se embellezou da provincia de Minas-Geraes, que n'ella casou e teve filhos. Concluido o tempo d'esta magistratura, entregou a vara ao seu successor, renunciando a carreira tão felizmente começada, e contentando-se com a patente de coronel de cavallaria de milicias, que obtivera em recompensa de seus bons serviços, só para gozar tranquillo os commodos da vida privada nos braços de uma

esposa, e nas doçuras de uma familia, que fazia todos os seus encantos, tendo assim mais opportunidade para se dar á communicação das musas.

. . . .

A sublimidade de seu estro, verdadeiramente pindarico, nunca foi rebaixada pelo peso de seus ferros; se a consciencia do crime póde abater o espirito do homem de lettras, a certeza de que a injustiça é só quem o persegue dá novo calor a seus nobres sentimentos para se manifestarem em expressões dignas da sua gloria. Em suas cadêas Alvarenga Peixoto era mais pungido pela saudade de sua esposa e filhos, que ficavão abysmados nos horrores do seu infortunio, do que da lembrança de uma desgraça que encurtava os seus dias, parecendo denegrir a sua brilhante reputação. Elle deu provas d'este seu nobre sentimento, quando, sabida a noticia de sua primeira condemnação, improvisou o soneto que principia :

Não me afflige do potro a viva quina.

Tão eloquente e tão elevado poeta em seus ferros, em tenebrosa masmorra, como no socego de seu gabinete ou no circulo de seus illustrados amigos, elle agradeceu de improviso a graça da rainha, dirigindo-lhe o *Sonho* e a ode que se publicárão no principio do primeiro tomo d'este *Parnaso*.

Os nossos leitores podem formar juizo da sublimidade do poeta Alvarenga Peixoto lendo as suas boas produc-

ções que ainda restão, sendo já muitas perdidas, por se não terem estampado em tempo competente (57).

Januario da Cunha Barbosa.

———

Escreveu Alvarenga Peixoto muitas odes, sonetos e poesias; não são as suas odes altanadas e atrevidas como o vôo da aguia, ou grandiloquas e soberbas como as inspirações de Souza Caldas; não têm os seus sonetos o pensamento delicado e o matiz primoroso dos sonetos de Claudio Manoel da Costa; não correm musicalmente as suas poesias ligeiras, como a harmonia suave e tocante dos versos de Thomaz Antonio Gonzaga; mas nas suas poesias ligeiras, nos seus sonetos e nas suas odes ressumbra o estro modesto de uma ditosa e candida imaginação; revelão-se as qualidades de um vate de vida tranquilla, e de inspirações melodiosas; apparece uma rima facil, corrente e sonora; não se assemelha com o saudoso Bernardim Ribeiro, e menos com o doce Diogo Bernardes; mas tem parecenças de irmão com Antonio Ferreira e com Antonio Ribeiro dos Santos.

Entre as suas odes primão a que dirigio á rainha D. Maria I, a que dedicou ao marquez de Pombal, e a que compôz em honra e gloria da universidade de Coimbra, aonde bebêra instrucção, e á qual pagava o seu tributo de agradecimento: contém qualquer d'ellas linguagem pura, corrente e facil; metrificação feliz e

perfeita ; pensamentos dignos e elevados, e idéas copiosas de inspiração verdadeira e poetica.

Assim se dirige o poeta a D. Maria I :

> Invisiveis vapores
> Da baixa terra, contra céos erguidos,
> Não offuscão, etc.

De certo que encerra esta ode algumas bellezas, quer de dicção, quer de pensamento, e que o bom gosto deve apreciar e guardar a memoria. Não lhe é inferior a outra ode que Ignacio José de Alvarenga Peixoto dirigio ao marquez de Pombal : depois de pintar a fama dos guerreiros que avassallão os povos, incendião as cidades, acabão com as nações poderosas, e por onde passão deixão só estragos, destroços, sangue e cadave es, exclama o poeta para o marquez de Pombal :

> Grande marquez, os satyros saltando
> Por entre as verdes parras,
> Defendidas, etc.

Escreveu tambem Alvarenga Peixoto varias poesias eroticas que são exquisitas e delicadas. As odes que analysámos bastarião para guardar o seu nome e firmar sua reputação de poeta; mas outros generos cultivou com igual esmero, cuidado e felicidade : não obteve unicamente fructos saborosos de arvores copadas ; colheu tambem nos jardins ramos de flôres perfumadas e multicòres. Quanto é lindo o retrato que pintou de Anarda, que chama sua adorada! Quasi que tem as graças da Marilia de Gonzaga, os olhos da Laura de Petrarca, os

ademães gentis da Angelica de Ariosto, e o porte esbelto e faceiro da Nice de Metastasio : quasi que tem o colorido de Raphael d'Urbino, o sentimentalismo de Corregio, e alguma cousa de candido e puro como as composições de Murillo e de Paulo Veronezo, ou de alegre e doce como a Psyché de Canova.

A minha Anarda·
Vou, etc.

Diversas outras poesias compôz tambem Ignacio José de Alvarenga Peixoto, tão gentis e enamoradas, tão bellas e cheias de ternura como a que extensamente citamos; é o seu talento modesto, delicado, limpido e faceiro; revelão os seus versos o fundo de sua alma candida, pura e amorosa; são os seus sentimentos de homem de bem, e as suas composições de homem de engenho (58).

J. M. Pereira da Silva.

« . . . . . — E condemnão o réo Ignacio José de Alvarenga Peixoto a que com baraço e pregão seja conduzido pelas ruas publicas ao lugar da forca, e n'ella morra morte natural para sempre, e depois de morto lhe seja a sua cabeça pregada em posto alto no lugar mais publico da villa de S. João d'El-Rei, até que o tempo a consuma; declara a este réo infame, e infames

seus filhos e netos, e os seus bens por confiscados para o fisco e camara real. »

Com voz serena e lugubre o official da justiça terminava assim a intimação, no dia 18 de Abril de 1792, na cadêa, a um velho alto que o ouvio calmo e resignado. E o official sahio e seguio aos outros carceres.

No dia 2 de Maio (59) o povo apinhado na praça da Constituição assistia com o peito offegante á execução do chefe da revolta de Minas; o padecente expirava com gloria, e, na cabeça de José Joaquim Silva Xavier, Portugal contrahia a divida de sangue que mais tarde pagou a 7 de Setembro de 1822. O carrasco esperava os outros condemnados; mas o terror que pesado abafava a voz ás turbas desfez-se aos gritos de—perdão—que trazia ás outras victimas o accordão baixado da rainha D. Maria I. O réo que devia seguir-se era o velho a quem o official intimára na prisão; e o desterro perpetuo para os presidios da Africa foi a commutação de sua pena (60). Quem era esse homem?

Lede o *Retrato de Anarda*, a ode dirigida ao marquez de Pombal, a outra a D. Maria I, as *Cartas chilenas*, e a traducção da *Merope* de Maffei, e o nome de Alvarenga Peixoto resaltará de sua rima corrente, facil e sonora, cheia d'essa inspiração poetica e verdadeira, entre a belleza de dicção e de pensamento, ornado com as flôres exquisitas e delicadas de seus versos eroticos, respirando comtudo a ternura, graça e pureza de seu estro amoroso e candido.

Ignacio José de Alvarenga Peixoto era coronel de cavallaria de milicias do Rio-Verde; nascêra no Rio de

Janeiro nos fins de 1748, e de boa familia vinha elle (61). Os jesuitas ainda a este derão a primeira instrucção, conferindo-lhe o grão, então marcado, de mestre em artes; passou-se depois a Coimbra a pagar seu tributo de colono e obteve o gráo de bacharel em canones. Recto e bondoso, foi-lhe o cargo de juiz de fóra em Cintra uma provação de tres annos, em que de sobejo mostrou a candura de seu caracter e justeza de seu espirito; mas, ah! que o tempo já havia infiltrado no coração dos filhos da florente terra de Cabral aquelle sentimento tão santo e tão nobre que nada póde apagar e que faz derramar lagrimas á vista de uma pedra, de um tronco que nos recorde o lugar de nosso nascimento; as ribas do Douro, o Tejo nem o Mondego, já não podião inspirar a mente do poeta brasileiro que se lembrava com saudade da indolente Guanabara debruçando-se preguiçosa na mimosa Nictheroy. Portugal já não satisfazia ao espirito do ardente Fluminense; a metropole tinha ares muito pesados de oppressão para o colono que aspirava o vago antever da liberdade; o amor da patria começava a fazer enjoar as cousas portuguezas.

Alvarenga foi despachado ouvidor da comarca do Rio das Mortes, em Minas-Geraes, e, ahi estabelecido, nunca mais sua vista pôde desamparar aquella natureza tão rica e variegada, aquella primavera eterna; e se acaso alguma vez a memoria lhe lembrava a chegada, ruidosamente festejada na velha Europa, da estação das flôres, era sómente para lamentar os miseros que adorão um tão mesquinho dia como o de suas primaveras, porque

lhes vem uma só vez por anno no meio de sua triste e arida natureza, e para agradecer a Deos o ter nascido no paiz encantado onde as flôres não murchão, o sol não desmaia, as folhas não cahem, os regatos não parão sustados pela fria mão do gelo, e onde a briza sempre murmura fagueira entre as fitas da palmeira, e as tardes morrem douradas nos braços langues da vaporosa noite de luar.

E os olhos do militar poeta enchião-se de lagrimas ao contemplar tanta belleza e tanta virgindade, e ao ouvir o retinir dos ferros que algemavão o pobre Brasileiro.

A amizade e a fraternidade em estro o reunião a Claudio, Gonzaga, Vidal Barbosa, e com os espiritos inflammados do momento Alvarenga Peixoto esqueceu sua riqueza e nomeada, e dispunha seus hombros a carregarem o peso mortifero da conjuração. Grande e activa parte tomou elle nos intentos do Tiradentes, mas era cedo para o despertar do indio que dormia somno de seculos em leito de escravidão; seus esforços erão como do dormido que se revolve em fundo pesadelo, começando a soltar-se dos braços do sonho.

Alvarenga Peixoto foi preso em Villa-Rica e logo remettido ao Rio de Janeiro, onde soffreu calmo o interrogatorio e calmo ouvio a intimação da sua sentença e a commutação da sua pena, e lá nas torradas isolações da Africa morreu desfalido de penares e coberto de cans prematuras ao raiar de 1793, com quarenta e quatro annos de idade (62).

D. P. Schutel.

III

NOTICIA

SOBRE

I. J. DE ALVARENGA PEIXOTO E SUAS OBRAS

A rica e prospera capitania de Minas-Geraes, que no seculo passado se ufanava com o titulo de Arcadia do Brasil (63), e que de justiça lhe pertencia, disputou por algum tempo á capital do vice-reino ultramarino a gloria de haver sido o berço natal de Ignacio José de Alvarenga Peixoto (64).

O céo, porém, compensou as duas capitanias.

Villa-Rica, capital de Minas-Geraes, teve o seu Silva Alvarenga, e Rio de Janeiro, capital da colonia portugueza, teve o seu Alvarenga Peixoto.

Nasceu, pois, Ignacio José de Alvarenga Peixoto sob o esplendido céo dos tropicos, á margem da magnifica bahia tão querida dos antigos Tamoyos, no seio d'essa natureza luxuosa e imponente pelo aspecto grandioso de seus penhascos enormes e suas florestas seculares, ahi aonde Estacio de Sá fundára uma aldêa que devia ser a còrte de um grande imperio. Corria então o anno de 1744 (65).

Forão seus pais Simão de Alvarenga Braga e D. Angela Michaela da Cunha (66), que muito se esmerárão na sua educação. Ainda era criança e já era peeta! Ainda estudava aos quatorze annos no collegio dos jesuitas da cidade do Rio de Janeiro e já improvisava bellos sonetos tómando por thema a assumptos historicos (67), tendo n'esses certamens poeticos a Basilio da Gama por companheiro e rival. Extasiavão-se os padres mestres com a precocidade do talento d'estes *meninos sublimes*, e contavão com poder retêl-os no gremio da companhia de Jesus. Basilio da Gama, quatro annos mais velho que o seu compatriota, já trajava a roupeta da milicia de santo Ignacio de Loyola, mas Ignacio José de Alvarenga, que tinha apenas quinze annos, ia a tomar o grão de mestre em artes, por acharse prompto nos estudos preparatorios á instrucção superior, quando na madrugada do dia 5 de Março de 1759 veio o conde de Bobadella á frente de tropa e povo, cercou o convento dos padres (68), prendeu-os e remetteu-os para Lisboa em consequencia da autorisação que lhe dava a carta regia de 21 de Julho do mesmo anno, e a Ignacio José de Alvarenga não restava outro recurso

senão seguir o destino dos padres (69), como Basilio da Gama, ou abraçar outro genero de vida.

Voltárão-se as suas vistas para a universidade de Coimbra, e seus pais, aproveitando as suas felizes disposições, apoiárão-lhe os esforços e fizerão-o embarcar para Portugal. Lá se foi elle encontrar nos banços da universidade com o seu parente Thomaz Antonio Gonzaga, que por pouco tempo lhe supprio a falta de Basilio da Gama, e ahi tomou o gráo de bacharel formado em leis em anno anterior ao de 1769 (70).

Chegára por este tempo a Lisboa o seu amigo Basilio da Gama pobre e perseguido, e Alvarenga Peixoto procurou protegêl-o (71), e com tanta felicidade que já no anno de 1769 applaudia o triumpho de seu compatriota, que sob a valiosa egide do marquez de Pombal publicava o seu *Uraguay* (72).

Dotado de sublime eloquencia, exprimia-se com facilidade, graça e gentileza, dando assim nobre realce aos seus pensamentos, e por isso conseguio fazer brilhante leitura no desembargo do paço, pelo que mereceu logo ser despachado juiz de fóra de Cintra, onde servio os tres annos marcados pela lei.

No anno de 1775 celebrárão os poetas brasileiros, residentes então em Lisboa, a inauguração da estatua equestre. Alvarenga Peixoto achou-se entre os seus compatriotas, Basilio da Gama, Antonio Caetano, Joaquim Ignacio de Seixas, Manoel Ignacio da Silva Alvarenga e outros, e pagou tambem o seu tributo á memoria de D. José I, e no anno seguinte voltou ao seio da patria.

Governava o Brasil com o titulo de vice-rei o mar-

quez de Lavradio, que promovia a agricultura, animava a industria, as artes e as lettras, e havia creado um theatro na capital da colonia (73). Alvarenga Peixoto abraçou a sua familia e a seu amigo Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, e a pedido do cantor de *Glaura* traduzio a *Merope*, tragedia de Maffei, em voga nos theatros da Europa, e compôz em versos um drama a que deu o titulo de *Enéas no Lacio* e a que servio de prologo o soneto que começa :

Compete a nova escola de costumes. (74)

Trazia Alvarenga Peixoto a sua nomeação de ouvidor da comarca do Rio das Mortes, e pouco tempo se demorou na cidade do Rio de Janeiro. Força foi separar-se de novo de amigos e familia.

Vicissitudes da vida humana! Silva Alvarenga, que nascêra em Minas-Geraes, estabelecia-se no Rio de Janeiro, e Alvarenga Peixoto, que nascêra no Rio de Janeiro, ia agora estabelecer-se em Minas-Geraes. Separavão-se depois de se terem communicado na terra estrangeira, e de se haverem de novo reunido no seio da patria, e separavão-se para sempre!

Em Minas-Geraes alargou-se-lhe o circulo da amizade e das relações, e já no anno de 1778 (75) casava-se o ouvidor da comarca do Rio das Mortes com uma senhora distincta pelos seus dotes naturaes, esmerada educação e descendente de uma das principaes familias da capitania de S. Paulo, que tinhão ido residir na villa de S. João d'El-Rei.

D. Barbara Heliodora Guilhermina da Silveira, filha de José da Silveira e Souza, foi para o Dr. Ignacio José de Alvarenga o que foi D. Maria Dorothéa de Seixas Brandão para o desembargador Thomaz Antonio Gonzaga. Ambos celebrárão a formosura de suas noivas. Eternisou Gonzaga em seus versos a belleza que extasiou Villa-Rica, e Alvarenga Peixoto cantou em suas poesias a formosura que fez o encanto da villa de S. João d'El-Rei. Superior á amante de Gonzaga pela imaginação brilhante de que era dotada, e pelo estro ardente que possuia, pôde a noiva de Alvarenga Peixoto corresponder-lhe na mesma linguagem, e o commercio das musas entreteve por algum tempo o amor em que mutuamente se abrasavão, até que os laços do consorcio os ligárão para sempre.

Deliberando-se a viver no seio de sua familia, e a augmentar os recursos para a sua manutenção, abandonou o Dr. Alvarenga Peixoto a carreira da magistratura, que tão honrosamente seguíra, e fixou definitivamente a sua residencia na sua predilecta villa de S. João d'El-Rei, e mais tarde o governador da capitania, D. Rodrigo José de Menezes, depois conde de Cavalleiros, galardoou os seus serviços com a patente de coronel do primeiro regimento de cavallaria de Santo Antonio do Valle da Piedade da Campanha do Rio Verde. Alvarenga Peixoto ligou tanta importancia a essa nomeação, que trocou o titulo que lhe dava o diploma academico pelo titulo que lhe conferia a patente militar, e desde então tornou-se conhecido pelo coronel Ignacio José de Alvarenga.

Á energica actividade de que era dotado deveu Alvarenga Peixoto a prosperidade de sua casa. Sua familia seria hoje uma das mais importantes da provincia de Minas-Geraes em opulencia e riqueza se a desgraça de que foi victima não viesse um dia bater-lhe á porta com a mão mirrada, e arrebatar-lhe tantos bens adquiridos a custo de tanto suor e que ainda de todo em todo não estavão consolidados.

Sorria-lhe traiçoeiramente a fortuna, acoroçoando-lhe os dignos e nobres esforços. Bem depressa se vio senhor de numerosas e ricas fazendas de cultura dos Pinheiros na freguezia de Santo Antonio do Valle da Piedade da Campanha do Rio Verde e do engenho da Paraupeba de Villa-Rica, e das terras e aguas mineraes da Boa Vista, Santa Rufina, Espigões, São Gonçalo Velho, Castro, Campo do Fogo, Aterrado, Ourofalla, Santa Luzia e outras muitas, onde trabalhavão para mais de duzentos escravos (76).

O seu genio emprehendedor levou-o a uma empreza gigantesca e superior ás suas forças. Não conhecendo obstaculos, consumio toda a sua fortuna e empenhou a sua casa na abertura de um rego com grande esgoto que se prolongava pelo espaço de nove leguas. Com esses trabalhos hydraulicos conseguio desencravar as melhores minas e lavras de varios possuidores, comprehendendo para mais de quatro mil datas mineraes que estavão abandonadas por falta de expedição das aguas (77).

Entretido n'esses trabalhos corria-lhe a vida como doce e fagueiro sonho. A felicidade viera com todo o

cortejo de prazeres e gozos innocentes sentar-se ao humiar de sua habitação. Deslisavão-se-lhe os dias nas lidas grandiosas da mineração das terras auriferas em que a alma se lhe comprazia, não pela sêde de ouro, mas pelo atrevimento da empreza. Passava a existencia no remanso da paz, revia-se nos seus tres filhinhos, e sobretudo n'essa filha que os precedêra e que por isso era mais estimada senão adorada, e nos braços da amavel consorte esquecia-se dos pequenos e insignificantes desgostos inherentes á existencia humana, e julgava-se o ente mais feliz.

Reinava na sua casa a abundancia e a riqueza; tinha entrada n'ella a alegria e o riso. Exemplo do amor conjugal, tornára-se marido e mulher a inveja dos habitantes da sua villa, que os apontavão como modelos dignos de toda a consideração, louvor e estima.

No gremio da familia esquecèra-se D. Barbara Heliodora do talento que lhe dera o céo; arrefeceu-se-lhe o estro nos cuidados domesticos, e mãi votou-se inteiramente á educação de seus filhos, e mais que tudo de sua filha essa Maria Iphigenia, que era para ella e seu marido o anjo da felicidade domestica, e tão formosa que lhe derão o nome de *princeza do Brasil*, antonomasia pueril, que tornou-se popular, que ia sendo um delicto, e que passou á posteridade.

Oh! e que de desvelos na sua educação! Nem a falta de recursos proveniente da situação fez desacoroçoar a esmerada mãi. D. Barbara Heliodora empenhou todos os meios a seu alcance sem que se poupasse a despezas e fadigas para proporcionar á sua filha os estudos ne-

cessarios a illustrar-lhe o espirito. Assim logrou que viessem de longe se estabelecer na sua villa, junto ao seu domicilio, os melhores professores existentes então na capitania, e assim póde a interessante menina aperfeiçoar-se tanto na lingua vernacula como nas estrangeiras, e ainda nas bellas-artes, que lhe servião de suave e innocente entretenimento.

Por sua parte não era o coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto menos empenhado no cultivo das faculdades intellectuaes de sua filha. Logo aos sete annos gravou-lhe n'alma os mais bellos e sublimes preceitos da caridade pura e santa emanada do christianismo. « Minha filha, dizia elle, é hoje que o mundo principia para ti, e qual tocha acesa, vai illuminar-te a luz da razão. Guia-te os passos a mão que te gerou, e tu deves, desprezando a vangloria da belleza e sacrificando essas honras vãs, seguir sómente a lei santa de Jesus Christo. Seus verdadeiros preceitos são amar a Deos e ao proximo, e a unica felicidade que se deve procurar é a da eternidade, que a vida d'este mundo passa como brevissimo instante (78)! » Salutares conselhos, que encerravão tambem em si uma como prophecia, que tinha de cumprir-se!

E pois no meio de tantos e tão continuos cuidados e trabalhos não se esquecia o coronel Ignacio José de Alvarenga de sua musa; era a sua amiga favorita, que o visitava todos os dias com o sorriso angelico nos labios, e que, ao contrario da fortuna, jámais deveria desamparal-o. Inspirava-o essa natureza que o rodeava com todo o esplendor e pompa, e o engrandecimento

da patria lhe occupava a imaginação a todo o instante. Ao contrario de Claudio Manoel da Costa, que a vista das turvas e feias correntes de seus patrios ribeiros levava a ponderar a ambiciosa fadiga da mineração das terras, que lhe pervertião as côres e não achava idéas que o inspirassem (79), Alvarenga Peixoto pagava um tributo de admiração em seus versos cheios de verdadeiro enthusiasmo a essa raça de homens de diversas côres que, armados da pesada alavanca e duro malho, emprehendião trabalhos herculeos, e como gigantes rasgavão as serras, e mudavão o leito ás correntes dos rios. Foi por esse tempo que, incendido do mais puro amor da patria e abrasado em seu estro, compôz de improviso a mais bella das suas composições, elevando-se em magestoso vôo ás altas regiões da poesia epica, dando assim no *Canto genetliaco* a mais perfeita prova de consideração em que tinha a D. Rodrigo José de Menezes, governador da capitania, e cuja administração foi um verdadeiro contraste com a de seus antecessores e successores.

Poeta, improvisador eloquente, a musa lhe obedecia com facilidade, e jámais se negava a seus acenos; assim o mineiro activo e intelligente abandonava muitas vezes a direcção das lavras auriferas e vinha para Villa-Rica a conferenciar com os poetas seus amigos. A Claudio Manoel da Costa, chamado pela suavidade de suas cançonetas o *Metastasio brasileiro*, e por muito tempo secretario do governo da capitania, juntou-se depois o ouvidor de Villa-Rica Thomaz Antonio Gonzaga, o terno e mavioso autor da *Marilia de Dirceu*. Erão esses os

amigos predilectos do coronel Ignacio José de Alvarenga; ligavão-os a sympathia do talento e reunião-se para ler uns aos outros as suas composições. Claudio, como o mais velho (80) e mais entendido nas lições dos classicos nacionaes e estrangeiros, era o mestre a cuja lima mimosa sujeitavão a correcção e polidez de suas poesias.

As conferencias litterarias, as palestras poeticas, forão pouco e pouco mudando de feições e tornárão-se a final politicas, ao principio com alguma tibieza e depois com aquelle ardor que lhes imprimia o enthusiasmo patriotico com o seu que de desvairado de Alvarenga Peixoto. Era Gonzaga circumspecto e prudente, Claudio timido e receioso, e Alvarenga Peixoto leviano e impetuoso. Alargou-se o circulo das idéas, e os poetas esquecêrão-se das suas Nizes, Marilias e Lauras. para unicamente pensar na patria escravisada. Amigo da liberdade, patriota ardente, já Alvarenga Peixoto sonhava facilmente com a emancipação da colonia curvada ao jugo portuguez, e entoava cantos á liberdade brasileira.

O joven José Alves Maciel havia voltado da sua viagem de instrucção á Europa com a cabeça cheia de idéas da emancipação da America ingleza; e o fisco, sempre tão rigoroso a respeito da importação dos livros, tinha deixado passar as leis constitutivas da nova republica, bem como a historia de suas lutas gloriosas e seus triumphos esplendidos, e a leitura d'essas obras fez recrudescer a chamma do amor da patria. Os poetas passárão (9) a ser conspiradores e vírão-se envolvidos n'uma perfeita conjuração.

Succedêrão-se as conferencias, e o coronel Ignacio José de Alvarenga tomou parte n'ellas mostrando-se um dos seus mais extremados membros.

Ao despota Luiz da Cunha e Menezes, que militarisou toda a capitania, tão mal succedendo a D. Rodrigo José de Menezes, veio substituir o visconde de Barbacena, trazendo novas e importantes instrucções do ministro Martinho de Mello e Castro. Era da sua missão lançar a derrama para a cobrança dos quintos de ouro que devia a capitania, e cuja somma elevava-se á enorme quantia de quinhentas e trinta e oito arrobas de ouro, ou de 3,303:472$000 réis! (81)

Era necessario um pretexto para lançar a revolução armada na praça publica, e esse pretexto trazia o novo governador. E demais, o alferes do regimento de cavallaria Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o *Tiradentes*, havia chegado do Rio de Janeiro asseverando que podião contar com um forte partido na capital do Estado, e ainda com o auxilio de algumas nações estrangeiras, e sobretudo da França. Invenção puramente de sua imaginação, e que entretanto fez pender para o lado da conspiração aos animos mais timoratos e indecisos!

Não é a qui o lugar proprio para relatar a conjuração com todas as suas peripecias; é bastante que vejamos o papel que n'ella representou infelizmente o nosso poeta.

Achava-se Alvarenga Peixoto em uma noite em casa do celebre contractador João Rodrigues de Macedo, a conversar com algumas pessoas, quando o capitão Vi-

cente Vieira da Motta lhe veio trazer um bilhete fechado que lhe tinhão entregue á porta da rua. Alvarenga Peixoto abrio-o immediatamente e leu o seguinte : (82)

« Alvarenga.
« Estamos juntos e venha Vm. já, etc.
« Amigo
« *Toledo.* »

Era o vigario da freguezia da villa de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, que lhe recordava que elle e outros conjurados se devião reunir em casa do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade (83). Chovia, e Alvarenga Peixoto respondeu que compareceria logo que parasse a chuva.

Não faltou o poeta á sua palavra.

Era a primeira vez que se reunião os conjurados.

Ahi estavão o dono da casa o tenente-coronel Francisco de Paula, e seu cunhado José Alves Maciel.

O vigario de S. José, Carlos Corrêa de Toledo.

O desembargador Thomaz Antonio Gonzaga.

O padre José da Silva de Oliveira Rolim, a quem Alvarenga Peixoto via pela primeira vez e que lhe disse ser-lhe muito obrigado pelas obsequiosas attenções com que tratára a seu irmão o Dr. Placido da Silva e Oliveira, no tempo em que foi ouvidor da comarca de S. João d'El-Rei.

O alferes Joaquim José da Silva Xavier ou Tiradentes.

Cada um dos conjurados quiz ser o expositor do que se havia tratado na ausencia do recem-chegado, e Al-

varenga Peixoto ficou sabendo como se havia elaborado o plano para a revolução.

Era cousa assentada entre elles que se esperasse pela noticia do movimento insurreccional do Rio de Janeiro, segundo as asserções affirmativas ou antes imaginarias do alferes Joaquim José, e bem assim que se deixasse igualmente publicar a derrama, que necessariamente deveria levantar clamores em toda a capitania pela excessiva contribuição a que erão os povos obrigados.

No meio da geral consternação, e favorecido pelas sombras da noite, se apresentaria o alferes Joaquim José com alguns companheiros gritando pelas ruas de Villa-Rica : « Viva a liberdade ! » O povo, avexado pelo pesado tributo, acudiria ao alarma e apoiaria a revolução.

Acudiria ao tumulto o tenente-coronel Francisco de Paula á frente da tropa, e como parte dos officiaes e soldados não era estranha ao movimento, segundo a facil credulidade de Tiradentes, o tenente-coronel daria tempo a que o alferes fosse á Cachoeira, á casa de campo do governador, onde se achava o general visconde de Barbacena, para conduzil-o com toda a sua familia até a serra, aonde lhe diria que fizesse muito boa jornada e dissesse em Portugal que já se não precisava de generaes na America, ou então que sacrifical-o-hião levando a sua cabeça a Villa-Rica para com ella impôr ao povo o respeito pela nova republica. Então no meio do geral enthusiasmo o tenente-coronel arengaria a multidão, perguntando ao povo o que queria,

que motivo tinha para aquelle levante, e que os conspiradores responderião que desejavão a sua liberdade, e o tenente-coronel acabaria por dizer que o motivo era tão justo que elle se não podia oppôr.

Annuio Alvarenga Peixoto ao plano da revolução, reflectindo todavia que não era necessario que o tenente-coronel dirigisse falla alguma ao povo, pois bastava lhe dizer que quem tinha tirado aquella cabeça podia tirar outras (84).

Escolhido o plano restava dividir os papeis do drama pelos principaes conspiradores.

A Alvarenga Peixoto incumbia angariar gente entre os habitantes da Campanha do Rio Verde (85), onde gozava de grande influencia como coronel do primeiro regimento da cavallaria auxiliar.

Houve ainda outra conferencia em que se achou Alvarenga Peixoto. Os conjurados reunírão-se d'esta vez em casa de Claudio Manoel da Costa (86) e tratou-se da adopção da bandeira para a nova republica.

Propôz o alferes Joaquim José que se tomassem por symbolo tres triangulos entrelaçados em commemoração da Santissima Trindade.

Claudio Manoel da Costa lembrou que o emblema da bandeira dos Estados-Unidos era o genio da America quebrando as cadêas do captiveiro com esta inscripção :

Libertas æquo spiritûs,

e que nenhuma inconveniencia havia em que se adoptasse a mesma.

Alvarenga Peixoto impugnou a idéa como pobre. Claudio propôz ainda a seguinte inscripção :

Aut libertas, aut nihil !

Alvarenga Peixoto propôz então o versiculo de Virgilio :

Libertas quæ sera tamen !

E os conjurados a approvárão, achando-a muito apropriada (87).

D'ahi a dias partia Alvarenga Peixoto para a sua fazenda da Paraupeba, onde se demorou todo o mez de Janeiro e Fevereiro do anno de 1789 ; voltou depois em principios de Março fazendo caminho pela Cachoeira, pára comprimentar o visconde general, onde encontrou-se com o alferes Joaquim José, que vinha para o Rio de Janeiro tratar da conjuração.

Achou-o muito desacoroçoado a respeito do animo de seus compatriotas. Na rudeza de sua linguagem queixava-se o alferes Joaquim José de que os povos de Minas erão *uns bacamartes, faltos de espirito e de dinheiro*, e que, á excepção do vigario Carlos Corrêa de Toledo e do padre Oliveira Rolim, todos os mais desejavão a conjuração, mas ninguem se queria declarar a menos que não visse o perigo passado.

É crivel que o coronel Ignacio José de Alvarenga lhe dissesse, como jurou depois no seu depoimento (88), que não fosse louco, que não viesse ao Rio de Janeiro a fallar em taes cousas, porque não era um sertão

como Minas-Geraes, e que qualquer palavra que lhe escapasse a esse respeito chegaria logo aos ouvidos do vice-rei, que não era para graças. Tomou o alferes em menospreço os prudentes conselhos do coronel, e até lhe respondeu brusca e rudemente que a elle *ninguem pegaria*, que elle e seu partido sabião muito bem os passos do vice-rei, e que principiando por elle a acção não haveria mais risco, porque a cidade era do mesmo voto.

O alferes veio para o Rio de Janeiro, e o coronel Ignacio José de Alvarenga não deixou de notar que, ao passo que Tiradentes lhe nomeava as pessoas da capitania de Minas-Geraes que annuião á conjuração, jámais lhe nomeasse as do Rio de Janeiro que seguião o seu partido.

Chegou Alvarenga Peixoto a Villa-Rica, onde assistio no mez de Maio ás exequias que se celebrárão pelo fallecimento do principe D. José, e os principaes conjurados jantárão n'esse dia em casa de Claudio Manoel da Costa, inclusive o conego Luiz Vieira da Silva, que tomou parte na palestra politica, e o desembargador Francisco Gregorio Pires Monteiro Bandeira, que era completamente estranho ao movimento.

Jantou depois Alvarenga Peixoto em casa de João Rodrigues de Macedo, onde o capitão Vicente Vieira da Motta mostrou-se inteirado dos planos de Tiradentes, e pedio a Alvarenga Peixoto que não deixasse de denunncial-o ao visconde general, como elle proprio já o havia feito, por isso que tambem o julgava inteirado, visto frequentar as mesmas casas que frequentava aquelle alferes.

No dia seguinte partio Alvarenga Peixoto para a sua villa de S. João d'El-Rei, despedio-se do visconde general, que na pratica que encetou com elle procurou fallar sobre as fórmas dos governos republicano e absoluto, sem duvida para sondar-lhe o animo. A delação já lhe tinha levado os nomes dos conspiradores, e a espionagem confiada ao coronel Joaquim Silverio dos Reis e a Basilio de Brito, vigiava de perto os passos dos implicados na conjuração, e no Rio de Janeiro convertião-se em segredos os aposentos das ordens terceiras, da casa da relação e até do proprio paço do vice-rei, sem fallar nas masmorras immundas das fortalezas das ilhas das Cobras e Villegaignon e do morro da Conceição, onde devião ser sepultados por tres annos os martyres da primeira tentativa para a independencia nacional.

Sahindo da Cachoeira passou Alvarenga Peixoto pela fazenda do Caldeirão, onde se achava o tenente-coronel Francisco de Paula, que lhe certificou que o visconde general já estava sciente de tudo pela imprudencia de muitos dos conjurados, e mórmente do vigario de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, que havia levantado grande celeuma, e que até lhe escrevêra dando parte que já tinha cento e cincoenta cavallos promptos para o seu regimento.

Alvarenga Peixoto chegou á sua casa na villa de S. João d'El-Rei em domingo de Ramos, e no mez de Abril foi visitado pelo vigario Carlos Corrêa de Toledo e o coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes. Este lhe assegurou que os irmãos Toledos e o coronel Joa-

quim Silverio havião fallado a muita gente da villa de S. José, Borda do Campo e Tamandoá, e que se achava toda disposta a annuir ao levante.

Mal teve Alvarenga Peixoto o necessario tempo para gozar da companhia de sua familia. No dia seguinte dirigio-se á villa de S. José d'El-Rei levando pelo menos por pretexto a necessidade de fallar ao sargento-mór Domingos Barbosa Pereira sobre a execução que movia contra Sancha Maria da Motta. Acompanhava os dous amigos, que lhe havião visitado no dia antecedente, e jantou com o vigario Carlos Corrêa de Toledo. Rolou a pratica sobre o assumpto favorito (89). Pedio-lhe o vigario que escrevesse a divisa que elle em Villa-Rica havia lembrado para a bandeira. Recusou-se Alvarenga ponderando que em materia tão melindrosa não punha penna em papel (90), e que se quizesse que os escrevesse elle. Recitou-os de novo, e o vigario os transcreveu (91).

Concluido o seu negocio voltou Alvarenga Peixoto a S. João d'El-Rei, e o coronel Francisco Antonio recolheu-se á sua fazenda da Ponta do Morro.

Os dias corrião na ampulheta do tempo, e Alvarenga Peixoto gozava tranquillamente a paz domestica, quando de repente lhe appareceu o vigario Carlos Corrêa de Toledo. Esta visita inopinada tinha um fim muito serio. Lá ia lhe bater á porta o vigario levado pelas apprehensões que lhe deixára n'alma as communicações que lhe fizera José Lourenço Ferreira, commandante do arraial da Igreja Nova. Asseverára o commandante que o coronel Joaquim Silverio dos Reis havia passado por

alli em viagem para o Rio de Janeiro, assegurando que tinha recebido uma carta do vice-rei pedindo que se fosse despedir d'elle. Não parecia isto muito natural ao vigario, antes suppunha que o coronel os tinha vindo denunciar.

Como ficaria Alvarenga Peixoto não é facil de se dizer; mas elle mesmo confessa que aconselhou ao vigario que se fosse denunciar ao visconde general, e que o vigario lhe respondêra que não ia, mas que iria alguem por elle.

O vigario retirou-se, e d'ahi a dias entrou pela casa de Alvarenga Peixoto o coronel Francisco Antonio. Era quasi noite, e o coronel vinha, como o vigario, afflicto com as apprehensões da denuncia do coronel Joaquim Silverio. Consolava-se no em tanto com o facto de lhe ter o mesmo coronel offerecido dinheiro para angariar gente, e promettia tambem por sua vez envolvêl-o na denuncia. Alvarenga Peixoto não deixou de approvar o seu expediente, e lhe pedio que fosse quanto antes entender-se com o governador (92).

O levante tinha cahido por si mesmo.

O governo da capitania havia suspendido a derrama, e o pretexto para a revolta havia desapparecido, segundo a propria phrase de Thomaz Antonio Gonzaga (93). O coronel Joaquim Silverio já os tinha denunciado ha muito tempo, trahindo os conjurados, pois havia sido convidado para a conspiração apezar do odio que lhe votava a maior parte dos implicados. O que elle vinha fazer ao Rio de Janeiro era observar os passos do alferes Joaquim José da Silva Xavier, e trazer as cartas confi-

denciaes do governador para o vice-rei; o que desempenhou a contento de seus senhores, a quem tão servilmente se prestava.

Tinha soado a hora da calamidade para tantas familias da rica capitania de Minas-Geraes. Os homens mais prestimosos pelo seu saber, mais importantes pelos seus teres, mais estimaveis pela sua popularidade, forão arrancados dos braços de suas consortes e filhos, e arremessados ás masmorras do despotismo colonial, ou carregados de ferros e trazidos para o Rio de Janeiro. A' prisão dos conjurados seguio-se o sequestro dos seus bens, e as innocentes familias ficárão privadas do lar e do pão, e expostas á fome e á nudez.

O coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto não pôde escapar ás vistas vigilantes da policia do visconde de Barbacena. Antevio a sua prisão e esperou resignado por ella. Achava-se na sua casa da villa de S. João d'El-Rei na intenção de partir para as suas lavras da Campanha do Rio Verde, quando, no dia 20 de Maio de 1789, o tenente Antonio José Dias Coelho chegou ao quartel e lhe mandou dizer que lhe viesse fallar da parte do governador. Annuio Alvarenga Peixoto de bom grado ao convite do tenente Dias Coelho, sem que se despedisse de sua familia, que nunca mais tornaria a ver!

Mal chegou ao quartel que o tenente Dias Coelho lhe intimou que seguisse com elle para o Rio de Janeiro afim de prestar-se a certas averiguações que devião ser feitas na presença do vice-rei do Estado.

Perguntou-lhe Alvarenga Peixoto se sabia a causa, e

o tenente lhe respondeu que já na cidade do Rio de Janeiro tinhão sido presos o coronel Joaquim Silverio e o alferes Joaquim José, e que suppunha que o motivo da sua prisão era pela liberdade com que o alferes se explicava a respeito de republicas, e tratava da questão da America Ingleza.

— É uma materia muito delicada! ponderou Alvarenga Peixoto; e immediatamente lhe fez entrega da chave de uma caixa em que guardava os seus papeis, por entender que d'elles se originaria sem duvida a sua prisão.

E veio para o Rio de Janeiro, onde chegou com o corpo todo chagado em consequencia do peso de seus grilhões (94)!

Logo que aqui chegou foi sepultado nas masmorras da fortaleza da ilha das Cobras com outros muitos companheiros, sem que todavia lhes fosse dado se communicarem. Magoou a sua desgraça aos seus amigos residentes n'esta cidade, que de nenhuma sorte o podião valer, e entre os quaes se contava Silva Alvarenga, que tendo nascido cinco annos depois de Alvarenga Peixoto devia tambem, cinco annos depois da sua prisão, passar pelos mesmos desgostos e padecer os mesmos soffrimentos em identica masmorra!

Ah! e que padecimento que lhe assoberbára a alma! Martyrisava-o a saudade! Sequestrado de sua esposa e de seus filhos, chorou o seu infortunio, e encheu de gemidos o carcere em que o detinhão!

Alvarenga Peixoto foi interrogado no dia 11 de Novembro de 1789 e no dia 14 de Janeiro de 1790. Era

então juiz da devassa o desembargador José Pedro Machado Coelho Torres, e escrivão o ouvidor e corregedor da comarca do Rio de Janeiro Marcellino Pereira Coelho Cleto. Assistia ao interrogatorio o tabellião José dos Santos Rodrigues Araujo.

No primeiro interrogatorio negou Alvarenga Peixoto que jámais tomasse parte na conjuração (95), affirmando que não tinha sido convidado por pessoa alguma para faltar ás obrigações de bom e leal vassallo, e concorrer para que a America conseguisse a sua liberdade e se constituisse em republica.

Todavia não negava que muitas vezes fallára sobre a liberdade do commercio e franquia dos portos do Brasil, a que a França e outras potencias tinhão pretenções, e que pessoas sem instrucção confundião a liberdade politica com a commercial. Que não era factivel que as idéas de emancipação pudessem sequer uma hora que fosse gyrar no Rio de Janeiro, sem que logo o soubesse o vice-rei, á vista do seu talento e energia, e da sua notoria actividade.

Conhecedor da legislação de seu paiz sabia o infeliz prisioneiro as penas em que incorrêra não denunciando-se a si e aos seus companheiros, e antevia o castigo que o aguardava. A familia, pesadelo horrivel, aggravava-lhe mais e mais a sua sorte. No momento de ser arremessado ás humidas e asquerosas masmorras da ilha das Cobras lembrou-se de minorar o seu crime de leza magestade, e ao juiz desembargador José Pedro Coelho Machado Torres declarou que aconselhára ao tenente-coronel Francisco Antonio que denunciasse o coronel

Joaquim Silverio, que, segundo o testemunho do sargento-mór Luiz Vaz de Toledo, andava por S. José, Borda do Campo, e Tamandoá, offerecendo dinheiro a quem angariasse gente para o levante, e o desembargador tomou nota d'essa delação em sua carteira. Um passo fóra do caminho da honra e do dever é bastante para nos perder no confuso labyrintho dos erros. Era o tempo das recriminações, e a causa mallograda bradava covardemente aos ouvidos dos conjurados : « Salve-se quem póde ! »

No seu interrogatorio lembrou Alvarenga Peixoto essa circumstancia a seu favor. Já então estava o juiz melhor informado, e sabia que o coronel Joaquim Silverio, preso unicamente para melhores averiguações, não fôra um simples delator, mas uma espia mercenaria do visconde de Barbacena. Assim dizia Alvarenga Peixoto que se o general vice-rei soubesse que elle havia dado tal conselho ao tenente-coronel Francisco Antonio, não o mandaria prender, pois quem aconselhava a denuncia mostrava não entrar em semelhantes projectos ; mas o juiz lhe respondia que sendo elle tão instruido e tendo até sido magistrado sabia muito bem que o dito extrajudicial não podia desoneral-o de fazêl-o judicialmente, antes era maliciosa occultação, porque nas suas respostas dadas á proposição geral, sobre a materia do levante, só dissera que nada sabia. Ponderou Alvarenga Peixoto que se lhe perguntára por projectos, e que existindo denuncia já não havia projectos. Fraca defesa, que deslustrando-lhe o caracter mal o podia salvar do abysmo em que se despenhára !

Sessenta e tres dias depois era Alvarenga Peixoto

interrogado pela segunda vez. Sendo-lhe lidas as perguntas que se lhe havião feito anteriormente, achou-as conforme, mas disse que faltavão varias circumstancias que se tornavão necessarias para o claro conhecimento da materia, e que á *vista das instancias e argumentos que lhe tinhão sido propostos* se resolvia a narrar tudo com pureza deduzindo desde o seu principio.

A expectativa dos juizes da devassa ficou muito áquem do que esperavão das promessas do infeliz, que tão obrigado se mostrava para com as instancias e argumentos que se lhe havião proposto, ou antes com que o acariciárão por mais de dous mezes, que excedeu-se de modo que o seu segundo depoimento é uma das maiores peças do processo (96).

Esquecido dos deveres que consagra a religião da amizade, Alvarenga Peixoto delatou os seus mais intimos amigos, narrando com pueril minuciosidade as menores occurrencias, e como receiasse tambem que elles por sua vez o trahissem, conta tambem alguma parte que teve na projectada conjuração, mas sempre hypotheticamente, caso fosse possivel fazêl-a, ou certo de que nada se realisaria, e assim menciona algumas palavras menos prudentes que pronunciára, mais ironicas, ajuntava elle, do que com outra qualquer intenção.

Acabrunhado pelo peso dos desgostos, pelos soffrimentos da familia, curvou a cerviz de conspirador republicano, para o que não tinha nascido, ante o poder do vice-reinado. Era Horacio desertando das cohortes de Bruto e abandonando o escudo nos campos de Philippe. O poeta amigo da liberdade dobrou-se servilmente

ás promessas de seus oppressores, e ainda no processo organisado contra as tentativas da independencia da patria achou paginas para eternisar louvores bombasticos e de asquerosa lisonja ao vice-rei, que então fazia cahir sobre o Rio de Janeiro toda a pressão do jugo de ferro, e atulhava as prisões por meras suspeitas, sendo o da nacionalidade brasileira por si só bastante para tanto!

Já a Alvarenga Peixoto não era possivel a sublevação que projectavão tambem no Rio de Janeiro os negociantes, os quaes, olhando unicamente para seus interesses e marchando para onde se lhes afigurava mais vantajosos, desejavão a liberdade do commercio e querião a abertura dos portos do Brasil a todas as nações. Essa impossibilidade nascia, segundo elle, da difficuldade em guardar as convenientes reservas para o seu bom exito, e um governo, por mais frio que se mostrasse, não deixaria de providenciar sobre o resultado de semelhante proposição mal ella apparecesse. « Quanto mais, ajuntava elle, e escrevia o corregedor da comarca do Rio de Janeiro, quanto mais um governo activissimo e de fogo, qual o do Illm. e Exm. vice-rei actual Luiz de Vasconcellos e Souza, cujo caracter é *Parcere subjectis et debellare superbos?* E quem se atreveria a proferir semelhante proposição sem que temesse ser immediatamente fulminado por quantos raios póde forjar Vulcano, por quantos póde disparar a mão de Jove, e como poderia ella escapar á sua actividade, que não reparte com Jupiter o seu imperio, como fazia Augusto, governando um de dia e outro de noite :

Divisum imperium cum Jove Cæsar habet, mas governando de dia e de noite, pela manhã sabe quantos passos se derão na sua cidade? E como passaria a tal proposição, por mais escura que fosse a noite, sem que se encontrasse com a sua vigilancia? Nem deixaria de ser immediatamente providenciada, reflectidos os seus talentos bem conhecidos por mim e ha muitos annos, que jogando entre as mãos as redeas do governo dos humanos, nem no mar nem na terra deixa cousa alguma sem a devida providencia, e apenas larga ao céo o governo das estrellas. .... *Hominum contentus habennis undarum terræ qua potens ei sidera donas.* Nem seria proferida tal proposição, e se o fosse no mesmo instante seria conhecida, e sendo-o, immediatamente seria providenciada; logo é falsa a proposição e impossivel grassar no Rio de Janeiro, e porque assim o entendi nem caso fiz d'ella (97). »

Para descer a tanta abjecção que de torturas não soffreu o pobre poeta! Só a consideração, só a esperança de poder voltar ao lar domestico o levarião a se rastejar como verme desprezivel pelo lodo do servilismo para chegar aos joelhos do vice-rei. Ovidio, debaixo de estranho e inclemente céo, vivendo em região inhospita, entregue á solidão, supportando pobrezas, exposto a innumeraveis riscos, sepultado na indifferença e suspirando pelo céo brilhante e magestoso da Italia, pelo seu clima ameno e vivificador, pelas riquezas que gozára, pelos amores que desfructára, pelas festas esplendidas e divertimentos sumptuosos da capital do mundo, via-se na dura necessidade de elogiar o despota que

tyrannisava Roma, na expectativa de tornar á patria. Nem outras promessas senão da restituição á sua casa, ao seio de sua familia, aos braços de seus amigos, aos commodos da vida perdidos, á posse da fortuna sequestrada, poderião arrancar do poeta essa confissão do que se passára a respeito dos projectos de conjuração a par e passo da prodigalidade de encomios eivados de lisonja e espalhados a mãos cheias sobre as cabeças de seus principaes oppressores.

Faltou-lhe a resignação, essa virtude do philosopho que tão bellas maximas inspirou a Job, a Seneca, a Silvio Pellico, a Bersezio e a tantos outros illustres e sabios pensadores. No meio de suas miserias dizia Job com os olhos alçados para o céo : « Nú sahi do seio de minha mãi e nú me receberá em seu seio a terra, mãi de todos os homens. Deos me privou de todos os meus bens, e comtudo bemdito seja o seu nome! » Seneca consolava a Marcia lhe dirigindo estas palavras mais dignas de um philosopho christão do que de um escriptor pagão : « Só possuimos o usofructo dos bens d'este mundo ; quem nol-os empresta, marca á sua vontade o tempo da restituição. Estejamos, pois, sempre promptos a restituil-os sem o menor queixume. Só um máo devedor procura eximir-se a seu credor. » Silvio Pellico reflexionava assim entre as tenebrosas paredes de seu carcere : « Viver livre é mais doce do que viver em ferros. Quem duvidal-o-ha? E entretanto até nas estreitezas de uma prisão, quando se pensa que Deos ahi está, que as alegrias d'este mundo não são senão ephemeras, que a verdadeira felicidade reside na conscien-

cia e não nos objectos externos, acha-se ainda um não sei que de encanto em se poder viver. » E Bersezio pensa que a desgraça supportada com resignação torna-se por fim um merecimento, e a offerenda feita a Deos de nossas penas, de nossas afflicções, de nossos sentimentos é o holocausto do homem a seu Creador.

Alvarenga Peixoto não previo, como Gœthe, que nos é mais facil nos conformar com uma desgraça, quando se torna um acto consummado, do que obter de nossa consciencia uma cousa que nos contrarie. Para completar a obra de sua lisonja concluio assim o seu longo depoimento : « Mas conheço que é tanta a delicadeza da materia, que se não posso me eximir de confessar a leveza em que cahi em ouvir e tratar algumas conversações em semelhante assumpto sem os pôr na presença do Illm. e Exm. visconde de Barbacena, espero pelas sobreditas razões a piedade de Sua Magestade Fidelissima (98). »

Tão satisfeitos se mostrárão os magistrados incumbidos da devassa, que nunca mais o importunárão senão para uma ou outra acareação (99). Deixárão-o ahi esquecido entre as humidas e escuras paredes da masmorra vendo as semanas succedendo-se aos dias, os mezes ás semanas e os annos aos mezes, ralado por saudades e acabrunhado por toda a sorte de desgostos. Matava-o a inactividade a que se via forçado depois de uma vida passada no meio das lidas emprehendedoras e afanosas, e antes que morresse já seu corpo tinha baixado á sepultura. Privado de todas as communicações, nem sabia de seus amigos, nem recebia noticias

da familia. Divisava pela fresta da sua prisão, por onde mal lhe coava a luz do dia, as serras da magnifica bahia que o víra nascer. «Lá penhascos horriveis e incultas brenhas cansavão-lhe a vista, que em vão procurava pelo ninho de sua desditosa prole; soltava então um brado de agonia e atirava-se sobre a barra dura que lhe servia de leito e chorava. Pouco e pouco se consolava, e a poesia do amor e da saudade vinha emfim com as suas azas de ouro afagal-o, limpar-lhe o pranto e traduzir-lhe os gemidos em harmonias eroticas. Se a imagem de sua esposa lhe estava sempre presente como viva lembrança, ai! tambem para seu martyrio via nos braços maternos aquella filha, aquelle anjo que aos doze annos era todo o seu encanto, toda a sua alegria e todo o seu orgulho (100). »

« Bella Barbara, exclamava elle, que como uma estrella guiaste o meu destino; triste, ausente de ti, sómente vivo para suspirar, e entretanto eu só queria passar comtigo os meus dias e as minhas noites, fortuna de que me privou a sorte invejosa. Ah! que cruel é agora a minha estrella! Ao menos tu gozas a filha nos teus braços, acariciando-a com os teus beijos e carinhos, e eu privado de ti e d'ella soffro a morte por dous modos differentes lacerar-me o coração (101)! »

Já tinha por perdidas as esperanças, e já lhe tardava a morte, que para elle era uma ventura, pois a vida só lhe servia de castigo. Idéa fixa, a imagem dos filhos e da consorte se lhe reproduzia a todo o instante e por toda a parte. Era o objecto de seus sonhos e de suas visões, era o assumpto de seus pensamentos, era o ar-

gumento de seus versos feitos de improviso. Atormentava-o uma lembrança sinistra, que se erguia ante elle como um fantasma envolto em ensanguentadas roupas, trazendo na dextra a lamina de Catão e Bruto. Ah! era o suicidio! Só elle poderia pôr fim a esse sonho, a esse enredo, a essa chimera, que se chama vida, que passa por verdade e que não é mais do que uma illusão, uma mentira..... Mas seus filhos, mas sua esposa lhe apparecião através dos véos vaporosos do delirio, e um suspiro dissipava a sinistra visão (102).

Erão assim os dias, erão assim as noites da masmorra, ora entregue á vaga incerteza, ora embalado pela risonha esperança, esse anjo de consolação dos desgraçados, ora agitado pelo scepticismo que o arremessava ao abysmo do nada. E no em tanto os juizes da alçada avolumavão diariamente o processo, sem que se dessem pressa em concluil-o, até que a final lavrou-se a fatal sentença.

Apparatoso em seus actos, tinha o despotismo suas velleidades de justiça, e emquanto os réos erão transpostos de seus segredos para a cadêa publica da capital, nomeava-se-lhes por mera fórma um procurador que os defendesse, e essa missão coube ao Dr. José de Oliveira Fagundes.

Entendeu-se o defensor com os clientes, e Alvarenga Peixoto vio ainda por detrás do patibulo, que já se erguia para elle e os companheiros de infortunio, sorrir-se a esperança. Implorou, pois, em um soneto e uma ode a clemencia da rainha D. Maria I. N'essas poesias brilha o seu estro, e nas estrophes da sua ode

transluz o pensamento do engrandecimento da patria no desejo de ver a rainha transpôr o solio lusitano para a America, mudando para o Brasil a séde da grande monarchia portugueza. Talvez a augusta rainha se sorrisse da lembrança do poeta brasileiro, e que entretanto tinha de realisar-se quinze annos depois! Era uma prophecia (103).

Annuio o advogado aos desejos de seu cliente transcrevendo a menor de suas poesias nas paginas da extensa defesa, e apresentando em seus provarás as razões que achou adequadas para implorar a piedade da rainha fidelissima. Não é a defesa uma peça importante pela sua eloquencia, e a parte que se refere a Alvarenga Peixoto pecca por excessivamente fria; todavia deve-se levar em conta ao autor os poucos dias que teve para escrevêl-a, communicar-se com os réos e examinar o excessivamente volumoso processo (104).

No dia 18 de Abril de 1792 ouvio Alvarenga Peixoto a leitura da sua sentença. Condemnárão-o a ser conduzido com baraço e pregão pelas ruas da cidade ao lugar da forca e morrer morte natural para sempre, devendo cortar-se-lhe a cabeça e ficar exposta, até que o tempo a consumisse, no lugar mais publico da villa de S. João d'El-Rei; declarárão seus filhos e netos infames, e seus bens sequestrados para o fisco real (105).

Alvarenga Peixoto curvou-se á espada do algoz e entrou para o oratorio. « Ah! exclamou elle abraçando os seus companheiros do martyrio; não sinto a morte a que me condemnão; sinto outro mal ainda mais duro;

é a saudade de minha mulher e de meus filhos (106)! »

Essa sentença, porém, dos ministros da alçada não era mais do que uma farça para incutir o terror e levar o pavor ao seio das familias brasileiras. Tinhão elles em seu poder ha muito tempo a carta regia datada de Queluz a 15 de Outubro de 1790, na qual a rainha os autorisava a commutar a pena de morte em degredo para varios presidios africanos, e só depois de muitos embargos é que foi deferida a supplica dos miseros réos. A todos aproveitou o indulto regio, menos ao alferes Joaquim José da Silva Xavier, que expiou por todos a iniciativa da independencia da patria.

No dia 20 de Abril de 1792 ouvia Alvarenga Peixoto a commutação da pena. Desterravão-o para Dande, terra africana sobre o mar. Mas já não era o mesmo homem. O corpo e a alma se lhe tinhão acabrunhado. A infamia a que ficavão condemnados os filhos, e a penhora dos bens para o fisco e camara real, actuárão violentamente sobre o seu espirito, e o physico resentio-se extraordinariamente. Aquelles cabellos castanhos, que lhe descião pelos hombros em madeixas anneladas, e que lhe davão uma tal ou qual semelhança com seu primo Thomaz Antonio Gonzaga (107), tinhão envelhecido da noite para o dia (108). Apresentava pois no semblante a mesma metamorphose por que passára o rosto da desgraçada rainha da França Maria Antonieta e em iguaes circumstancias. Via agora a morte affrontosa do patibulo transmudada em degredo e uma alegria inopinada lhe trouxe aos labios convulsivos o riso da loucura! Alegrou-se com a lembrança de ser Dande um

porto maritimo, e teve a indiscrição de proferir expressões levianas que compromettião os ministros da alçada. Segundo a propria confissão, transmittida por um dos companheiros do desterro (109), gabára-se que muito lhe valêra a amizade dos juizes, antigos companheiros da universidade de Coimbra, para lhe assignarem por degredo um lugar maritimo, d'onde facilmente se poderia evadir. Assim tiverão elles de reformar a sentença, e o presidio de Ambaca substituio o porto de Dande.

Que mais lhe restava n'este mundo?

No dia 23 de Maio de 1792 vio da pôpa da náo *Princeza de Portugal* sumir-se, e para sempre, aos olhos lacrimosos as altas serranias do Rio de Janeiro. Em breve não vio mais do que as ondas, os céos e as nuvens. Contavão-se então tres annos e tres dias que deixára á sua espera, sobre o lumiar da habitação, a linda Maria Iphigenia. Partia agora das terras de seu berço para as terras de seu tumulo, tendo por companheiro de viagem, d'entre os desterrados para Africa, a Thomaz Antonio Gonzaga, nascido como elle no mesmo anno, mas em continentes diversos.

A pobre e infeliz Maria Iphigenia ficou encostada ao umbral da porta á espera do desgraçado pai. Em seu lugar vierão os ministros do fisco sequestrar-lhe os moveis, as roupas e a casa, e toda a fortuna paterna (110). E quando mais tarde lhe trouxerão a noticia da pena de morte a que o condemnárão e da declaração de infame a elle, aos filhos e netos, fanou-se de pudor aquelle bello lirio, e a misera mãi enlouqueceu (111)! O proprio filho, que lhe herdára o estro, acabou tam-

bem louco, depois de errar sem tino, e andar a improvisar pelas ruas da capital do imperio (112)!

Desembarcou o miserrimo proscripto em Africa e seguio para o presidio de Ambaca. Tão longe da patria, e ainda assim o governo portuguez se mostrou reccioso de sua influencia. O homem digno de toda a consideração, não só pelo talento que lhe dera o céo, não só pelos conhecimentos que adquirira á custa de viagens e fortuna, como tambem pela desgraça que o opprimia, sómente mereceu do commandante do presidio o maior desprezo. Sombra imperceptivel na familia dos Hudson Lowe (113), achou o commandante que as perseguições não devião parar na terra do exilio. O infeliz proscripto foi ainda desterrado para o interior dos sertões africanos! Caminhando para a solidão das féras, privado de tudo quanto amava e possuia, lembrar-se-hia sem duvida do destino acerbo do infeliz Sepulveda, e se não teve de pedir aos leões a morte, redemptora dos males humanos, foi porque os desgostos se apressárão em lh'a dar (114).

Assim no anno de 1795, minado pela nostalgia, finava-se o desgraçado poeta fluminense, e mão estranha lançava sobre o seu cadaver um punhado de terra, e escondia-lhe a sepultura aos olhos da patria e da posteridade, que hoje vingão seu nome da infamia a que votárão a sua memoria, collocando-lhe o busto no pantheon das lettras brasileiras.

O poeta que gozou de grande nomeada pelas suas obras e ficou recommendado á posteridade pelo testemunho dos contemporaneos, mal póde ser julgado pelo

pequeno numero de composições que escapárão ao naufragio de suas desventuras. Comtudo as poucas poesias de Alvarenga Peixoto provão que era bem fundada a reputação que adquiríra como poeta entre os amigos, e digno dos elogios que lhe tecião os contemporaneos.

Os seus sonetos não respirão a suavidade e a melancolia dos sonetos de Claudio Manoel da Costa, nem têm a gravidade magestosa e imponente dos de Basilio da Gama, mas são escriptos debaixo dos rigorosos preceitos prescriptos a tão difficil genero de poesia, e muitos d'entre elles valem, segundo a expressão do legislador do Parnaso francez, um longo poema (115).

Os dous sonetos eroticos que nos restão, sem duvida de tantos que fizera, são os melhores da sua limitada collecção. N'um d'elles não ousa o poeta decidir-se por uma das duas amantes que tem, e só lhe resta a esperança de poder ver o amor reunir os dous semblantes em um só semblante, ou então dividir o seu peito em dous (116). No outro, que lhe é superior, é necessario que continue a amar, mas sem que dê demonstração do amor mal correspondido. « Foge, diz o poeta ao seu coração, foge de vêl-a, porém se a vires apaga a chamma da vida que te alenta para que não a tornes a amar; e mostra ainda n'esse transe o teu valor; ah! não suspires! Geme em silencio, soffre calado, estala sem que ella o saiba, e morre (117)! »

Era o soneto a poesia que trazia sempre nos labios o poeta repentista, o orador eloquente, e no soneto pagava o tributo da amizade elogiando os amigos, e celebrava os acontecimentos ainda mais triviaes da vida.

Foi, pois, o soneto o genero de poesia que mais cultivou e com grande facilidade, e é para lastimar que se perdessem os que improvisára entre as estreitas e lugubres paredes do carcere. São dignos de ler-se os dous que sahem agora á luz, um improvisado na masmorra, e o outro no oratorio, quando se preparava para subir ao patibulo.

As *lyras* ou antes *anacreonticas*, que nos ficárão de tão distincto poeta, mostrão a facilidade com que manejava os versos de arte menor. Se o retrato de Anarda se confunde com as poesias que sobre identico assumpto nos deixárão muitos poetas da lingua portugueza e ainda das estranhas, já não está n'esse caso o que dirige á sua esposa, cheio de saudade e de angustias, desejando ver seus filhos e sentindo-se retido pelos grilhões do captiveiro! Jámais a nobre paixão, quesó tem nome na lingua de Camões, inspirou em tão breves versos tão sublime e delicado trecho de poesia.

São bellas as odes que dirige ao marquez de Pombal, a quem tratou de perto, e á rainha D. Maria I. Na primeira nota-se a irregularidade das estrophes, admittida por Basilio da Gama, depois seguida por José Bonifacio, e ultimamente por Magalhães.

Na segunda teve o poeta em parte o dom da prophecia. Toda a America meridional se sujeita ao sceptro da grande rainha. Já o mar Pacifico se cobre dos pesados e ricos galeões de Acapulco ; já das serras da Araucana descem confusas nações que vêm timidas e receiosas beijar a regia mão da nova soberana. « Chegai! Chegai, lhes brada o poeta ; o que receiais? Não vos

lembreis da fereza dos Pizarros e seus insolentes companheiros. Vede! É a rainha portugueza, que sabe conquistar corações, que põe termo a desventuras e derrama sobre nós milhares de favores! » Em bellissima estrophe convida o poeta a rainha que realise esse desejo ardente do Brasil e venha ser coroada sobre toda a America. Então o gigante que guarda a barra da magnifica bahia de Nictheroy levanta-se sobre as ondas, e vendo ambos os mundos e ambos os mares, sauda a sombra de Affonso Henriques, o fundador da monarchia lusitana, cujos descendentes imperão sobre povos tão varios e diversos, que é impossivel enumeral-os. A estatua colossal do indio bate o pé sobre a terra, que estremece, e some-se a visão entre raios ao arruido dos trovões.

Era esse o sonho patriotico de Alvarenga Peixoto, que sem duvida lhe inspirára o marquez de Pombal, com a sua idéa de passar a séde da monarchia para as plagas do Amazonas; era esse o desejo do padre Antonio Vieira; era esse o projecto de D. Luiz da Cunha, que idealisára fundar nas margens da bahia de Nictheroy a capital do *Imperio do Occidente*, bem como do conde Aranda (118).

Se não lhe era mais dado fallar sobre a mallograda emancipação politica da patria, ao menos ria-se assim dos tyrannos do Tejo, que n'esse grandioso pensamento não podião condemnar, segundo as suas expressões, um crime de amor para com a augusta rainha.

A cantata *O Pão de Assucar* é identica, pelo assumpto, á ode dirigida á rainha D. Maria I; não tem, porém,

a elevação e a gravidade d'esta ultima composição; é a mesma linguagem eivada de lisonja de que se servio o autor no seu segundo depoimento. Traduzio em máos versos o que disse então em pessima prosa.

A poesia em que mais se revela o genio de Alvarenga Peixoto e o seu amor pelas cousas da patria é por sem duvida o *Canto genethliaco*, feito por occasião do baptisado do filho do governador da capitania de Minas-Geraes, D. Rodrigo José de Menezes, posteriormente conde de Cavalleiros, e que ainda annos depois era recitada pelo autor, e applaudida pelos conjurados com grande enthusiasmo, como nol-o certifica o infeliz Thomaz Antonio Gonzaga (119).

Reproduzirei aqui as expressões de que já me servi a respeito d'essa bella composição na *Historia da conjuração mineira*: « A musa americana lhe havia ungido os labios com as suas harmonias, e a poesia brasileira ostentou-se em toda a verdadeira pompa. O poeta saudou a patria, que já podia ufanar-se de ter por filhos os heróes de que sómente se gloriava a velha Europa. Mostrou as florestas que se convertião em esquadras para dar leis aos mares, ou em palacios custosamente levantados pela arte para fazerem de Lisboa uma maravilha. Apontou para a coròa que brilhava sobre a cabeça da rainha, para o sceptro que sustentava a augusta mão, meras producções das ricas terras do Brasil, e depois fez ver uma raça vigorosa e possante, qual uma phalange de gigantes, avezada aos mais asperos trabalhos, lutando com todos os elementos para mudar as correntes aos rios, rasgar as entranhas das serras, e

roubar á terra as escondidas riquezas. Embora a Europa reclinada no seio das delicias lhe chamasse a patria de barbara, que bem differente a achava elle, que amava os laços do berço natal. Emfim concluio pedindo ao céo que só lhe permittisse ver o dia em que o filho do heróe fosse chamado para reinar sobre a sua patria.

« Encontra-se em todo esse canto não só mal dissimulados pensamentos patrioticos, como tambem a luz do Ypiranga, e essa luz reflectio dos semblantes dos amigos que o escutavão, e brilhou magestosamente nas mais expansivas expressões do enthusiasmo. As suas palavras, desprendidas como faiscas electricas da mente abrasada pelo estro, tocárão uma a uma todas as fibras d'aquelles corações generosos, e lhes despertárão o amor da patria e da independencia nacional.

« Já não erão os admiradores da bella poesia que applaudião, erão conjurados que aceitavão a complicidade das phrases revolucionarias rebuçadas em imagens poeticas, e a lembrança de se ter o poeta aproveitado de um baptisado para fallar com toda a expansão de sua alma ardente sobre as cousas da patria trouxe mais tarde a idéa da senha (120) da mallograda revolução (121). »

Nictheroy, 20 de Fevereiro de 1864.

IV

NOTAS

---

(1) Verso de BASILIO DA GAMA, no soneto a Nossa Senhora Madre de Deos, citado por AMERICO ELYSIO (JOSÉ BONIFACIO) no prologo de suas *Poesias avulsas*, em identicas circumstancias.

(2) É o ultimo, isto é, o vigesimo d'esta collecção. Inclui-o tambem na collecção das obras de JOSÉ BASILIO DA GAMA, e figura entre os sonetos.

(3) Foi impresso com o seguinte titulo : *Na inauguração da estatua equestre consagrada á memoria d'el-rei nosso senhor no faustissimo dia 6 de Junho de 1775. — Soneto.* No fim lê-se : *Do Dr. Ignacio José de Alvarenga*. É o segundo da presente collecção.

(4) *Patriota*, v. II, n. 1, p. 46, e *Parn. bras.*, t. I,

cad. 1, p. 19. É o sexto d'esta collecção. O ultimo verso do primeiro terceto lia-se assim :

Para as humidas grutas do Oceano.

Na errata manda-se ler :

Pelas humidas grutas do Oceano.

(5) *Parnaso brasileiro ou Collecção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto ineditas como já impressas*, 2 vol. in-4, Rio de Janeiro, 1829-1831.

(6) *Parn. bras.*, t. I, p. 17. É o undecimo d'esta collecção. Parece incrivel que o erudito conego Januario da Cunha Barbosa imprimisse este soneto como feito n'um outeiro por occasião de saber-se da nomeação de um bispo! E é ainda o mesmo conego quem o affirma na *Breve noticia sobre a vida de I. J. de Alvarenga Peixoto*, *Parn. bras.*, t. II, cad. 7, p. 3, quando diz : « A sua reputação como poeta firmou-se em annos bem tenros, tanto que Alvarenga Peixoto apenas contava quatorze annos de idade quando improvisou o excellente soneto sobre a nomeação de um bispo, que já publicámos no primeiro tomo do *Parnaso brasileiro*, cujo mote era :

Noméa vice-Deos o grande Augusto.

Se a nomeação do bispo e o assumpto do soneto não me parecessem um verdadeiro enigma, por certo que deixaria passar o soneto como uma poesia inintelligivel para mim ; quiz, porém, decifrar o enigma e não vi mais do que a guerra de Octavio e Antonio, a batalha de Accio, em que Antonio é vencido pelo seu rival, que ainda vai procural-o ao Oriente, onde o força a suicidar-se, e, na sua volta triumphante a Roma, recebe Octavio os titulos de *imperator* e *augustus*, e torna-se quasi um deos ou um vice-deos.

O primeiro verso do primeiro terceto, que se imprimio erradamente :

> O fatal estandarte a *Grecia* enrole,

em vez de :

> O fatal estandarte a *guerra* enrole,

tornava ainda mais enigmatico o misero soneto, subjugado por uma mitra e um baculo desconhecidos !

O penultimo verso :

> Antes que Roma *e* Roma se desole,

vai assim emendado :

> Antes que Roma a Roma se desole,

que foi sem duvida como o autor o escreveu, e que sublime que não é elle !

(7) *Parn. bras.*, t. I, cad. 1, p. 18. É o oitavo d'esta collecção.

(8) *Parn. bras* , t. I, cad. 1, p. 19. Este soneto, que é o decimo-nono d'esta collecção, parece ter sido dedicado a D. Rodrigo José de Menezes e Castro, que depois foi conde de Cavalleiros. Confesso que o seu assumpto foi sempre um enigma para mim.

Este verso :

> Que ao longe *apontas* de teu rio a barra,

Acha-se impresso no *Parnaso brasileiro* d'este modo :

> Que ao longe *mostras* de teu rio a barra.

Segui a lição da corrigenda que vem no fim.

Este outro :

> O grande Castro *em* bronze, *em* ouro, *em* ferro,

que pelas erratas deveria ser, não sei com que razão :

> O grande Castro *em* bronze, *d'*ouro *e* ferro,

vai assim emendado :

> O grande Castro, d'ouro e bronze e ferro.

(9) *Parn. bras.*, t. I, cad. 1, p. 20. Este soneto, que é o terceiro n'este livro, foi feito em 1777. O rei D. José I falleceu no dia 23 de Fevereiro d'esse anno.

(10) *Parn. bras.*, t. I, cad. 1, p. 20. É o setimo d'esta collecção.

(11) *Parn. bras.*, t. I, cad. 1, p. 21. Os poucos ou nenhuns conhecimentos que tenho da genealogia portugueza ou brasileira me não permittem saber quem seja a illustre matrona tão decantada n'este soneto, que é o decimo-terceiro n'esta collecção. O que é certo é que os poetas se enthusiasmárão com a tal D. Joanna, e que BASILIO DA GAMA, tambem inspirado por ella, lhe dedicou o seguinte soneto :

> A idade, aquella idade, que primeiro
> Vio em mão delicada o sceptro e o mando,
> E a Egypcia, que a ruina pôde amando
> Duas vezes causar ao mundo inteiro :
>
> Que vio levada de furor guerreiro,
> Parte da trança negra ao vento dando,
> Correr c'um peito atado, outro ondeando
> A usurpadora mãi do Assyrio herdeiro :
>
> Que vio co' a mão, que erguèra uma cidade
> Confundir com o dom da mão troyana
> Um resto de fraqueza e de saudade;

Que ultrajada belleza, alma romana,
Vio nadar o seu sangue; — aquella idade
Tudo não vio porque não vio Joanna!

O soneto de Alvarenga Peixoto parece ter sido feito como que em continuação do de Basilio da Gama.

(12) *Parn. bras.*, t. I, cad. 4, p. 57. É o decimo-quarto d'este livro.

(13) *Idem*. É o decimo-quinto.

(14) *Idem*, p. 58. Tenho tambem este soneto em manuscripto com a seguinte nota : « Feito em Mafra em 1795 por occasião de S. M. assistir a uma sessão da academia. » A ser assim ha todavia erro de data. N'esse anno, segundo se diz, já o autor estava na eternidade.

(15) *Parn. bras.*, t. I, cad. 4, p. 59. É o quinto n'esta collecção.

(16) *Parn. bras.*, t. I, cad. 5, p. 41. A bella Maria Iphigenia completava então o seu setimo anno de idade. Foi portanto este soneto, que é o duodecimo da collecção, composto no anno de 1786, pois nascêra aquella menina em 1779. *V.* nota 75.

(17) *Parn. bras.*, t. I, cad. 4, indice p. 80 e erratas p. 84.

(18) V. *Peças justificativas*, v. *Def. do proc. dos réos*.

(19) *Parn. bras.*, t. I, cad. 1, p. 65. É o que vai em decimo-sexto lugar.

(20) Já estava escripto este trecho, quando, tornando a rever as erratas do *Parnaso brasileiro*, achei que o conego Januario da Cunha Barbosa corrigio esse engano. A causa de semelhantes trocas explicou o illustre editor na *Introducção* da sua obra, escripta depois da impressão dos quatro primeiros numeros do pri-

meiro tomo, pela seguinte maneira: « As muito bem acabadas producções dos melhores engenhos jazião nas trevas do esquecimento, já por existirem ineditas em mãos avaras ou incuriosas, já por haverem sido dadas á estampa confusa e destacadamente em collecções a que nem sempre presidio o bom gosto. Os mesmos nomes dos mais abalisados autores de composições poeticas dignas de cedro e bronze andavão até trocados, e muitas d'ellas havia, e não das menos distinctas, que corrião anonymas, por se ignorar completamente quem fossem os seus verdadeiros escriptores. »

(21) *Miscellanea poetica ou Collecção de poesias diversas de autores escolhidos*, 1 vol. in-4, Rio de Janeiro, 1853. Foi publicada pelo Sr. Elias Mattos, p. 71.

(22) O editor não affirma que este soneto seja de Alvarenga Peixoto. Diz *parece de I. J. de Alvarenga*. Possuo, porém, o manuscripto de que elle se servio com a assignatura do poeta.

O segundo verso, que no manuscripto se lê assim:

Nem a escura prisão estreita e forte,

acha-se impresso na *Miscellanea poetica* d'este outro modo:

Uma escura prisão estreita e forte.

Conservei a lição do manuscripto. É o decimo-setimo n'este livro.

(23) É o primeiro d'esta collecção.

(24) Figura em nono lugar.

(25) Este soneto, que vai em decimo lugar, é escripto da propria mão do autor, segundo julgo pelo conhecimento que tenho de sua lettra.

Possuo ainda um soneto inedito, com a sua assignatura, que

assentei de não juntar ás suas obras. Acho-o indigno do autor, e por demais offensivo aos heróes da emancipação da America ingleza, depois Estados-Unidos. Antonio José escrevia no fim de suas comedias as *Declarações de fé*. Alvarenga Peixoto compunha sonetos taes e quejandos. O que é certo é que a nenhum d'elles aproveitou o expediente. Não se acreditou nem na fé do judêo, nem na fidelidade do inconfidente. Um subio á fogueira, o outro partio para o desterro! A côrte de Lisboa era tão incredula!...

(26) É o que vai em decimo-oitavo lugar. O conego JANUARIO DA CUNHA BARBOSA faz menção d'este soneto no *Parn. bras.*, t. II, cad. 7, p. 6.

(27) T. I, cad. 2, p. 54.

(28) *Novo Parnaso brasileiro ou Selecção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil, precedida de uma introducção historica e biographica por* J. M. PEREIRA DA SILVA. 2 vol. in-12, Rio de Janeiro, 1843-1848. T. I, p. 117.

(29) P. 126. Ahi se lê : *De Ignacio José de Alvarenga, estando preso, á sua mulher.*

As estrophes d'esta lyra terminão sempre com o estribilho, que n'esta collecção se supprimio :

Isto é castigo
Que amor me dá.

(30) *Parn. bras.*, t. I, p. 9. *N. Parn*, t. I, p. 122.

(31) *Parn. bras.*, t. I, p. 6. *N. Parn.*, t. I, p. 126.

(32) Mal pensava o poeta que os seus bellos e harmoniosos versos, que deixou incompletos, terminarião por estas linhas prosaicas, muito prosaicas, do Dr. José Caetano Cesar Ma-

niti : « Reconheço a lettra retro e supra ser do proprio punho do coronel Ignacio José de Alvarenga pelo perfeito conhecimento que da mesma tenho. » 1789 *Autos de devassa que mandou proceder o Dr. desembargador Pedro José Araujo de Saldanha, ouvidor geral e corregedor d'esta comarca, por ordem do Illm. e Exm. Sr. visconde de Barbacena, governador e capitão-general d'esta capitania, sobre a sedição e levante que na mesma se pretendia excitar.* Fol. 59. *V.* nas *Peças justificativas* o *Auto de exame e separação feita nos papeis apprehendidos ao coronel de auxiliares da comarca do Rio das Mortes Ignacio José de Alvarenga*, extrahida da mesma devassa á fol. 58.

Os estudiosos folgaráõ com encontrar aqui as variantes que existem no original d'essa ode não acabada, e ver a maneira por que o nosso poeta limava as suas poesias.

A quarta estrophe foi escripta assim :

Não ha barbara fera
Que a *razão* e a prudencia não domine;
Quando a *razão* impera,
Que leão póde haver, etc.

A palavra razão do segundo verso foi riscada e substituida pela *valor*, ficando o verso d'esta fórma :

Que o valor e a prudencia não domine.

Os dous primeiros versos da quinta estrophe erão :

Prodiga a natureza
Fundou n'este paiz o seu thesouro,

e forão emendados assim :

Que fez a natureza
Em pôr n'este paiz o seu thesouro.

A sexta estrophe começava com os seguintes versos :

> *Qual formada nos* ares
> *Em densa nuvem grossa* tempestade,

que forão substituidos por estes :

> *Qual* sobre os densos ares
> Horrenda tempestade *já formada*.

Não contente com essa substituição o poeta ainda fez uma terceira correcção, que é a seguinte :

> *Já* sobre os densos ares
> Horrenda tempestade alevantada.

A setima estrophe era assim :

> Assim a grande Augusta,
> Que vê o mal com animo paterno,
> *N'uma* mão *sabia* e justa
> Vem collocar as redeas do governo;
> Eu vejo a náo já *livre da tormenta*
> Buscar o porto *livre da tormenta*.

E soffreu as seguintes alterações :

> Assim a grande Augusta
> Que vê o mal com animo paterno,
> *Em* mão *prudente* e justa
> Vem collocar as redeas do governo.
> Eu vejo a náo, já *do perigo isenta*,
> Buscar o porto livre da tormenta.

A emenda do penultimo verso parece ter sido feita antes da composição do ultimo verso, e a ode escripta de improviso e nunca passada a limpo, tanto mais que o autor a deixára de concluir. É escripta em tres paginas de meia folha de papel almaço, dobrada em quarto; a ultima está em branco.

(33) *Parn. bras.*, t. I, cad. 1, p. 31; *N. Parn.*, t. I, p. 244.

(34) *Collecção de poesias ineditas dos melhores autores portuguezes.* 3 vol. in-16, Lisboa, 1809-1811. T. III, p. 31.

(35) T. I, p. 7, e notas 29 e 30.

(36) É a primeira poesia publicada no 1° cad. do t. I, á p. 5.

(37) O autor occultou-se sob a mascara do incognito, omittindo a sua assignatura. A ode é a seguinte:

Em sonhos vi um Indio magestoso,
De presença gentil, altivo e forte:
Mostrava no semblante respeitoso
    Da alegria o transporte;
Barbaro o trajo, mas riqueza tanta
Dos miseros mortaes a vista encanta.

Zona de pelles de diversas côres,
Guarnecida de pedras preciosas,
Representa do sol os resplendores;
    Oh! que pennas mimosas!
Sobre o cocar, thesouro de riqueza,
É tudo quanto póde a natureza!

Cinto de curtas pennas recamadas
Tem em torno de si pennas compridas
De differentes côres matizadas;
    E as plumas fendidas
Formão ao todo um circulo composto
Lindo saiote da natura ao gosto.

Pendia ao tiracol de branco arminho,
Com rubins e saphyras, que encantava,
Concavo dente de animal marinho,
    Que lhe serve de aljava;
Porém as settas e o seu arco forte
Longe deixou, que já não teme a morte.

Rompe montões de apinhoada gente,
Procurando do paço a regia sala;
Eis que apparece o principe regente,
E o Indio assim lhe falla,
Cheio de submissão e de respeito
Co' as mãos cruzadas no constante peito:

« Venho a teus pés, ó principe sagrado,
Beijar a regia mão de agradecido
Por teres meus direitos sustentado
Com valor desmedido,
Desmedido valor, prudencia e arte,
Dons conferidos só a Jove e Marte.

« Assim da Providencia a equidade,
Condoida de tanto soffrimento,
Em meus braços lançou a magestade,
Quando a Europa em tormento
Vê os ultimos thronos abalados,
Monarchas presos, outros degradados.

« Fui então exaltado a reino unido
Pelo sexto João, piedoso e terno,
Mas tirou da ternura o seu partido
A caterva do inferno,
Que reduzio do teu imperio nobre
O ouro e a prata a só papel e cobre.

« Gemia Portugal, tudo gemia,
Em desgraça fatal e sorte dura;
Apparece na Europa a luz do dia
Para nós sombra escura;
Visto nossos irmãos d'esse hemispherio
Quererem captivar todo este imperio.

« Pedem o rei e a familia excelsa
A pretexto de amor e lealdade;
Vai o sexto João sem que conheça
A encoberta maldade;
Elle emfim nos deixou, não de aggravado.
Visto deixar o seu penhor amado.

« Se a constituição era capaz
De nos abrir as portas da ventura,
Se desceu sobre nós anjo de paz,
Novo sol de luz pura,
Como apparece negra a atmosphera
Vindo empestar a brasileira esphera?

« Embora que o congresso corrompido
Contra os meus interesses decretasse;
Os vis ferros já tinha sacudido,
Tudo mudou de face;
Seguiremos a lei se a lei fôr justa,
Mas não tente campar á nossa custa.

« Proclamarem o bem a bem dos povos
Tanto da Europa como do Brasil,
E promulgarem dous decretos novos
Com politica vil!...
Como já se acabou o despotismo,
Se apparece de novo um novo abysmo?

« Tres seculos vivi escravisado,
Arrastando grilhões de impiedade;
Acabou esse tempo desgraçado,
Não soffro a iniquidade;
Tenho em ti defensor, tenho justiça,
Hei de calcar aos pés a vil cubiça.

« Protesto e juro ante o céo e a terra
De não temer combates sanguinosos
Té derrotar em defensiva guerra
Monstros ambiciosos,
Que cegos da razão com sêde de ouro.
A' brilhante nação causão desdouro.

« Não julgues, Portugal, em nós fraqueza,
Pelo estado do antigo soffrimento:
Este paiz, nascente, de riqueza
E' um novo portento:
O gigante Brasil inabalavel,
E' pelo seu local inconquistavel.

« Nós temos conselheiros respeitosos,
Temos heróes de esphera sublimada,
Temos um principe, que nos faz ditosos;
Vindo a paz desejada,
Que mais desejaráõ os filhos meus,
Seguindo as leis do verdadeiro Déos ? »

Disse, e a beijar tornou a real mão
Do grande Pedro, defensor amado,
Que esteve attento ouvindo a narração
Do Brasil exaltado.
Exaltado Brasil, agora é justo
Erguer-se a Pedro grande eterno busto.

(38) *Jornal poetico ou Collecção das melhores composições em todo o genero dos mais insignes poetas portuguezes, tanto impressas como ineditas, offerecidas aos amantes da nação.* 1 vol. in-8º, Lisboa, 1812, p. 128.

Quando colleccionei as poesias de Silva Alvarenga não tinha presente esta obra, nem me foi possivel encontral-a em bibliotheca alguma d'esta côrte, e bem a meu pezar deixei de incluir as *Oitavas ao governador de Minas-Geraes* citadas pelo Sr. Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario bibliographico portuguez, estudos applicaveis a Portugal e ao Brasil*, t. VI, p. 7, n. 700, como composição de Silva Alvarenga. Vejo agora, como então previra, que houve confusão de nomes, pela semelhança dos appellidos. As *Oitavas ao governador de Minas-Geraes* pertencem a Ignacio José de Alvarenga, como se lê no *Jornal poetico*, e não a Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, e são as mesmas que, lidas annos depois n'uma das reuniões dos conjurados, pelo seu autor, enthusiasmárão a todos elles e foi coberta de applausos. *V.* nota 119, e tambem *Obras poeticas de Silva Alvarenga*, t. 1, p. 85, nota 12.

(39) T. I, cad. 1, p. 12. O conego Januario da Cunha Barbosa classificou esta composição de *Canto epico*, e a meu ver mui impropriamente, e ajuntou *Baptisando-se em Minas o*

filho do Exm. Sr. D. Rodrigo José de Menezes. O livreiro DESIDERIO MARQUES LEÃO chamou-a simplesmente *Oitavas ao nascimento de D. José Thomaz de Menezes, filho de D. Rodrigo José de Menezes, governador de Minas-Geraes.*

Esta poesia deve ter sido composta entre os annos de 1780 a 1783, pois D. Rodrigo José de Menezes e Castro, depois conde de Cavalleiros, tomou posse em 20 de Fevereiro de 1780 e passou depois o bastão de capitão-general a Luiz da Cunha e Menezes em 10 de Outubro de 1783, para ir governar a capitania da Bahia.

A poesia publicada pelo conego JANUARIO DA CUNHA BARBOSA é mais completa e muito mais correcta. Na impressa no *Jornal poetico* pelo livreiro DESIDERIO MARQUES LEÃO falta a quinta oitava.

(40) T. I, cad. 4, p. 74.

(41) Eis o que a esse respeito já deixei dito nas *Brasileiras celebres*, cap. V, p. 190 :

« A poesia que servíra de suave e ligeiro passatempo a D. Barbara Heliodora nos dias de sua infancia, que emprestára uma linguagem divina á innocente expressão dos affectos nos felizes dias de seus amores ; a poesia que ficára esquecida durante as lidas domesticas da mulher mãi, cuja felicidade cifrava-se unicamente no bem-estar de seus filhos, na contemplação de sua innocencia, no ver de seus brincos e folguedos, na educação de suas inclinações, no cultivo de seu espirito ; a poesia veio de novo accordar-lhe os sons harmoniosos de sua lyra, entornar-lhe nas chagas do coração lanhado e comprimido o balsamo da consolação e da esperança, mitigar-lhe o ardor doce e amargo da saudade, e traduzir seus gemidos, verter seus suspiros em versos sentidos, que se lhe desprendião dos labios com o accento pungente da melancolia.

« Aquella tremenda provança, que mais tarde tornou Silvio Pellico infiel á politica e desdenhoso de suas seducções, como o

amante resentido da offensa de sua amada, trouxe-lhe com a desgraça a experiencia, cujos fructos são sempre amargos; d'ahi esses *conselhos* n'essas elegantes sextilhas, com uma graça, com uma naturalidade difficeis de se imitarem, n'um estylo todo familiar, repletas de annexins que estão nos mostrando o typo dos delatores que tão sanguenta peripecia preparárão a esse drama chamado conjuração mineira. »

(42) Foi baseado n'essas supposições feitas por alguem sem o menor fundamento que o Sr. FERNANDO WOLF disse na sua recente obra : « Son nom d'emprunt était probablement *Eureste Phenicio.*» *V. Le Brésil littéraire, histoire de la littérature brésilienne, suivie d'un choix de morceaux tirés des meilleurs auteurs brésiliens.* Berlin, 1 vol. in-4º, 1863, chap. 7, p. 74.

(43) Nas *Obras poeticas de* SILVA ALVARENGA, t. I, p. 110, n. 91, demonstrei as difficuldades em que me achava a respeito da data e lugar da fundação da Arcadia ultramarina, bem como ácerca de alguns nomes pastoris, que ficárão subsistindo em pura perda dos verdadeiros nomes dos arcades; e, pelo contrario, os nomes pastoris que terião na Arcadia brasileira muitos de nossos poetas, e sobretudo Alvarenga Peixoto.

Depois de muitos estudos e pesquizas, vi que a elucidação da questão era de todo em todo impossivel n'esta côrte por falta dos necessarios documentos. Lembrei-me que sendo a maior parte dos arcades ultramarinos tambem arcades romanos, talvez se pudesse obter da Arcadia de Roma alguns esclarecimentos. O meu amigo o Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo incumbio-se de escrever a seu illustre irmão, o Exm. Sr. José Bernardo de Figueiredo, encarregado dos negocios do Brasil nos Estados Pontificios, pedindo-lhe as seguintes informações :

1º Quem erão os arcades de que se faz menção em obras impressas em 1768 sob os seguintes nomes :

Eureste Phenicio,
Ninfejo Calistidi?

2º Em que dia José Basilio da Gama (Termindo Sipilio) e Claudio Manoel da Costa (Glauceste Saturnio) entrárão para a Arcadia de Roma, isto é, antes de 1768. Se existe ahi algumas poesias d'elles ineditas ou impressas?

3º Se fizerão parte da Arcadia de Roma alguns Brasileiros do seculo passado, que tivessem estes nomes pastoris:

Alceu,
Critillo,
Dirceu,
Driario,
Evandro,
Mireu,
Nimpheu?

Como se chamavão pelos seus nomes proprios?

Quaes os seus nomes pastoris completos?

Quando entrárão para a Arcadia?

O que ha d'elles?

4º Se além d'esses consta que outros poetas do Brasil fizessem parte da Arcadia de Roma no seculo passado?

5º Se o padre José de Santa Rita Durão era tambem socio da Arcadia, sob que nome, e quando foi admittido?

6º Se consta na Arcadia de Roma a creação da Arcadia ultramarina no Brasil, que parece ter existido em 1768, ou anteriormente a esta data?

Se era filial á de Roma?

Emfim qualquer noticia que haja a respeito da mesma.

Eis aqui a resposta que recebi, por intermedio de tão illustres cavalleiros:

« Illustre amigo. — Remetto-lhe os papeis que recebi de Roma pelo paquete que volta hoje para a Europa.

« Pela carta inclusa de meu irmão verá as diligencias que

elle empregou para servir-nos, porém tudo foi baldado!...

« Mande suas ordens ao seu amigo fiel e sincero, — *Carlos Honorio.*

« Em 25 de Fevereiro de 1865. »

« Roma, 5 de Janeiro de 1865.

« Mano.—Esta sómente serve para lhe dizer que apezar de meus esforços e diligencias, como prometti-lhe na minha precedente, nenhuma informação satisfactoria pude obter da Arcadia, conforme desejava o seu amigo o Sr. J. Norberto de Souza Silva.

« Na carta inclusa que me dirigio o sub-custodio da dita Arcadia, verá que elle diz que faltão cartas interessantes e um indice ou synopsis dos socios, e por isso não póde dar-me as informações solicitadas, e apenas deu-me poucas, ou noticias sem importancia.

« Remettendo-me o Sr. Egidio Fortini, sub-custodio, taes informações, me enviou tambem esses versos para S. M. o Imperador.

« Espero que, convencido das razões expendidas, me fará a justiça de crer que se fui mal succedido n'esta commissão não foi por falta de solicitude ou negligencia da minha parte.

« Saudosas recommendações, etc.

« Seu mano e amigo do coração, — *J. B. de Figueiredo.* »

« Eccmo. Sig. Minstro. — Per corrispondere alle premure della Ec. V. non ha mancato il sottoscritto di fare le più accurate ricerche n'ell' Archivio di Arcadia, per rinvenire i nomi e le altre notizie che l'Ec. V. desidera, riguardo agli Arcadi Brasiliani, come anche alla Colonia di Oltromare, existente nel Brasile; ma nulla di tuttocio ha potuto rinvenire.

« Dispiacente pertanto di non potere corrispondere alle brame della Ec. V., come avrebbe desiderato, si augura il bene di

poterla servire in altra più fortunata circostanza, mentre col più profondo rispetto passa umilmente a dichiararsi — Della Ecc. V. — Um° Dev° Serv^{e}. — *Egidio Tortini*, Sotto Custode ed Archivista di Arcardia. — Ecc^{mo} Sig. Ministro de S. M. l'Imperatore del Brasile. — Li 18 de Ottóbre 1862. »

« *Rapporto dell' Archivista di Arcadia a S. Ecc.il Sig. Ministro di S. Maestà l'Imperatore del Brasile sulla sua richiesta riguardo agli Arcadi Brasiliani.* — Avendo l'Archivio di Arcadia sofferto delle vicende segnatamente in questi ultimi tempi per cui mancano delle carte interressanti, ed essendo anche mancante di un indice esatto degli enti che vi si custodiscono, non si possono quindi rinvenire le notizie che l'Ec. V. desidera riguardo agli Arcadi Brasiliani. Si trovano solamente pochi nomi degli Arcadi Portoghesi, fra i quali quello del P. D. Antonio Betancourt Monaco Geronimiano, chiamato in Arcadia *Lusisto*, il quale recitò un sonetto in lingua portoghese in occasione della solenne adunanza tenuta nell' anno 1744 per la ricuperata salute del rè di Portogallo Giovanni Quinto, detto in Arcadia *Arete Melleo*, di sempre gloriosa ricordanza, ed è il seguente sonetto in lingua portoghese :

« Se tem por singular felicidade
Portugal seu monarcha destinado,
Para o culto ter sempre exaltado
Cá na terra a Divina Magestade :

« Vós, Senhor, com tal singularidade
N'esta serie real sois igualado
Ao primeiro que rei foi acclamado,
No valor, no zelo, e na piedade.

Da Romana Igreja, por felice sorte,
Sois, emfim, o monarcha lusitano,
Inclito defensor, potente, e forte;

« Pois quer o poder mais soberano
Dispensando na lei da mesma morte,
Que o asylo sejais do Vaticano. »

« Nella medesima raccolta vi sono anche altri sonetti in lingua portoghese che si tralasciano perche non si conosce se gli autori fossero veramente portoghesi.

« Trovasi anche una elegia latina recitata dal Sig. Ab. Giorgio Ayres de Castro, Portoghese, fra gli Arcadi *Rosïsco Tisbense*, in occasione della Accademía tenuta in lode di Giuseppe I, rè di Portogallo, e del Pontefice Clemente XIV nel 1770.

« Evvi poi la lettera di Giovanni V, rè di Portogallo, tradotta dalla lingua portoghese in questi sensi :

« Fuori. — Per il rè ad Antonio Francesco De Felici. —
« Dentro. — Antonio Francesco De Felici. Io il rè mando a
« salutarvi molto. La risoluzione del Congresso degli Arcadi, e
« la loro supplica che mi presentate nel vostro foglio sono state
« da me molto gradite, si perche mi viene offerta la succes-
« sione ad un luogo che fù onorato dalla persona del S. Pon-
« tefice Clemente XI, di gloriosa memoria, come perchè mi si
« da l'occasione di prender sotto lo mia Real protezione un
« Accademia tanto conosciuta in Europa, e tanto giustamente
« stimata quanta è quella degli Arcadi di Roma, e cosi potrete
« assicurare tutti che esperimenteranno gli effetti della mia
« beneficenza e a voi in particolare non mancheranno quelli
« del mio patrocinio.

« Dato in Lisbona Occidentale li 25 Novembre 1721. — Il
« Rè. »

« Nell' Elenco di tutte le Colonie Arcadiche non vi è quello della Arcadia Ultramarina nel Brasile : se però volesse questa aggregarsi ora alla nostra Arcadia, sarebbe certamente cosa grata a tutti gli Accademici, e se vuolsi avere un' accenno dell'

origine e regolamento di questa Romana Accademia, diremo che la fondazione di Arcadia avvenne nel Gianicolo entro il giardino de Padri Riformati di S. Francesco il dì 5 di Ottobre dell' anno 1690 sotto il Pontificato di Alesandro VIII Ottoboni. I fondatori furono quattordici, cioè, Paolo Coardi, Ab. Paolucci, Leonio Vincenzo, Silvio Stampiglia, Gio. Vincenzo Gravina, Gio. Maria Crescimbeni, Gio. Battista Zappi, Carlo Tommaso Maillord di Tournon di Nizza poi Cardinale, Pompeo Figari, Paolo Ant. Del Negro, Mons. Melchiorre Maggi, Jacopo Vinnicelli, Paolo Ant. Viti, Agostino Maria Ab. Taja. Presero essi i nomi pastorali e contarono gli anni colle Olimpiadi. Il Gravina scrisse le leggi che son le qui accluse, la publicazione delle quali fù fatta solennemente nel Bosco Parrasio che allora era situato negli Orti Palatini, dedicato al Sommo Pontefice Innocenzo XII, dichiarato Pastore massimo di Arcadia, come lo sono i suoi Successori.

« La serie dei Custodi Generali d'Arcadia è la seguente :

« Gio. Maria Crescimbeni, col nome di *Alfesibeo Cario*, I° Custode.

« Francesco Maria Lorenzini, col nome di *Filacida Luciniano*, II° Custode.

« Michele Giuseppe Morei, col nome di *Mireo Rofeatico*, III° Custode.

« Giuseppe Brogi, col nome di *Acamante Pallanzio*, IV° Custode.

« Gioacchino Pizzi, col nome di *Nivildo Amarinzio*, V° Custode.

« Luigi Godard, col nome di *Cimante Micenio*, VI° Custode.

« Mons. Loreto Antonio Santucci, col nome di *Larindo Tessejo*, VII° Custode.

« Mons. Gabriele Laureani, col nome di *Filandro Geronteo*, VIII° Custode.

« Prof. Paolo Barola, col nome di *Cratildo Lampeo*, IX° Custode ; tutt' ora esistente.

« Questa Accademia tiene ordinariamente le sue tornate di mese in mese e si aduna alla Sala detta del Serbatojo d Arcadia.

« Le adunanze più solenni si tengono alla Protomoteca Capitolina per concessione del S. Pontefice Leone XII, ove sono i busti in marmo degli Uomini più celebri d'Italia in ogni scienza. Le adunanze estive si fanno al Bosco Parrasio alle falde del Gianicolo edificato per munificenza della prelodata Maestà di Giovanni V, rè di Portogallo, e restaurato poi con bella architettura per opera della Sa. me. di Gregorio XVI.

« Questi brevi accenni serviranno per dar in qualche modo evasione ai desideri di S. Ecc , sebbene non relativi all' inchiesta, per mancanza dei respettivi documenti in Archivio. »

LEGES ARCADUM :

I

PENES . COMMVNE . SVMMA . POTESTAS . ESTO . AD . IDEM CVLIBET . PROVOCARE . IVS . ESTO

II

CVSTOS . REBVS . GERVNDIS . ET . PROCVRANDIS . SINGVLIS OLYMPIAD . A . COMMVNI . CREATOR . MINVSQVE . IDONEVS REMOVETOR

III

CVSTODI . VICARIVS . ET . COLLEGAE . DVODECIM . ADSVNTO EORVM . SINGVLIS . ANNIS . CVSTOS . CONSVLTO . VNIVERSO COETV . NOVOS . SEX . IN . ORBEM . ELIGITO . SEX . VETERVM RETINETO . ADMINISTROS . SIBI . DVOS . ADSVMITO . PRAETER . HAEC ALIA . MVNERA . PVBLICA . NE . SVNTO . PATRONVS . NVLLVS . ESTO

IV

SVFFRAGIA . SECRETA . SVNTO . EAQVE . IN . CVSTODE CREANDO . AVT . REMOVENDO TRIFARIAM . DIVIDVNTOR IVSTVSQVE . NVMERVS . DVAE . PARTES . SVNTO . CAETERIS . IN REBVS . BIFFARIAM . DISPERTIVNTOR . QVIQVE . PARTEM DIMIDIAM . EXSVPERAT . NVMERVS . IVSTVS . ESTO . SI . PARIA FVANT . ITERANTOR . DEINCEPS . RES . SORTI . COMMITTITOR

V

QVICQVID . PER . COLLEGIVM . DE . REBVS . COMMVNIBVS ACTVM . GESTVMVE . FVAT . QVO . PERPETVO . RATVM . SIET PER . CVSTODEM . AD . COMMVNE . REFERTOR

VI

COETVS . VNIVERSVS . RELATIONIBVS . AVDIVNDIS . ACTISQVE COGNOSCVNDIS . HYEME . SALTEM . BIS . IN . AEDIBVS . CARMINIBVS AVTEM . AVT . ORATIONIBVS . PRONVNCIANDIS . PRAESENTIVM QVIDEM . PASTORVM . PER . ANNVM . SEXIES . ABSENTIVM . SEMEL VERNIS . ET . AESTIVIS . FERIIS . IN . NEMVS . PARRHASIVM . PER CVSTODEM . SVB . DIO . CONVOCATOR

VII

MALA . CARMINA . ET . FAMOSA . OBSCOENA . SVPERSTITIOSA IMPIAVE . SCRIPTA . NE . PRONVNCIANTOR

VIII

IN . COETV . ET . REBVS . ARCADICIS . PASTORITIVS . MOS PERPETVO . IN . CARMINIBVS . AVTEM . ET . ORATIONIBVS . QVANTVM RES . FERT . ADHIBETOR

IX

ARCADICO . NOMINE . TYPIS . INIVSSV . PVBLICO . NEQVID EDITOR

X

QVOT . PRAEDIORVM . ARCADICORVM . TITVLI . TOTIDEM PASTORES . PASTORVMQVE . NOMINA . SVNTO . INQVE . MORTVI AVT . EXPVNCTI . LOCVM . ALIVS . SVFFICITOR

SANCTIO

SI . QVIS . ADVERSVS . H. L. . FACIT . FAXIT . FECERIT . QVIQVE FACIT . FAXIT . FECERITQVE . QVÓMINVS . QVIS . SECVNDVM . H. L. FACERET . FECISSETVE . FACTVRVSVE . SIET . CONFESTIM EXARCAS . ESTO . EIVSQVE . NOMEN . CORAM . COLLEGIO . PER CVSTODEM . INDVCITOR

SI . QVID . IN . HIS . LEGIBUS . OBSCVRVM . PERPLEXVMVE SIET . SIVE . COMPREHENSVM . NON . SIET . COMMVNI ARCADVM . CONSVLTIS . PERITIORIBVS . INTER . PASTORES . MORE MAIORVM . INTERPRETANDI . SVPPLENDIQVE . IVS . ESTO QVODQVE . DECRETVM . IVDICATVMVE . SIET . PENES CVSTODEM . ADSERVATOR . IN . LEGVM . TABVLAS . NE . REDIGITOR NVLLI . NOVAS . LEGES . FERRE . FAS . ESTO

ALPHESIBOEVS . CARYVS . CVSTOS . COETVM VNIV . ITA ROGAVIT . VELITIS . IVBEATIS . ARCADES . VT . QVAE . IN . HIS LEGIBVS . AD . NOSTRI . COMMVNIS . REGIMEN . COMPREHENSA PRESCRIPTAQVE . SVNT . AVTHORITATE . IVSSVQVE . COMMVNI IVSTA . RATA . FIRMA . PERPETVO . SIENT . IISDEMQVE PASTORES . POSTHAC . OMNES . PERPETVO . TENEANTVR . VT QVICVMQVE . ARCADICVM . DEINCEPS . NOMEN . ADSVMSERIT OBSTRICTVS . H . L . VELVTI . SACRAMENTO . SIET

COETVS . VNIVERSVS . SCIVIT

OLYMPIAD . DCXVIII . AN . III . AB . A . I . OLYMPIAD . II . A . II . DIE PERPETVO . LAETA

Já agora, para completar estes apontamentos e os que estão nas *Obras poeticas de Silva Alvarenga*, notarei que Bartholomêo Antonio Cordovil, poeta fluminense, contemporaneo de

Silva Alvarenga, e como elle amigo do vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza, tinha o nome pastoril de *Evandro*, e que d'elle existe uma epistola em tercetos endecasyllabos dirigida aos arcades do Rio de Janeiro, e que principia assim :

> Socios queridos, que voais ligeiros
> Pelas vastas campinas de Minerva
> Até parar nos delphicos outeirós ;
>
> A voz de *Evandro*, que não tem reserva,
> Guardai constantes dentro em vossos peitos,
> Pois que amizade a todos vos conserva.

V. *Parnaso bras.*, t. 1, cad. 1, p. 38.

Transcreverei finalmente aqui o que disserão o Dr. F. DE PAULA MENEZES e os Srs. D. P. SCHUTEL e FERNANDO WOLF a respeito da Arcadia Ultramarina.

Diz o primeiro no seu *Discurso sobre a litteratura brasileira :*

« É n'este estado das lettras que devia o Brasil, a vasta colonia dos Portuguezes, erguer-se com seus poetas ante os olhos admirados do venerando Tejo. Claudio Manoel da Costa, Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Bartholomêo Cordovil, Seixas Brandão, João Pereira, José Basilio da Gama, Rocha Pitta, Santa Rita Durão, rompem a uma para a scena que jámais os podia esperar.

« Já antes tinhão infructiferos ensaios procurado realisar a fundação de sociedades litterarias no seculo passado, n'essa época em que entre Botelho de Oliveira, Bento Teixeira, Lima e Brito, se elevára Gregorio de Mattos, cujas satyras symbolisavão o estado da civilisação e os costumes do tempo ; cujo cynismo e desenfreada licença na pintura dos caracteres contrastão com a graça natural de seu espirito e a originalidade de suas composições. Foi então que no Rio de Janeiro, aqui debaixo da influencia de um fidalgo amigo das lettras, do celebre vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza, fundou-se essa Arcadia, que devia, como a romana, como a lusitana, tornar classica

a nascente litteratura patria. » *Discurso sobre a litteratura brasileira, recitado na augusta presença de SS. MM. II. por occasião da distribuição dos premios no collegio Pedro II, no dia 27 de Novembro de* 1855. (*Jorn. do Com.* d'esta côrte, nº 330 do mesmo anno.)

Diz o segundo nas suas *Breves considerações sobre a poesia no Brasil* :

« Pelas éras de 1782 chegava José Basilio, o poeta foragido, ás plagas do Rio de Janeiro Talvez que os infortunios passados no velho mundo lhe houvessem matado no fundo as crenças de seu coração amargurado, e que elle não esperasse mais na sua patria encontrar allivio, a não ser no socego do retiro; mas um Brasileiro illustre, poeta como elle, e, como elle, penetrado da missão das lettras no nascente paiz, abrio-lhe seu peito e lançou o balsamo santo da amizade nas chagas do desgraçado. Esse poeta era Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, que gozava então dos altos favores e intimidade do vice-rei, Luiz de Vasconcellos e Souza, o protector das lettras no Brasil. Com o apoio e assentimento d'este vice-rei, os dous poetas alistárão no Rio de Janeiro e fazião a chamada dos seus confrades em armas e irmãos de lettras, fundando a *Arcadia ultramarina*, que se compôz de quanto havia de grande e notavel por aquelles lugares; Gonzaga, Claudio, Alvarenga Peixoto, José Basilio, Durão, Cordovil, Domingos Vidal Barbosa, medico e poeta, conjurado do Tiradentes e morto n'Africa, João Pereira da Silva, litterato distincto, Domingos Caldas Barbosa, o improvisador, Livramento, alcunhado o Irmão Joaquim, e muitos outros ainda, forão os homens que se juntárão á sombra de Vasconcellos.

« E tudo corria aos anhelos de tantos espiritos grandiosos que trabalhavão pela gigantesca obra da litteratura patria, quando, ainda uma vez, e, quem sabe? a ultima, Portugal despedaçava os braços de tantos corações generosos ; a Vasconcellos succedia o conde de Rezende.

« Chegado da metropole, sua seiva estava impregnada do veneno do dominio e oppressão, e elle espantou-se ao aspecto de engrandecimento e vulto que tomava essa corporação litteraria encorajada por seu antecessor, a quem talvez os ares do Brasil houverão adoçado o poder, e envolvido o coração no véo encantado que seduzio mais tarde o Rei-Imperador; porque Vasconcellos banhára-se n'uma nacionalidade tão pura e meiga, e deixára-se levar pela branda corrente do progresso brasileiro a esbarrar algum dia na separação da colonia.

« E, receioso, o conde de Rezende dissolveu a Arcadia e prendeu seus membros, que taxou de complicidade nas idéas da revolução mineira. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga foi preso e retido sem processo por quasi tres annos na cadêa, d'onde, solto, foi-se á pacifica e triste solidão, em que morreu, fazendo votos pela liberdade da patria, no dia 1° de Novembro de 1812. » *Analyse das obras de M. A. Alvares de Azevedo.* V. *Annaes da Academia philosophica.* 1ª *serie.* Rio de Janeiro, 1858, n. 4, p. 135.

Diz o terceiro no seu *Brésil littéraire :*

« Elle fut fondée à Rio de Janeiro, sur le modèle de l'*Arcadia italienne*, par les poëtes *Silva Alvarenga* e *José Basilio da Gama*. Le successeur du marquis de Lavradio, le vice-roi D. Luiz de Vasconcellos e Souza (depuis 1779) était grand amateur de littérature, et protégeait particulièrement *Silva Alvarenga*. Ce fut sous son égide et celle de l'évêque D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco que l'*Arcadia Ultramarina* prit naissance. Elle réunit bientôt tous les littérateurs de quelque talent, entr'autres Bartholomèo Antonio Cordovil, Domingos Vidal Barbosa, João Pereira da Silva, Balthasar da Silva Lisboa, Ignacio de Andrade Souto Mayor Rendon, Manoel de Arruda Camara, José Ferreira Cardoso, José Mariano da Conceição Velloso, e Domingos Caldas Barbosa.

« A ces poëtes se joignirent les écrivains nés dans la province de Minas, ou y demeurant, surtout ceux de Villa-Rica (aujour-

d'hui Ouro-Preto), comme José de Santa Rita Durão, Claudio Manoel da Costa, Alvarenga Peixoto, Gonzaga, etc. Ceux-ci formèrent à leur tour entre eux une société célèbre dans les annales littéraires du pays, sous le nom d'*Ecole de Minas* (*Poetas mineiros*). Dans cette province, les mines d'or avaient produit non-seulement une vie matérielle plus active, mais aussi un développement considérable de la culture intellectuelle. C'est précisément de cette province que partirent les mouvements révolutionnaires et les tentatives d'indépendance, à la tête desquelles se mirent ces poëtes. » Ch. V, p. 46.

A data de 1779, que o Sr. Fernando Wolf designa como a da fundação da Arcadia ultramarina, é muito posterior á da sua sabida existencia, como demonstrei com a data da publicação das obras de Claudio Manoel da Costa, no anno de 1768, e nas quaes já elle se dá como arcade ultramarino.

E quem sabe se jámais houve a tal Arcadia ultramarina? Talvez que ella não existisse senão imaginariamente, tomando os poetas os nomes pastoris a seu bel prazer. Seria um sonho de Claudio Manoel da Costa, que tão apaixonado se mostrou por não poder estabelecer as scenas da Arcadia no Brasil? Foi elle quem nos disse : « Aqui entre a grossaria de seus genios que menos pudera eu fazer que entregar-me ao ocio e sepultar-me na ignorancia? Que menos do que abandonar as fingidas nymphas d'estes rios, e no centro d'elles adorar a preciosidade d'aquelles metaes que têm attrahido a este clima os corações de toda a Europa! Não são estas as venturosas praias da Arcadia, onde o som das aguas inspirava a harmonia dos versos. Turva e feia a corrente d'estes ribeiros, primeiro que arrebate as idéas de um poeta, deixa ponderar a ambiciosa fadiga de minerar a terra, que lhes tem pervertido as côres. » *Obras*, Coimbra, 1768, 1 vol. in-8°, *prologo*. Estas obras estão em via de reimpressão para fazer parte da *Brasilia*.

(44) V. *Marilia de Dirceu, lyras de Thomaz Antonio*

Gonzaga, precedidas de uma noticia biographica e do juizo critico dos autores estrangeiros e nacionaes, e das lyras escriptas em resposta ás suas e acompanhadas de documentos historicos. 2 vol. in-8º, Paris, 1862, t. I, p. 47.

(45) As *Cartas chilenas*, que antes se deverião chamar *Cartas mineiras*, forão escriptas contra o governador Luiz da Cunha e Menezes, que dirigio a administração da capitania de Minas-Geraes desde o dia 10 de Outubro de 1783, em que tomou posse, até o dia 11 de Julho de 1788, em que foi rendido por Luiz Antonio Furtado de Mendonça, visconde de Barbacena.

Estiverão por muito tempo manuscriptas, porém disseminárão-se por meio de numerosas cópias, principalmente na provincia de Minas-Geraes, onde erão geralmente conhecidas.

Apparecêrão impressas pela primeira vez em 1845, como fazendo parte da *Bibliotheca brasilica*, que sahia á luz intercaladamente com a *Minerva brasiliense*. A collecção então não se compunha senão de sete cartas. Foi seu editor o illustrado litterato peruano Santiago Nunes Ribeiro, meu saudoso amigo e consocio, que as precedeu das seguintes palavras :

« Estas cartas merecem a attenção dos poetas e amadores da poesia, não só pelo seu merecimento intrinseco, mas por serem attribuidas ao celebre autor da *Marilia de Dirceu*. Aos criticos pertence examinar-lhes o estylo, a feitura metrica, o balanço e movimento do periodo poetico, e ver se estas e outras qualidades são analogas ás de igual genero, peculiares ao poeta, nas suas obras genuinas e authenticadas por todas as provas exigiveis. Cotejar por essas cartas no phraseado, maneira e textura rhythmica, com as lyras, seria um trabalho curioso e mostraria em quem o fizesse cabalmente um grande conhecimento da lingua, dos estylos e locução harmonica da poesia. Inclinando-nos a crer que effectivamente estas cartas são do infeliz Gonzaga, não ousamos fundar-nos em provas

tiradas d'esse exame litterario, porque temos um testemunho que se não é irrecusavel, pelo menos é muito poderoso e digno de respeito. Um ancião enthusiasta da litteratura brasileira, depositario de muitos de seus thesouros, e o que é mais, depositario que não os tem accumulado em seu proveito e sim para os ir dando ao publico, um ancião por estes e outros titulos benemerito das lettras brasileiras, a quem a *Minerva* deve esta obra (que em attenção ao Sr. Dr. Maia foi-nos permittido imprimir), declara o seguinte ácerca d'ella :

« Tenho motivos para certificar que o Dr. Thomaz An-
« tonio Gonzaga é o autor das *Cartas chilenas*. — *Francisco*
« *das Chagas Ribeiro.* » Tanto basta em nosso sentir para que razoavelmente não se possa dizer sem outras provas que essa obra é apocripha. » (*Prologo ou Advertencia.*)

Em 1863 publicou o Sr. Dr. LUIZ FRANCISCO DA VEIGA uma nova edição das *Cartas chilenas*, contendo treze cartas copiadas de um antigo manuscripto de Francisco Luiz Saturnino da Veiga, seu honrado avô. Esta edição é superior á primeira a todos os respeitos.

« As *Cartas chilenas*, diz o illustrado editor, publicadas pela *Minerva brasiliense* na collecção intitulada *Bibiotheca brasilica*, são em numero de sete. No final da setima vem declarado *fim*, o que prova que o Sr. CHAGAS RIBEIRO, tão conhecedor das cousas patrias, como assegura o Sr. SANTIAGO (e eu o acredito), ignorava a existencia das outras cartas, que hoje dou á luz.

« Na sexta carta, impressa em 1845, entre o verso que diz :

Da luzente armadura longos annos,

e o seguinte houve uma omissão de vinte oito versos, o que póde ver quem quizer confrontar os dous impressos ; a setima carta não foi publicada, mas em lugar d'ella publicárão a oitava com aquelle titulo ; a setima encontrará o leitor na pre-

sente edição. Na oitava, publicada em 1845 como setima, entre o verso que diz :

Esta santa verdade com exemplo,

e o seguinte houve uma omissão de trinta e quatro versos, o que tambem se póde verificar. Emfim existe na publicação das sete cartas feita em 1845 um grande numero de erros, muitos dos quaes devem ser attribuidos á typographia que as imprimio. Entretanto, convem dizêl-o, o meu manuscripto é ainda incompleto, como em nota afiança o Sr. Saturnino da Veiga, o qual, até no caderno em que copiou o poema, deixou nos lugares competentes espaços em branco, que infelizmente nunca pôde preencher. » P. 17 do prologo *Convem ler*.

Diz ainda o eximio editor :

« Na cópia que possuo do Sr. Francisco Luiz Saturnino da Veiga, e que serve de base á presente edição, encontra-se no fim da dedicatoria em prosa, o seguinte : « *Villa-Rica*, 9 *de Fevereiro de* 1789, *Tomaz Anttonio Gonzaga.* » A lettra é differente, assim como singular o caracter dos algarismos ; parece que o copista, conhecendo a lettra do poeta, tratou de imital-a. Thomaz está escripto, como se vê, sem *h*, e Antonio tem dous *tt*.

« Na setima carta existe tambem a seguinte nota do mesmo senhor : « Dizem que continha esta carta 299 versos até ao « que diz :

« Que não busque cobril-os,

« como adiante se mostra copiado no resto da mesma carta ; « e que ao copiar do original esta carta o autor (THOMAZ « ANTONIO GONZAGA) dissera que já estava reformado o que « n'ella falta, mas não em estado de poder copiar. O mesmo « succedeu com o fim da XIIIª, que é a ultima ; e que poucos « dias depois fôra preso, sem que haja quem dê noticia de

« tal manuscripto. » Esta nota foi reproduzida tal qual, sem alteração de uma virgula, inclusive o nome de THOMAZ ANTONIO GONZAGA, entre parenthesis, como existe na mesma nota. » P. 12.

São de GONZAGA as *Cartas chilenas?*

Eis ahi uma questão para a qual fui chamado pelo incansavel Sr. INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA, que no seu *Dic. bib. port. e bras.* assim se expressa a respeito :

« Motivos particulares impedírão sem duvida o Sr. Norberto, a quem não é licito suppôr ignorante n'estas controversias, de illustrar a questão com o seu valioso voto, preferindo guardar antes n'este ponto o mais restricto silencio, pois na biographia do poeta (T. A. Gonzaga) se não encontra uma unica palavra a proposito de taes cartas. » T. VII, p. 325.

Acostumado a basear as minhas asserções em documentos irrecusaveis, achei sempre tão fracas as provas deduzidas em favor de T. A. GONZAGA para se lhe dar a paternidade das *Cartas chilenas* que as recusei, e preferi antes nada dizer a semelhante respeito do que cahir em reiteradas contradicções.

E entretanto que de estudos e de investigações não procedi, já sobre as proprias cartas, já compulsando o volumoso processo da *Inconfidencia mineira*, e tudo isso sem o menor resultado?

É opinião geral de que GONZAGA é o seu autor, mas já vimos como se inventára tambem que era elle o encarregado da redacção das leis regulamentares e constitutivas da nova republica, servindo de alvo para tal pela sua reputação litteraria.

Os que affirmão que é GONZAGA o autor d'essas cartas apenas se contentão com dizer que têm motivos para tal, sem que nos mostrem quaes são elles. SANTIAGO NUNES RIBEIRO baseou-se na asserção de FRANCISCO DAS CHAGAS RIBEIRO, pai do joven poeta Francisco Bernardim Ribeiro, e recommendou que se cotejassem essas cartas com as lyras da *Marilia de Dirceu.*

O Sr. Dr. J. M. PEREIRA DA SILVA escreveu no seu *Plutarcho Brasileiro :*

« Ha quem attribua a Thomaz Antonio Gonzaga o poema satyrico das *Cartas chilenas* que appareceu pelo seu tempo na capitania de Minas-Geraes, e que contém passagens bem escriptas e desenhadas; nós, porém, combinando-o com as poesias de Gonzaga, consideramos não ser tal poema composição sua. » V. I, p. 206, nota.

O. Sr. Dr. L. F. DA VEIGA assim conclue no prologo de sua edição, p. 16 :

« Em conclusão parece que sobrão-me razões muito poderosas para acreditar senão para certificar que as *Cartas chilenas* forão escriptas por THOMAZ ANTONIO GONZAGA, o autor da *Marilia de Dirceu.* E nem destróe esta minha crença o facto apontado como decisivo de se fallar em *Dirceu* (Gonzaga) nas mesmas cartas : n'aquelles bellos tempos em que o governo era o arbitrio e a liberdade uma mentira, era (e não deixa hoje de o ser) um meio muito habil para arredar de si toda a suspeita e responsabilidade, o tratar-se da propria pessoa como se de outrem, em uma satyra vehemente dirigida contra o fanfarrão do omnipotente governador, que mesmo n'esta dourada éra da constituição tem tido incriveis e gloriosos imitadores, e tanto assim é, que o autor deu ás presentes cartas o titulo de *Chilenas ;* apresenta-as como traducção e como sendo dirigidas a um governador do Chile, de nome *Minesio*, que é claramente uma contrafeição de Menezes, nome do governador da capitania de Minas-Geraes. Portanto o fallarem as cartas em *Dirceu* não prova não serem ellas de sua lavra, sendo isso pelo contrario um disfarce muito natural, em plena harmonia com outros de que lançou mão o poeta para occultar-se. »

Na segunda edição que fez o mesmo Sr. Dr. PEREIRA DA SILVA da sua obra sob o novo titulo de *Os varões illustres do Brasil* já apparece mais modificado esse seu juizo ; diz elle :

« Foi em 1780, durante o governo de Luiz da Cunha e Menezes, successor do conde de Cavalleiros, que apparecêrão as *Cartas chilenas*, critica fina e vehemente, que ainda hoje se ignora de quem seja composição, se de Thomaz Antonio Gonzaga, se de Claudio Manoel da Costa, se de Ignacio José de Alvarenga Peixoto, ou se de todos tres em liga e combinação. » V. II, p. 84.

Assim tambem o Sr. Dr. L. F. da Veiga modifica por sua vez em algumas notas o juizo emittido no prologo da sua nova edição.

A estes versos da *Carta VIII*, p. 157 :

> A mim nunca apanhárão os capuchos
> Quando no razo assento defendia,

pergunta o editor : « Indicará isto ser autor do poema Alvarenga Peixoto, formado em canones ?

A estes outros da XIª, p. 180 :

> Aqui, meu bom amigo, aqui se passão
> As horas em conversa deleitosa ;
> Um conta que . . . .
> . . . . aquelle augmenta
> A bulha que *Dirceu* com Lauro teve
> Por ciumes crueis de sua amasia.

nota o illustrado critico : « Será isto ainda um disfarce, ou pelo contrario indicio vehemente de que o autor do poema não é Gonzaga? Decidão os criticos que se julgarem competentes. Não tendo nós tomado uma deliberação anticipada de attribuil-o a alguem, pouco nos importa que elle seja do mencionado poeta, ou de Claudio, ou de Alvarenga Peixoto ; principalmente quando os dous ultimos são Brazileiros natos e Gonzaga não. »

A estes versos da *Carta XI*, p. 196 :

> Recebem estes genios aos dous noivos
> E ao ministro do altar os apresentão.
> Ah! formosa Marilia. . . . . . .

Com que custo não dás a mão nevada
Ao teu amado Adonis, que a recebe
Como quem lucra n'ella o seu thesouro,

põe o Sr. Dr. L. F. da Veiga uma nova nota que corrobora a precedente, mas ha manifesto engano. Não se trata ahi da *Marilia* amante de *Dirceu*, mas sim de *Marilia*, rica viuva de um fidalgo a quem o governador Menezes *protegia* e lhe commetteu a gloria de casar com o cabo de esquadra *Jelonio*, que até chorou de contente.

A estes versos da mesma *Carta*, p. 188 :

Eu mesmo Dorotheo que fui dos santos
Que em Salamanca andárão . . . . . .

diz o Sr. Dr. L. F. da Veiga : « Vê-se que o autor era formado (naturalmente) em direito; o que mesmo se deprehende de outros versos em que o poeta mostra conhecimentos juridicos. Infelizmente, para o caso, todos os tres poetas mencionados na *Introducção* erão formados pela universidade de Coimbra, Alvarenga Peixoto em canones e os outros dous em leis, convindo notar-se que Alvarenga Peixoto exerceu os lugares da magistratura. »

Ora, que não é Gonzaga o autor das *Cartas chilenas* está mais do que provado, não só porque se falla d'elle n'essas mesmas cartas, como até mesmo porque Gonzaga não procuraria tratar das disputas que tivera com outrem por causa de uma amasia e tão sómente para escapar á paternidade das celebres satyras. Accresce mais que o estylo d'essas cartas está muito longe do estylo do cantor d'aquellas tão famigeradas lyras que tão grande nome lhe derão. São escriptas com muito deleixo e desalinho para serem do amaneirado cantor da *Marilia de Dirceu*.

São de Alvarenga Peixoto?

Tambem não creio que sejão d'este tão malaventurado poeta, se bem que o estylo do autor das *Cartas chilenas* se

pareça alguma cousa com o estylo de ALVARENGA PEIXOTO pelo abuso do emprego de reduplicações, diacopes, anáphoras, simploces, etc., que o poeta satyrico lança ás mãos cheias pelos seus versos.

Estes e outros versos das *Cartas chilenas* :

> Acorda, Dorothea, acorda, acorda,
> Critillo, o teu Critillo é quem te chama,

podem correr parelhas com estes e outros de ALVARENGA PEIXOTO :

> Oh! que sonho! Oh! que sonho eu tive n'esta
> Feliz, ditosa, socegada césta!

Mas CLAUDIO MANOEL DA COSTA tambem lá tem seus iguaes :

> Nize! Nize! Onde estás? Aonde? Aonde?

E se GONZAGA não póde ser tido em conta de autor das cartas, porque n'ellas se faz menção do nome de *Dirceu*, tambem ALVARENGA PEIXOTO fica fóra da liça por isso que a seu respeito occorre a mesma circumstancia. A quem se referem estes versos da *Carta IV*, p. 77 ?

> Agora, Dorothea, mandou dizer-me
> O nosso amigo *Alceu*, que me embrulhasse
> No pardo casacão ou no capote,
> E que pondo o casquete na cabeça
> Fosse ao sitio Covão jantar com elle.

E seria crivel que ALVARENGA PEIXOTO introduzisse no seu poema as disputas de *Dirceu* com *Lauro* por causa das amasias do primeiro, que como magistrado, e sobretudo noivo de D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas Brandão, não podia deixar de levar a mal semelhantes versos? Era por de mais leviano o nosso poeta ALVARENGA PEIXOTO, mas não tanto assim para fallar tão indiscretamente de seu amigo e parente.

São de Claudio Manoel da Costa?

Tenho as mesmas duvidas. Amigo de Gonzaga não o envolveria em versos desagradaveis, e se o autor procurava o disfarce para escapar a malquerenças e vinganças, por certo que não seria Claudio Manoel da Costa quem se trahiria escrevendo o nome de sua *amante poetica*, a sua tão celebrada *Nize*, n'estes versos da *Carta X*, p. 167:

> Perdôa, minha *Nize*, que eu desista
> Do intento começado. Tu mil vezes
> Nos meus olhos já leste os meus affectos:
> Perdôa pois que eu gaste as breves horas
> A contar as asneiras deshumanas
> Do nosso fanfarrão ao caro amigo.

E Claudio Manoel da Costa, apezar de seu genio folgazão apezar dos seus motejos e pilherias, era, quando escrevia, o poeta mais taciturno e melancolico d'este mundo! Cousa celebre!.....

A capitania de Minas-Geraes era então uma Arcadia completa. Além dos poetas já mencionados, lá existião entregues ás musas:

José Caetano Cesar Manitti, Portuguez, bacharel formado em leis pela universidade de Coimbra, ouvidor geral e corregedor da comarca de Sabará, que no dizer de Lucas José de Alvarenga, queria como poeta rivalisar com Gonzaga. V. as *Memorias* do mesmo.

Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, natural da cidade do Porto, bacharel formado pela mesma universidade, advogado em Villa-Rica. *V*. nota 46.

Francisco Gregorio Pires Monteiro Bandeira, Portuguez, bacharel pela mesma universidade, e procurador da fazenda real na capitania de Minas-Geraes.

Miguel Eugenio da Silva Mascarenhas, natural e morador na villa de Santa Luzia de Sabará, padre, que vivia do producto de sua mineração.

José Eloy Ottoni, natural da villa do Principe, hoje cidade do Serro, que teria então os seus vinte e tantos annos, se é que já a esse tempo não andava viajando pela Europa.

Accrescente-se a estes o celebre Bernardo, natural da capitania e dado a poesias burlescas e satyricas, e outros muitos.

A maneira desabrida por que nas *Cartas chilenas* é tratado o capitão José Pereira Marques, sob o nome de *Marquesio*, dá todavia lugar a pensar que Gonzaga e Monteiro Bandeira, ou este sómente, poderião ser os seus autores. Sabe-se pelas *Instrucções* outorgadas ao visconde de Barbacena pelo celebre ministro Martinho de Mello e Castro quanto foi escandalosa a protecção que o capitão J. P. Marques mereceu do governador Luiz da Cunha e Menezes por occasião da arrematação do contracto das entradas no triennio de 1785 a 1787, ao passo que Gonzaga e Monteiro Bandeira protegião o capitão Antonio Ferreira da Silva, que ficou preterido. V. *Rev. trim. do Inst. hist. bras.*, t. VI, p. 54. Mas tudo isso não passa de meras supposições.

Cumpre por agora nos contentar com as *Cartas chilenas* como de autor anonymo. Sabe-se que são de *Critillo*, mas não quem seja esse Critillo. O que admira é que nenhum dos contemporaneos se lembrasse de annotar pelas margens essas cartas, para nos transmittir informações a respeito d'esses nomes que varião de desinencia, pois o poeta fazia de Menezes, *Menezio*, de Mattos, *Mattusio*, de Roque, *Roquerio*, de Marques, *Marquesio;* ou então os convertia em anagrammas como *Dorotheu*, que deve ser Theodoro; *Riberio*, que deve ser Ribeiro; quando os não escrevia tal qual, sem o menor rebuço, como Macedo, etc.

É necessario que as novas edições, que por ventura ainda se fação das *Cartas chilenas*, sejão enriquecidas de notas, que illustrem o texto. Só ellas nos poderão ensinar que *Marquesio* é o capitão José Pereira Marques, afilhado do governador; que Macedo é o celebre contractador João Rodrigues de Macedo;

que o bispo da diocese de Marianna de que se trata no poema era n'esse tempo D. frei Domingos da Encarnação Pontevel; que *Riberio* era o cantor laureado dos governadores Manoel Joaquim Ribeiro, etc., etc., etc.

As *Cartas chilenas* são uma satyra virulenta, e as accusações tornão-se algumas vezes injustas; tal é por sem duvida a que se faz ao governador por suspender a execução de um pobre negro condemnado á morte!

Não creio que ellas sejão producção de penna brasileira. Se fossem, haveria mais acrimonia contra o governador pelo lado da sua nacionalidade, pelos resentimentos politicos, e a voz da patria fallaria mais francamente nos labios do poeta. Nenhuma menção honrosa para a terra! O autor contenta-se com chamar Villa-Rica de povoação decadente. Tambem Gonzaga lhe dava o nome de *aldêa*, e ás vezes *pobre aldêa!*

(46) A gravura supprio a imprensa na capitania de Minas-Geraes, ao menos nos ultimos annos anteriores á sua introducção. Como um specimen das impressões d'esse tempo possue o Instituto historico brasileiro um exemplar do *Canto* em oitava rima que offereceu a um governador d'aquella capitania o Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, pai do celebre senador Bernardo Pereira de Vasconcellos. Foi impresso em Ouro-Preto por um homem de rara habilidade, o padre José Joaquim Viegas de Menezes, depois de 1806. É um caderno in-4° com 18 paginas. A primeira contém o titulo da obra, que é o seguinte, em caracteres latinos, maiusculos, e ornados ligeiramente: *Ao Illm. e Exm. Sr. Pedro Maria Xavier de Atahide e Mello, governador e capitão-general da capitania de Minas-Geraes, no seu dia natalicio.* Seguem-se a terceira e quarta pagina com uma dedicatoria em lettra italica. De pagina 5 a 14 vêm as oitavas rimas em lettra redonda semelhante á *philosophia*. Cada pagina contém duas oitavas com algarismos romanos, entre adornos que varião. A pagi-

na 15 traz as notas em caracteres italicos assaz pequenos. Na pagina 17 acha-se um *Mappa do donativo voluntario que ao augusto principe R. N. S. offerecêrão os povos da capitania de Minas-Geraes no anno de* 1806.

A esse caderno collou o Sr. Camillo Luiz Maria, quando o offertou ao Instituto historico, um papelinho que se dava em troco do ouro em casas chamadas de permuta. É a trigesima-segunda parte de uma folha de papel almaço. A impressão era feita nas casas da moeda, com typos assaz grosseiros. O que tenho presente diz assim :

~~~~ 8 ~~~~

REAES CASAS DA FUNDIÇÃO DO OURO
DA
CAPITANIA DE MINAS-GERAES
OITO VINTENS DE OURO
TREZENTOS RÉIS.

Está rubricado á mão ; mas a tinta está quasi extincta.

Servem estas informações para a historia da imprensa nacional, principiada pelo illustre Dr. ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS nas suas *Memorias sobre as origens da typographia em Portugal no seculo XV*, que se encontra nas *Memorias de litteratura portugueza*, t. VIII, seguida pelo nosso compatriota FRANCISCO DE SOUZA MARTINS na sua *Memoria sobre o progresso do jornalismo no Brasil*, inserta na *Revista trimensal do Inst. hist bras.*, t. VIII, e ultimamente muito mais desenvolvida pelos meus amigos os Srs. conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO, no seu artigo *A Imprensa no Brasil*, publicado na *Revista popular*, t. IV, e Dr. MANOEL DUARTE DE AZEVEDO na sua memoria lida ao Instituto historico.

(47) Alvarenga Peixoto nasceu, segundo as suas declarações, no anno de 1744. *V. Peç. Just.* São muitos os autores que o mencionão como nascido no anno de 1748. Sem os necessarios documentos, caminhavão por informações menos segu-
~~~~

ras. O conego Januario da Cunha Barbosa vio-se muitas vezes perdido e sem bussola n'esse *mare magnum* de conjecturas. « É tal o descuido, dizia elle, que entre nós tem havido em escrever a vida dos Brasileiros que honrão a nossa litteratura, que o nome de muitos vagão como sem patria, e o que mais é, sem haver passado meio seculo sobre a sua desconhecida sepultura. Por isso tem sido difficil a empreza de darmos á luz as noticias biographicas dos nossos poetas; mas apezar da escuridade dos passados annos, iremos salvando do indigno esquecimento aquelles que pudermos conhecer, ou por meio de seus parentes e amigos, ou por acções e circumstancias que nos dêm o fio de seus dias. » *Breve noticia sobre a vida de Ignacio José de Alvarenga Peixoto. Parn. bras.*, t. II, cad. 7, p. 5.

(48) *V.* notas 42 e 43.

(49) *V. Canto genetliaco*, n'esta collecção.

(50) *V.* nota 45.

(51) Engano manifesto em que têm cahido muitos autores depois de uma invenção puramente romantica. A pena de morte foi-lhe imposta a 18 de Abril de 1792, e commutada em 20 do mesmo mez. O cadafalso, que se ergueu para tantos desgraçados, só servio para o infeliz alferes Joaquim José da Silva Xavier, que a elle subio no dia seguinte. *V. Peç. Just. V. Sent. da alçada.*

(52) Aliás quarenta e oito annos.

(53) O primeiro que deu essa noticia foi o Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva.

Não consta de documentos; é tradicional.

(54) *Le Brésil littéraire*, ch. 7, p. 73.

(55) *V.* nota 6.

(56) Aliás trigesimo-segundo.

(57) *Parn. bras.*, t. II, cad. 7, p. 3.

(58) *Os varões illustres do Brasil*, t. II, p. 82.

(59) A execução de Tiradentes foi no dia 21 de Abril de 1792.

(60) *V.* nota 51.

(61) *V.* nota 47.

(62) Quarenta e oito, como já fica dito. *Annaes da academia philosophica*. Rio de Janeiro, 185., 1ª ser., n. 4, p. 134.

(63) *Cantos epicos :*

> « Arcadia do Brasil, que soube afouta
> Cantar de um povo escravo a liberdade. »
> *A cabeça do martyr.*

O Sr. Dr. D. P. Schutel no seu artigo sobre Alvares de Azevedo disse igualmente : « Antes do Brasil ter um governo tinha uma poesia, antes de uma industria e commercio tinha uma litteratura : foi uma Arcadia antes de ser uma nação. » *Ann. da acad. phil.*, n. 2, p. 56.

(64) Tanto assim que o conego Januario da Cunha Barbosa laborou n'esse erro por muito tempo, fazendo-o natural de Minas-Geraes, como se vê de suas proprias palavras : « No primeiro volume do nosso *Parnaso* publicámos algumas poesias de Ignacio José de Alvarenga Peixoto, e então dissemos, mal informados, que elle era natural de Minas-Geraes. Hoje reparamos este engano, fundados em boa autoridade, que elle nascêra na cidade do Rio de Janeiro e de uma familia decente e abastada. » *Parn. bras.*, t. II, cad. 7, p. 3. Originárão-se esse e outros enganos da semelhança do sobrenome *Ignacio* e do appellido de *Alvarenga*. Que confusão! Como Alvarenga Peixoto residia na villa de S. João d'El-Rei, fizerão a Silva Alvarenga natural d'esse lugar ; e como era coronel de milicias

derão tambem essa honra ao mesmo Silva Alvarenga. Este por sua vez concorreu tambem para que se désse por patria a Alvarenga Peixoto a capitania de Minas-Geraes. *V. Obr. poet. de Silv. Alv.*, t. I, *Intr.*, n. 74 e 83.

(65) Consta do *Aut. de perg.* feitas ao proprio Alvarenga Peixoto. *V. Peç. Just.*, *I.* Com o anno de seu nascimento e os nomes de seus pais julguei poder encontrar facilmente o assento de seu baptismo. Dirigi-me ao archivo episcopal do bispado no dia 18 de Fevereiro de 1864, na intenção de completar esta noticia com a data do dia de seu nascimento, baptisado e mais occurrencias; porém... mallogrou-se a minha expectativa! Pude apenas examinar os livros das freguezias da Sé e Candelaria, onde nada encontrei. Faltou-me a boa vontade dos empregados da secretaria ecclesiastica. Facil por de mais em mostrar documentos historicos, em confiar meus apontamentos e em aplainar difficuldades aos que se dão ao estudo arduo e enfadonho das cousas da patria, não tenho encontrado a mesma facilidade em collegas meus e em identicas circumstancias que eu, salvo as excepções já por mim feitas em muitos lugares de meus escriptos. O que mais custa é a perda de tempo n'estas e outras pesquizas, cousa a que no Brasil se não dá valor.

(66) E d'onde tirou Ignacio José de Alvarenga o appellido de *Peixoto? Alvarenga Braga* era seu pai, e *Cunha* sua mãi, e entretanto elle chamou-se *Alvarenga Peixoto!* Estranha anomalia a da adopção dos appellidos entre nós! V. *Obr. poet. de M. I. da Silv. Alv.*, *Intr.*, p. 106, n. 75, e p. 107, n. 108, e as obras alli citadas.

(67) Tal é o soneto em que glozou o mote:

" Noméa vice-deos ao grande Augusto.

V. *nota* 6.

(68) Balthasar da Silva Lisboa, *Annaes do Rio de Janeiro*, t. VI, p. 350. Diz que foi no anno de 1760; mas ha engano.

(69) Os jesuitas forão banidos e proscriptos de Portugal pelo alvará de 19 de Janeiro de 1759 e declarados desnaturalisados pelo de 3 de Setembro do mesmo anno. Os seus bens, não dedicados ao culto divino, incorporárão-se ao fisco em virtude do alvará de 25 de Fevereiro de 1761. O embarque dos jesuitas no Rio de Janeiro effectuou-se no dia 16 de Março de 1759.

(70) O meu saudoso amigo o Sr. João Francisco Lisboa, que a morte acaba de roubar ás lettras brasileiras, e que se incumbíra de fazer rever os assentamentos de varios estudantes brasileiros da universidade de Coimbra, assim se expressou a respeito do nosso poeta : « Este não se encontrou nem em matricula nem nos actos. Haverá troca de nome? Em 1777 para 1778 apparece Miguel de Alvarenga Braga, natural do Rio de Janeiro. Nos livros anteriores á reforma (1772), e mesmo em alguns posteriores, ha muitas faltas e folhas rotas de modo que é mui difficil apurar os factos. » Quer me parecer que esse Miguel de *Alvarenga Braga* era irmão do nosso poeta, pois pelo menos tem os appellidos de seu pai, Simão de *Alvarenga Braga*.

Thomaz Antonio Gonzaga formou-se em canones no anno de 1763 com dezenove annos de idade. Tendo Alvarenga Peixoto sahido do Rio de Janeiro depois do anno de 1759, só poderia se matricular em 1760 ou 1761, e formar-se pelos annos de 1765 ou 1766. Digo que foi em anno anterior ao de 1769 porque n'esse anno já era elle formado na faculdade de leis pela universidade de Coimbra, como se declara no fim do soneto que vem na última pagina do *Uraguay*, poema de José Basilio da Gama, impresso n'esse anno, pela primeira vez em Lisboa,

quando o mesmo Alvarenga Peixoto estava no seu vigesimo-quinto anno de idade.

O Sr. Dr. L. F. DA VEIGA enganou-se quando disse que Alvarenga Peixoto era formado em canones e Claudio Manoel da Costa e Thomaz Antonio Gonzaga em leis; querendo, talvez, dizer o inverso d'isso. *V. n.* 45.

(71) Cingi-me antes ao conego JANUARIO DA CUNHA BARBOSA na sua *Breve Not. sobre Ig. J. de Alv. Peix.*, publicada no *Parn. bras.*, t. II, c. 7, p. 4. O Sr. Dr. J. M. Pereira da Silva diz, não sei com que fundamento:

« Foi seu amigo e protector um jesuita celebre, o padre Manoel de Macedo, que, com a desnaturalisação da companhia, se passára para a congregação de S. Felipe Neri, de Lisboa; deve lhe Ignacio José de Alvarenga Peixoto lições uteis, coadjuvação leal, e sincera e particular amizade.

« Bacharel formado em canones, obteve immediatamente, pelo empenho do seu protector e compatriota, que o marquez de Pombal, que então governava o reino, o despachasse para o lugar de juiz de fóra de Cintra, aonde servio pelo espaço de tres annos, conforme era a lei e o estylo de então para o predicado da magistratura. » *Os Var. ill. do Br.*, t. II, p. 81.

Nem o padre Manoel de Macedo foi jesuita, nem nunca passou por amigo e protector de Alvarenga Peixoto, pois a ser assim muita gente não attribuiria ao nosso poeta a satyra que sob o titulo de *O entrudo* compôz J. BASILIO DA GAMA contra o mesmo padre, e até é de presumir que o nosso poeta tomasse o partido do seu antigo amigo do collegio dos jesuitas contra o padre Manoel de Macedo n'aquella celebre contenda poetica que se deu. *V.* IN. FR. DA SILVA, *Dicc. bibl. port.*, t. IV, p. 271, e t. VI, p. 43.

(72) *Soneto a Basilio da Gama.* É o vigesimo d'esta collecção.

(73) O poeta Parny, na sua carta datada do Rio de Janeiro a

5 de Setembro de 1775, já faz menção d'esse theatro, ou *casa da opera*, como então se dizia.

(74) É o oitavo d'esta collecção. O conego Jan. da Cun. Barbosa se engana quando diz que este soneto servio de dedicatoria á traducção da tragedia *Merope*.

(75) No appenso á *Dev. de Min. Ger.*, que tem por titulo *Estado das familias dos réos sequestrados*, se faz menção dos filhos de Alvarenga Peixoto e suas idades. Maria Iphigenia, a mais velha, tinha em 1791 doze annos, logo nasceu em 1779, e sem duvida o casamento do nosso poeta realisou-se no anno anterior.

(76) *Traslados dos sequestros feitos nos bens dos réos. App.* n. 10, com 98 paginas manuscriptas.

Consta do mesmo *App.* os seguintes sequestros:

13 de Outubro de 1789. — No arraial de S. Gonçalo da freguezia de Santo Antonio do Valle da Piedade, terra da villa de S. João d'El-Rei e comarca do Rio das Mortes, em casas de D. Barbara Heliodora Guilhermina da Silveira:

Prata do serviço domestico pesando 57 libras. Nota-se a seguinte peça: Uma boceta com retrato circulado por pedras brancas muito miudas, que serve para tabaco.

Joias dadas por José da Silveira e Souza á sua filha.

Livros constantes de *Vulterio, Metestaccio, Crebilhau*, e a *miceiancia do padre Menoch*, segundo escreveu o escrivão da ouvidoria João Pedro Lobo de Araujo Pereira.

Retratos do rei D. Pedro III, da rainha D. Maria I, do papa Xisto V e do cardeal Mazarino.

Toda a sua mobilia e uma cadeirinha de hombros com cortinas de velludo carmezim.

Ficou por depositario Francisco Xavier Pinheiro. *Fol.* 5

14 de Outubro de 1789. — Fazenda dos Pinheiros na fre-

guezia de S. Antonio do Valle da Piedade da Campanha do Rio Verde, termo da villa de S. João d'El-Rei.

Tres leguas de terras de cultura, com legua e meia de largo, mattos virgens, capoeira, campos, logradouros, casa de vivenda, engenho de assucar, alambique de aguardente, paiol, moinho coberto de telha, senzalas cobertas de capim, e tenda de ferreiro com todos os utensis necessarios.

Quarenta e tres escravos, sendo quatorze trazidos da fazenda da Paraupeba.

Depositario o mesmo Francisco Xavier Pinheiro.

15 de Outubro de 1789. — Arraial de S. Gonçalo, freguezia de Santo Antonio do Valle da Campanha do Rio Verde.

Todas as terras, aguas mineraes e serviços de regos que se achão dentro da fazenda dos Pinheiros, havida por compra que fez de terceira pessoa a Lourenço José Corrêa de Mesquita, convencionado com João Gonçalves Leite, e outras terras mais altas e mineraes que o sequestrado pedio e se lhe cedêrão dentro da dita fazenda.

Uma sorte de terras mineraes baixas e altas, cobertas, com aguas e serviços mineraes na paragem chamada Boa Vista, de uma e outra parte do ribeirão de S. Gonçalo.

Outra de terras mineraes sitas (palavras textuaes) nas vertentes de Santa Rufina.

Outra em um corrego que faz barra no Aterrado.

Outra de terras altas dos Espigões, taboleiros e aguas.

Outra para cá de S. Gonçalo.

Outra no corrego do sitio de Manoel José de Castro, e as aguas do mesmo corrego.

Outra em uma chapada do Campo do Fogo.

Outra sita pelos Espigões do Aterrado.

Outra dos Espigões para cá do Ouro Falla, em Guterres.

Prazos na lavra do Ouro Falla e Santa Luzia.

Outra sorte de terras altas e baixas nas contra-vertentes do ribeirão de S. Gonçalo.

Ferramentas de mineração.

Oitenta e nove escravos, sendo 18 do engenho da fazenda da Paraupeba.

Depositario o mesmo. *Fol.* 7.

29 de Outubro de 1789. — São João d'El-Rei. Os capitães José Joaquim Corrêa e Gonçalo Ferreira de Freitas, chamados para dizerem que prata tinhão em sua mão empenhada pelo Dr. Alvarenga, declarárão que era 1 jarro, 1 bacia, e 3 salvas pequenas, pesando 13 libras e 16 oitavas, por 50$000 réis a 5 % ao anno.

Fez-se penhora e ficou por depositario o capitão José Joaquim Corrêa. *Fol.* 46.

30 de Outubro de 1789. — Apresentação por parte de D. Barbara Heliodora de algumas joias de seu uso.

Depositario Antonio Gonçalves Barbosa. *Fol.* 47.

3 de Novembro de 1789. — Apprehensão de mais um escravo pertencente á fazenda da Paraupeba.

Depositario Antonio Gonçalves Barbosa. *Fol.* 48.

Outros bens penhorados constão de outro auto de sequestro feito pela ouvidoria da comarca de Villa-Rica, onde erão situados, como a fazenda da Paraupeba, etc. Não chegou ao meu conhecimento. *V. a nota* 110.

(77) Consta da *Defesa dos réos pelo bacharel* José de Oliveira Fagundes. V. nas *Peç. Just.* a parte relativa ao nosso autor.

(78) Soneto feito em 1786 á sua filha Maria Iphigenia, que então contava sete annos de idade, e o nosso poeta quarenta e dous. É o duodecimo d'esta collecção.

(79) V. o prologo de suas obras impressas em Coimbra em 1768.

(80) Nasceu em 6 de Junho de 1729 na cidade de Marianna; tinha pois quinze annos mais do que Alvarenga Peixoto e Gonzaga. V. a *Marilia de Dirceu*, edição que faz parte d'esta

Bib. Nac., Intr. Not. sobre T. A. Gonzaga e suas obras, p. 42.

(81) *Instrucções de 29 de Janeiro de* 1788, § 71. V. *Rev. trim. do Inst. hist.*, t. VI, p. 55.

(82) Acha-se junto aos autos da *Dev. de Min. Ger.* por ajuntada de 11 de Junho de 1789. O vigario foi mais laconico escrevendo esta carta do que Alvarenga Peixoto quando fallou d'ella. *V. Peç. Just.*, 1, *Auto de perguntas*.

(83) O vigario Carlos Corrêa e Gonzaga tinhão recebido um recado do tenente-coronel Francisco de Paula por intermedio de Alvarenga Peixoto para que tocassem em sua casa quando se dirigissem para a do intendente Francisco Gregorio Pires Monteiro Bandeira, como era de costume todas as noites, afim de se encontrar com Tiradentes. *Segundo auto de perguntas feitas a Alvarenga Peixoto em* 14 *de Janeiro de* 1790. *V. Peç. Just.*

(84) O padre José de Oliveira Rolim disse que ouvíra dizer a Alvarenga Peixoto que se mandaria o governador para o sertão da Bahia. *App. n.* 13 *á Dev. do R. de Jan.*, p. 2. Interrogatorio feito na ilha das Cobras a 17 de Abril de 1790.

O vigario Carlos Corrêa não se lembra se foi Maciel, Tiradentes ou mesmo Alvarenga Peixoto quem disse que o visconde de Barbacena devia ser o primeiro que se matasse. *Int. de* 27 *de Nov. de* 1789 *feito na ilha das Cobras. App. n.* 5 *da Dev. do R. de Jan.*

(85) Quatrocentas a seiscentas pessoas, disse o padre Rolim, accrescentando que não sabia se era para o levante ou pedir com elles a suspensão da derrama. *Int. já citado do App. n°* 13 *da Dev. do R. de Jan.*

(86) Em casa de Gonzaga, diz Alvarenga Peixoto, e depois accrescenta que talvez fosse em casa de Claudio. *V. Peç. Just.*

A maior parte dos conjurados affirma que foi na d'este ultimo.

(87) E até muito bonita, como confessou levianamente o nosso poeta, e tomárão nota os ministros da alçada. *V.* a *Sentença* inserta na *Rev. do Inst. hist. bras.*, t. VIII, p. 322.

(88) *Auto de perguntas de 14 de Jan. de 1790 do App. n. 4 da Dev. do R. de Jan. V. Peç. Just.*

(89) Diz o vigario Carlos Corrêa que Alvarenga lhe dissera n'essa occasião que tendo estado em Villa-Rica lá deixára em grande frieza esse negocio, porque se não lançava mais a derrama, e, tirado esse pretexto, que contribuia para o desgosto do povo, não se podia contar com elle para a revolta, mas que já agora sempre se devia fazer, visto se ter tratado de emelhante materia, e poder se vir a saber e serem punidos como se tivesse sortido o seu effeito, e accrescenta o mesmo vigario que concordárão sem que ajustassem os meios. *Aut. de perg. feitas no dia 27 de Nov. de 1789. App. n. 5 da Dev. do R. de Jan.*

(90) Confissão do proprio Alvarenga Peixoto, feita em 14 de Janeiro de 1790 *V. Peç. Just.*

(91) O vigario Carlos Corrêa confirma, no auto já citado, o que disse Alvarenga Peixoto, e accrescenta que elle então escrevêra n'um papelinho : *Aut libertas, aut nihil!* Mas essa divisa foi lembrada por Claudio, e admira que Alvarenga Peixoto se esquecesse da sua : *Libertas quœ sera tamen*, pela qual ainda na sua prisão se parecia vangloriar.

(92) *Auto de perg. de 14 de Jan. de 1790. V. Peç. Just.*

(93) *Mar. de Dirc.*, *edição da Br.*, *Bib. Nac.*, *Int. Not. sobre T. A. Gonzaga*, p. 74.

(94) O padre Oliveira Rolim é quem nol-o assevera, dizendo

que quando veio preso para o Rio de Janeiro lhe contára um soldado da escolta que o coronel Ignacio José de Alvarenga tinha feridas no corpo dos ferros que lhe havião posto! *Aut. de perg. em 17 de Abril de 1790. App. n. 13 da Dev. do R. de Jan.*

(95) O sargento-mór Luiz Vaz de Toledo Piza disse no seu primeiro interrogatorio, em 30 de Junho de 1789, que Alvarenga Peixoto entrava no levante, mas que, segundo a asserção de seu irmão o vigario Carlos Corrêa, estava sempre temeroso, e não era capaz de cousa alguma. *App. n. 3 da Dev. de Min. Ger.*

(96) Occupa não menos de 20 paginas de papel almaço com 39 linhas cada uma, lettra por de mais miuda. É o *App. n. 4* da famosa *Devassa do Rio de Janeiro*, que vai na sua integra nas *Peças justificativas.*

(97) *Aut. de perg. de 14 de Jan. de 1790. V. Peç. just.*

(98) *Idem, idem.*

(99) Com Thomaz Antonio Gonzaga, tenente-coronel Francisco de Paula, etc., como consta dos *App. á Dev. do R. de Jan* Na *Historia da conjuração mineira de 1789*, que tenho quasi prompta, sou mais minucioso.

(100) *Brasileiras celebres, V. Poesia e Amor*, p. 188. Se o exemplo do autor citar as suas proprias obras servisse de lição aos plagiarios, certo que offereceria esta ao redactor, autor, ou que nome tenha, de uma obrinha, que me fez o favor de pilhar o trabalho de alguns annos, sem dar satisfação alguma do plagio que commetteu. E o mais é que citando os autores que citei, como quando tratei de D. Maria de Medeiros ou de D. Joanna de Souza, nem sequer se lembrou de meu pobre nome! Lá andão tambem as obras dos meus amigos Dr. Ma-

cedo e conego Fernandes Pinheiro extractadas vergonhosamente sem menção alguma. É de mais!

(101) *Lyra II a D. Barbara Heliodora, sua esposa, remettida do carcere da ilha das Cobras.*

(102) V. *soneto decimo-setimo* d'esta collecção.

(103) V. *soneto quinto e Ode segunda* d'este livro.

(104) V. *Peç. Just.*, *IV*, *defesa do proc. dos réos.*

(105) V. *Peç. Just.*, *V*, *sentença da alçada.*

(106) V. *soneto decimo-oitavo* d'esta collecção.

(107) O pai de Thomaz Antonio Gonzaga, o desembargador João Bernardo Gonzaga, era natural do Rio de Janeiro, e aparentado com o pai de Alvarenga Peixoto.

O desembargador João Bernardo Gonzaga era tambem irmão de D. Lourença Felippa Gonzaga, que se casou com o negociante d'esta praça Feliciano Gomes Neves, e de cujo matrimonio nasceu n'esta cidade o poeta Thomé Joaquim Gonzaga Neves, traductor do *Pastor fiel* de Guarini. V. Innocencio F. da Silva, *Dict. bibl. port.*, t. VII, p. 361.

Gonzaga foi padrinho do ultimo filho de Alvarenga Peixoto, nascido e baptisado n'esse fatal anno de 1789. Chamou-se Tristão. Assistírão á funcção o vigario Carlos Corrêa, o padre Bento e o sargento-mór Luiz Vaz, todos irmãos; o padrinho, o desembargador da comarca Luiz Ferreira de Araujo e Azevedo, o sargento-mór Luiz Antonio, o capitão Antonio Vital e Domingos José Ferreira, além de muitos clerigos. *Aut. de perg. ao sarg.-mór Luiz Vaz, App. n. 5 da Dev. de Min. Ger.*

(108) Tradicional. V. Pereira da Silva, *Os Var. ill. do Br.*, t. II, p. 88

(109) O conselheiro José de Rezende Costa nas suas *Notas*

ao trecho de R. Southey insertas na *Rev. trim. do Inst. hi t. bras.*, t. VIII, p. 308.

(110) Pela portaria de 9 de Setembro de 1789 mandou o governador visconde de Barbacena proceder ao sequestro dos bens de Alvarenga Peixoto, sendo a apprehensão para o fisco e camara real.

Eis o que a respeito escrevi nas *Brasileiras celebres*, cap. 5, p. 186 :

« No dia 15 de Outubro de 1789 achava-se D. Barbara Heliodora na sua casa do arraial de São Gonçalo, na freguezia de Santo Antonio do Valle da Piedade, do termo da villa de S. João d'El-Rei, abraçada com seus filhos, misturando suas lagrimas com os ais das tristes criancinhas, que em vão chamavão o desditoso pai, quando vio entrar o desembargador Luiz Ferreira de Araujo e Azevedo, ouvidor geral e corregedor da comarca do Rio das Mortes, com o escrivão do seu cargo, e o meirinho-mór, e exigir d'ella o juramento para que declarasse os bens que houvesse do seu casal, sob pena de perjurio e das que incorrem os que sonegão bens a inventario, e para logo procedeu o sequestro e real apprehensão.

« Toda aquella grande fortuna accumulada com o trabalho suado de tantos annos, e que ainda não estava consolidada, pois havião dividas a solver, foi fazer parte do acervo amontoado pelo fisco na penhora dos bens dos implicados.

« D. Barbara Heliodora submetteu-se ao despotismo colonial. Entregou todos os bens da sua sumptuosa casa, a pesada baixela de prata, as joias que recebêra de seus pais e de seu marido, e até uma caixa de rapé que tinha o seu retrato circulado de pedras preciosas.

« Dous dias depois requeria ella que achava-se casada com carta de metade, que de seu matrimonio existião filhos, e que sendo na fórma das leis do reino em todo e qualquer caso livre a meação da mulher, se procedesse antes do sequestro o

inventario e partilha para se saber o que pertencia da meação a cada um, e na parte que tocasse a seu marido se procedesse o sequestro, ficando a parte d'ella livre e desembaraçada.

« O seu requerimento foi attendido; procedeu-se na fórma da lei, e assim pôde ella amparar a miseria de seus filhos e preparar-lhes um futuro menos acerbo.

« Não foi, porém, bastante para a tranquillidade de sua alma. A justiça, que via fugir metade da mais importante parte do processo, achou na *delação dos vassallos fieis* o meio de envolver a illustre Mineira com os implicados, e seu nome veio a figurar nas duas famosas devassas que se procedêrão por esse tempo. Vio-se na antonomasia de *princeza do Brasil*, pela qual era conhecida a joven Maria Iphigenia, um crime de leza-magestade, uma idéa de independencia nacional; e o proprio professor de musica de sua filha, José Manoel Xavier, foi por duas vezes chamado a depôr em juizo; porém nada disse que a comprometesse, e o depoimento de outra testemunha cahio não só por falta de provas, como por nimiamente insignificante. » *V.* a nota 76.

(141) « Pela sentença de 2 de Maio de 1792, que condemnou o coronel Ignacio José de Alvarenga a degredo, forão seus filhos e netos declarados infames. Essa sentença deshumana, que tanto retalhou o coração de D. Barbara Heliodora, claudicou depois com a proclamação da independencia nacional. Um de seus filhos, João Evangelista de Alvarenga, exerceu depois o magisterio publico como professor de latim na villa da Campanha da Princeza; mas aquella linda menina, tão amada, aquella bella e formosa Maria Iphigenia, — ai misera e mesquinha! — succumbio victima da infamia que os implacaveis juizes de seu pai lhe cuspírão na face em nome da lei! Finou-se de pudor, como o lirio manchado por impura mão!

« D. Barbara Heliodora Guilhermina da Silveira viveu

como seu marido com a poesia nos labios e a dôr no coração. Acabárão, elle minado pela nostalgia, e ella devorada pela saudade.

« Vião-a ás vezes com os cabellos soltos, esparsos, desgrenhados... com os vestidos dilacerados e rotos... com o olhar brilhante, mas espavorido... e fallava eloquentemente... A sua razão em delirio exaltava-se; ouvião-a então pronunciar com animação os nomes queridos de seu esposo e de sua adorada filha, e depois derramar torrentes de lagrimas.....

« E assim morreu! » *Bras. cel.*, c. 5, p. 193.

(112) João Evangelista de Alvarenga, que antes se chamára João Damasceno, nome que sem duvida deixou por ser o do irmão do celebre Joaquim Silverio dos Reis, o delator e espião, foi por dez annos professor de latim na villa da Campanha da Princeza. Teve bens da fortuna, nove escravos, lavras e uma fazenda de cultura. Derão-lhe depois da demencia por curadora a sua propria mulher D. Theresa Jesuina do Sacramento. Um de seus filhos chamou-se, como seu avô, Ignacio José de Alvarenga. Que mysterios se ligarião á origem de sua loucura? Em todos os seus requerimentos, assaz originaes, se queixa o desgraçado do sargento-mór Domingos Ferreira Lopes...

Pedia por fim ao governo imperial uma pensão como juros do valor dos sequestros que soffrêra seu pai, o qual, diz elle em seus requerimentos existentes na secretaria do imperio, foi degredado por amor do Brasil, e sua mãi perdeu o juizo.

Morreu pelos annos de 184.?

(113) O carcereiro do imperador Napoleão em Santa Helena.

(114) Como diz Côrte Real no poema *Naufragio de Sepulveda*, c. *ultimo* :

> Por estreita vereda entra no matto
> Só dos leões e tigres povoado;
> A morte vai buscando; elles doídos
> De seu mal lhe darão em breve espaço.

(115) Diz Boileau, *Art poétique*, c. II:

Un sonnet sans défaut vaut seul un long poëme.

(116) Soneto decimo-quarto.

(117) Soneto decimo-quinto.

(118) O insigne estadista portuguez D. Luiz da Cunha aconselhára ao rei que se traspassasse ao Rio de Janeiro e alli fundasse o Imperio do Occidente.

« O que é Portugal? perguntava elle, e respondia: Uma courella de terra, da qual uma terça parte é inculta e a outra é da igreja; e a que resta não dá producto que baste a seu sustento... No caso do traspasso da côrte faz-se necessaria a completa demarcação da America. O Oyapoc e o Prata serão os limites ao norte e ao sul, e no interior o Paraguay até o lago Xarayes e d'ahi lançando uma linha divisoria até o Madeira, etc... »

Parece que Alvarenga Peixoto teve noticias do projecto do conde Aranda, no qual propunha que o reino de Portugal fosse annexado á Hespanha, e as colonias hispano-sul-americanas formassem com o Brasil um só imperio, séde da monarchia lusitana. V. *Historia de Carlos III pelo Sr. D.* Antonio Ferrer del Rio, l. V, c. 4, etc.

(119) « Que á casa do tenente-coronel Francisco de Paula fôra algumas vezes, e que é verdade concorrêra uma noite com as pessoas declaradas, e que lhe parece estavão tambem o capitão Maximiliano de Oliveira Leite e o Dr. Francisco Paes e outros; porém que n'essa occasião entrou na dita casa pouco mais ou menos junto ás trindades, tomou chá e retirou-se sem que se fallasse em materia de levante nem por hypothese. Que é verdade que se encontrou na dita casa com o alferes Joaquim José da Silva, com o coronel Alvarenga, e lhe parece tambem estava o vigario da villa de S. José sómente, mas que n'essa

occasião conversárão em humanidades e lhe lembra muito bem, por repetir o coronel Alvarenga, umas oitavas feitas ao baptisado de um filho do Exm. Sr. D. Rodrigo, e por se examinarem alguns livros do dito tenente-coronel, entre os quaes se achava um que contava ao sapateiro Bandarra entre os primeiros poetas portuguezes, conversa que parece exclue toda a presumpção de se tratar da delicada materia de uma sedição. » GONZAGA no *Auto de perg. feitas no dia 3 de Fevereiro de 1790. App. n. 7 á Dev. do R. de Jan.* Acha-se publicado na *Mar. de Dirc.*, edição da *Bras.*, *Bib. Nac. Peç. Just.*, p. 142.

(120) Combinárão que o dia designado para o levante seria annunciado por estas palavras : « Em tal dia será o baptisado. »

(121) *Historia da conjuração mineira em* 1789. *Estudos sobre as primeiras tentativas para a independencia nacional* (inedita), cap. V.

FIM DA INTRODUCÇÃO

PEÇAS JUSTIFICATIVAS

I

FAMILIA

DO

DR. IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO

SUA MULHER :

D. Barbara Heliodora Guilhermina da Silveira.

FILHOS VARÕES :

José Eleuterio, de idade de 4 annos.
João Damasceno » » 3 »
Tristão » » 2. »

FILHA :

Maria Iphigenia » » 12 »

Esta D. Barbara não espera haver nada de seus

pais, ainda vivos, porque estes não têm que lhe deixar, e é o seu patrimonio a meação da casa de seu marido, a qual consiste em 6:789$825 réis, valor de outros tantos bens como os descriptos na primeira certidão do numero 2 desde fol. 1 até fol. 3, e em 35:273$300 réis, metade da importancia dos que na mesma certidão decorrem desde fol. 6 até fol. 9. Ha de ter tambem metade da fazenda da Paraupeba, de cujo valor haverá noticia na ouvidoria de Villa-Rica, em cujo districto é situada.

São, porém, tantas as dividas d'este casal, que se duvida bem que reduzido elle a dinheiro, ainda pela melhor estimação, baste para pagamento d'aquellas em que não ha divida.

São João d'El-Rei, 2 de Março de 1791.

LUIZ ANTONIO BRANCO BERNARDES DE CARVALHO.

A fazenda da Paraupeba, indicada n'esta informação, ainda que pareça ter sido comprada para Ignacio José de Alvarenga Peixoto, comtudo ella se acha arrematada em nome de seu sogro José da Silveira e Souza, que pela mesma está responsavel á real fazenda.

II

AUTO DE PERGUNTAS

FEITAS

AO CORONEL IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus-Christo de mil setecentos e oitenta e nove, aos onze do mez de Novembro, n'esta cidade do Rio de Janeiro, na fortaleza da ilha das Cobras, aonde foi vindo o desembargador José Pedro Machado Coelho Torres comigo Marcellino Pereira Cleto, ouvidor e corregedor d'esta comarca, e escrivão nomeado para esta devassa, e o tabellião José dos Santos Rodrigues e Araujo, para effeito de se fazerem perguntas ao coronel Ignacio José de Alvarenga, que se acha preso em custodia, sendo ahi foi mandado

vir á sua presença o dito coronel Ignacio José de Alvarenga, e vindo se procedeu com elle a perguntas ná fórma seguinte. E eu Marcellino Pereira Cleto, ouvidor e corregedor d'esta comarca, e escrivão nomeado para esta devassa, o escrevi.

E perguntando-se-lhe como se chamava, de quem era filho, donde era natural, que idade tinha, se era casado ou solteiro, que emprego tinha, e se tinha ordens.

Respondeu que se chamava Ignacio José de Alvarenga Peixoto, filho de Simão de Alvarenga Braga, e de D. Angela Michaela da Cunha, natural d'esta cidade do Rio de Janeiro, de idade de quarenta e cinco annos, casado, coronel do primeiro regimento da cavallaria da Campanha do Rio Verde da capitania de Minas-Geraes, e que não tinha ordens algumas, nem privilegio algum que o isentasse da real jurisdicção de Sua Magestade, e com effeito vendo-lhe o alto da cabeça, vi que não tinha tonsura alguma, do que dou fé.

E perguntado se sabia a causa da sua prisão, ou a suspeitava.

Respondeu que estando em S. João d'El-Rei de partida para a Campanha do Rio Verde, aonde tem as suas lavras, no dia dezenove ou vinte do mez de Maio do presente anno, chegou o tenente Antonio José Dias Coelho ao quartel de S. João d'El-Rei, d'onde mandou chamar a elle respondente para lhe fallar da parte de sua excellencia, e indo immediatamente, lhe disse o dito tenente que havia de acompanhal-o para o Rio de Janeiro para certas averiguações na presença do

Illm. e Exm. vice-rei do Estado, e perguntando-lhe elle respondente se sabia o que seria, lhe disse que n'esta cidade tinhão prendido a Joaquim Silverio, e ao alferes Joaquim José, por alcunha o Tiradentes, que se suppunha ser por alguma liberdade com que este fallava em idéas de republicas, e Americas Inglezas, e ouvindo elle respondente o que lhe tinha dito o dito tenente, logo lhe disse que isto era materia muito delicada; pelo que immediatamente lhe entregou a chave dos seus papeis, e ficou entendendo que d'aqui nascia a causa da sua prisão.

E sendo perguntado se sobre esta materia de republica e liberdade, em que elle mesmo respondente tinha tocado pela razão que declara, sabia mais alguma cousa, por qualquer modo, ou por ter sido convidado, ou por ter ouvido fallar n'esta materia, ou por ter percebido alguns indicios que lh'a fizessem suspeitar.

Respondeu que não tinha sido convidado por pessoa alguma para que, faltando ás obrigações de bom e leal vassallo, concorresse para que a America conseguisse a sua liberdade, e se formasse d'ella uma republica; que não tinha tambem ouvido fallar em semelhante materia de sorte que percebesse haver tal intenção ou pretenção; pois sómente ouvio ao coronel José Ayres Gomes, ficando só com elle nas casas de João Rodrigues de Macedo em Villa-Rica no principio do mez de Janeiro, lhe dissera que um official, que tinha subido da cidade do Rio de Janeiro, lhe tinha contado que n'esta cidade fallão em pretender a sua liberdade por soccorros da França, e de outras potencias estrangeiras, e perguntando-lhe o

respondente se lhe fallára em alguns officiaes grandes, como coroneis, governadores de fortalezas, ou mestres de campo, respondeu que não, que era o negocio só que elle respondente lhe disse, que erão novas de caminho o que o official tinha ouvido cantar o gallo, e não sabia aonde, e passados dous ou tres dias, entrando elle respondente em casa do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade a tirar da sua livraria um livro para ler, lhe perguntou o dito tenente-coronel se sabia alguma novidade do Rio de Janeiro, e respondendo-lhe que não, lhe disse o dito tenente-coronel o mesmo que José Ayres Gomes lhe tinha contado, e então lhe disse elle respondente que já José Ayres lhe tinha tocado n'essa especie, e a resposta que lhe dera, e accrescentou ao dito tenente-coronel, que o official tinha provavelmente ouvido no Rio de Janeiro a pretenção que a França e as mais côrtes estrangeiras tinhão á liberdade do negocio nos portos da America, e que equivocando-se, confundia esta liberdade do negocio com a liberdade da America, e que não seria factivel, segundo a intelligencia d'elle respondente e os talentos que conhece no Illm. e Exm. vice-rei do Estado e a sua notoria actividade, que semelhante proposição na fórma que a concebeu o dito alferes pudesse gyrar no Rio de Janeiro nem meia hora, sem que elle a soubesse, e a providenciasse; e este era o unico indicio que elle respondente poderia a este respeito ter, e não lhe dar desde o principio a intelligencia que fica referida, segundo a qual até deixou de ser indicio.

E sendo perguntado o que tinhão respondido o dito

José Ayres Gomes sobre a intelligencia que elle respondente tinha dado á dita proposição, como tambem o tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade.

Respondeu que ao coronel José Ayres Gomes nem elle respondente lhe dera a intelligencia da dita proposição, e só lhe respondeu o que já fica referido, por ser o dito coronel falto de luzes e instrucção, e que o tenente-coronel concordára com elle respondente n'esta intelligencia, e que a este respeito não avançárão mais conversação alguma.

E sendo instado que dissesse a verdade, porquanto é natural que tivesse ouvido fallar a algumas pessoas mais sobre esta materia na capitania de Minas, aonde teria grassado a proposição, e não estaria em ponto de tanta simplicidade, como elle respondente tem declarado.

Respondeu que de fórma nenhuma ouvíra fallar em tal materia cousa em que elle respondente pudesse suppôr a pretenção mais leve, e que nem outra cousa poderá constar das diligencias a que se terá procedido.

E sendo instado que dissesse a verdade, porquanto constava que havia pessoa que contára a elle respondente que havia sujeito que offerecêra dinheiro para que se fosse fazer gente, e com ella fazer e fomentar um levante na capitania de Minas-Geraes, e se aconselhára com elle do que devia praticar sobre semelhante materia.

Respondeu que era verdade que o coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes, em dias do mez de Abril do presente anno, fôra á casa d'elle respondente em S. João d'El-Rei, e lhe fizera a consulta do que devia obrar

no caso que lhe succedia de lhe ter dado parte o sargento-mór Luiz Vaz de Toledo de lhe offerecerem dinheiro para convidar gente para fazerem o levante na occasião da derrama, e segundo a lembrança d'elle respondente, lhe parece que tambem lhe disse que quem offerecia este dinheiro era o coronel José Joaquim Silverio; sobre o que elle respondente lhe disse que se osse logo denunciar, e que elle respondente ficava tambem na mesma obrigação; mas que indo elle fazer esta denuncia, era escusado que elle tambem fosse, o que lhe fazia um grande incommodo por ter chegado havia pouco tempo de Villa-Rica, e estar para partir com toda a sua numerosa familia para a Campanha do Rio Verde, e que este indicio, o não declarou nas antecedentes perguntas, por lhe parecer que não era necessario, por já o ter antecedentemente declarado ao desembargador juiz d'esta comarca, e d'ella fazer assento na sua carteira, o que diante de mim declarou ser certo, de que dou fé, e não porque o seu animo fosse faltar á verdade.

E sendo instado de que não era bastante ter feito a dita declaração extrajudicialmente na occasião em que veio para a prisão, na qual disse a elle dito desembargador que se o seu general lhe tivesse fallado antes de ser preso e soubesse que elle respondente tinha aconselhado a denuncia ao coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes naturalmente o não mandaria prender, porque quem aconselha a denuncia mostra não ter entrado em semelhantes projectos; pois sendo elle respondente instruido, e tendo sido ministro, sabia muito

bem que o dito extrajudicial não podia desoneral-o de judicialmente fazer a mesma declaração, antes vinha a ser maliciosa occultação; porque nas suas respostas dadas á proposição geral, de que dissesse se sabia alguma cousa sobre a materia de levante, só se encaminhou a dizer que nada sabia, quando este passo é que o fazia certo de que com effeito havia o projecto do levante.

Respondeu que sendo perguntado por projectos, lhe pareceu que um que tratava de denuncia já não entrava em projecto, que o seu animo não fôra de occultar; porque logo que se lhe tocou a especie, a contou fielmente, e que tendo-a já dito ao seu mesmo juiz, se elle quizesse mais alguma declaração a respeito d'este facto lh'a perguntaria, e que tambem não negaria uma cousa que lhe fazia a bem depois d'elle respondente ter aconselhado a denuncia.

E sendo instado que dissesse a verdade do que sabia n'esta materia de levante, ao que tinha faltado, pois constava que havião mais pessoas a quem elle tinha ouvido fallar n'esta materia, e que o ter emittido o passo de dizer tinha aconselhado a denuncia era porque no tempo que o declarou se propunha a buscar aquella defesa; mas como ella não era verdadeira, e era só ideada, ou lhe tinha esquecido, ou tinha querido tomar, por mais segura, a que tinha dado no principio das suas respostas, de que nada sabia de cousa que lhe pudesse causar culpa.

Respondeu que além das pessoas que tem dito, nenhuma outra fallou diante d'elle em semelhante materia,

e que se houve alguma que fallasse, ou elle respondente não ouvio, ou lhe não deu attenção alguma, e que elle a ninguem fallou em taes materias, e que emquanto á consulta com elle respondente feita pelo coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes e o que elle respondente tem a este respeito declarado, e o que lhe aconselhou, era verdadeiro e sincero, e não procurado para desculpa, quanto da parte d'elle respondente.

E por este modo houve o dito desembargador estas perguntas por ora por feitas e acabadas, dando juramento ao respondente de haver fallado n'ellas a verdade pelo que respeita a direito de terceiro, e assignou com o respondente e o tabellião José dos Santos Rodrigues e Araujo, depois de tudo lh'as ter lido, e as acharem na verdade. E eu Marcellino Pereira Cleto, ouvidor e corregedor d'esta comarca, e escrivão nomeado para esta devassa, o escrevi e assignei.

Marcellino Pereira Cleto.
Ignacio José de Alvarenga Peixoto.
Torres.
José dos Santos Rodrigues e Araujo.

III

AUTO DE CONTINUAÇÃO

DE PERGUNTAS FEITAS

AO CORONEL IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus-Christo de mil setecentos e noventa, aos quatorze do mez de Janeiro, n'esta cidade do Rio de Janeiro, na fortaleza da ilha das Cobras, aonde foi vindo o desembargador José Pedro Machado Coelho Torres, juiz d'esta devassa, comigo Marcellino Pereira Cleto, ouvidor e corregedor da comarca do Rio de Janeiro, e escrivão nomeado para esta devassa, e o tabellião José dos Santos Rodrigues e Araujo, para effeito de se continuarem perguntas ao coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto, que se acha preso em custodia, alli mandou o dito desembargador vir á sua presença ao dito coronel Ignacio José de Alva-

renga Peixoto, e vindo se procedeu com elle á continuação das perguntas na fórma seguinte.

E sendo-lhe lidas as perguntas que se lhe havião feito, e perguntando-se-lhe se erão as mesmas, e de novo as ratificava.

Respondeu que o que tinha dito nas perguntas antecedentes era tudo verdade, e que de novo as ratificava; mas que tinha faltado a varias circumstancias, que fazião a extensão da materia necessaria para o seu claro conhecimento, e que á vista das instancias e argumentos que lhe tinhão sido propostos, se resolvia a narrar tudo com pureza, deduzindo tudo desde o seu principio na fórma seguinte: Que no principio de Janeiro do anno de mil setecentos e oitenta e nove, achando-se elle respondente em casa de João Rodrigues de Macedo, e ficando só em uma das salas com o coronel José Ayres Gomes, chegou á porta, examinou se havia alguem, e não vendo pessoa alguma, fechou a porta, e disse a elle respondente com toda a cautela, que a cidade do Rio de Janeiro se levantava certamente, e perguntando-lhe elle respondente como soubera, lhe disse que um official da tropa de Minas, que tinha subido havia pouco tempo do Rio de Janeiro, lhe dissera que n'esta cidade se esperavão soccorros de França, e de outras potencias estrangeiras, que solicitavão o partido de Minas para fazerem juntos uma America Ingleza, e perguntando-lhe elle respondente se lhe fallára na tropa, e nos officiaes grandes, como coroneis, mestres de campo, e governadores de fortalezas, lhe respondeu que não, que erão os negociantes; perguntou-

lhe elle respondente se lhe tinha nomeado alguns, respondeu que não, que erão geralmente todos, e o respondente lhe disse que era mentira, e que nem possivel era; ao que elle respondeu que o fazião certamente, e que elle respondente o veria; e reflectindo o respondente nas delicadas materias, que a proposição envolvia, quaes erão uma cidade muito florente que se pretendia rebellar por soccorros maritimos que esperava, uma barra muito feliz, e um porto muito capaz de os receber, uma côrte a mais poderosa e intrigante, como a de França, protegendo o attentado, as outras côrtes estrangeiras auxiliando-o, quando ellas pretendião a liberdade do negocio na America e seus portos, a conjuração de duas capitanias, uma convidando a outra, o exemplo dos Americanos Inglezes, que ha pouco tempo acabárão de conseguir o mesmo projecto, debaixo da protecção da mesma França, manejada a intriga pelos negociantes, que só olhão para os seus interesses, e marchão para onde se lhes figurão mais vantajosos, um governo o mais frio e de pedra não deixaria de providenciar semelhante proposição immediatamente apparecesse; quanto mais um governo activissimo, e de fogo, qual o do Illm. e Exm. vice-rei actual Luiz de Vasconcellos e Souza, cujo caracter é — *parcere subjectis, et debellare superbos*, — e quem se atreveria a proferir semelhante proposição sem que temesse ser immediatamente fulminado por quantos raios póde forjar Vulcano, por quantos póde disparar a mão de Jove, e como poderia elle escapar á sua actividade, que não reparte com Jupiter o

seu imperio, como fazia Augusto, governando um de dia e outro de noite — *divisum imperium cum Jove Cæsar habet*, — mas governando de dia e de noite, pela manhã sabe quantos passos se derão na sua cidade; e como passearia a tal proposição, por mais escura que fosse a noite, sem que se encontrasse com a sua vigilancia, nem deixaria de ser immediatamente providenciada, reflectidos os seus talentos, bem conhecidos d'elle respondente, e ha muitos annos que jogando entre as mãos as redeas do governo dos homens, nem no mar, nem na terra, deixa cousa alguma sem a devida providencia, e apenas larga ao céo o governo das estrellas. ..... *Hominum contentus habennis undarum terræ qua potens ei Sidera donas;* — nem seria proferida tal proposição, e se o fosse no mesmo instante seria conhecida, e sendo-o immediatamente seria providenciada; logo é falsa a proposição, e impossivel que pudesse grassar no Rio de Janeiro; e porque o respondente assim o entendeu, nenhum caso fez d'ella. Passados poucos dias entrou o respondente em casa do tenente-coronel da tropa dos pagos da capitania de Minas Francisco de Paula Freire de Andrade a tirar um livro, como era costumado; o dito lhe perguntou se havia algumas novidades do Rio de Janeiro, que o respondente soubesse, disse-lhe que não; perguntou-lhe se tinha fallado com o alferes Joaquim José, disse-lhe o respondente que nem o conhecia, e elle lhe disse que o dito alferes tinha chegado havia pouco d'esta cidade do Rio de Janeiro, e lhe dissera que se esperavão n'ella soccorros de França, e o mais na mesma fórma que o coronel

José Ayres Gomes lhe tinha dito ; e dizendo-lhe o respondente que a proposição era falsa, e que o coronel José Ayres Gomes já lhe tinha fallado n'ella, mas que elle respondente até impossivel a julgava, attentas as qualidades do Illm. e Exm. vice-rei do Estado, ao que elle lhe disse que era verdade, e que o partido que mais se pretendia saber no Rio de Janeiro era o que elle tenente-coronel seguiria, que assim lh'o tinha dito o tal alferes Joaquim José, e vendo o respondente a fatuidade de Francisco de Paula Freire de Andrade suppôr que a cidade do Rio de Janeiro se lembraria do seu insignificante partido, lhe disse em tom de ironia que na verdade para onde elle pendesse penderia a balança do Estado, ao que elle lhe respondeu com toda a sinceridade que se a capitania de S. Paulo entrasse no mesmo projecto, elle não teria duvida ; porque o Rio de Janeiro com dezeseis náos, defendendo a barra, nenhum poder lhe entrava, mas ficando S. Paulo de fóra podia Portugal metter nas Minas os soccorros que lhe parecesse ; porém juntas as tres capitanias era a acção segura, que elle tinha em S. Paulo bons amigos, com quem podia conservar correspondencia, e facil estando elle respondente na Campanha, que tinha portadores para S. Paulo todos os dias, e o respondente lhe disse que brevemente fazia tenção de ir á villa de Santos visitar um tio que ainda não tinha visto, e era portador seguro, tudo debaixo do mesmo tom de ironia ; proseguio o tenente-coronel, que tambem se lembrava do desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, do vigario de S. José, do Dr. Claudio

Manoel da Costa, e do conego Luiz Vieira da Silva, que tinhão ascendencia sobre o espirito dos povos, e podião reduzir muita gente para o caso do Rio de Janeiro fazer o seu movimento, que elle respondente estava hospede do desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, aonde tambem estava hospedado o vigario da villa de S. José Carlos Corrêa de Toledo, e fallando com elles na materiaos não acharia hospedes na materia elle tenente-coronel quando lhes fallasse n'ella; n'este tempo entrou o cunhado do dito tenente-coronel José Alvares Maciel, e o tenente-coronel lhe disse que o respondente não queria acreditar os soccorros das côrtes estrangeiras, e de França, para a sublevação do Rio de Janeiro, que elle lhe disse o que tinha presenciado a esse respeito nas côrtes por onde tinha andado, ao que o dito José Alvares Maciel disse que era materia sem duvida, que nas côrtes por onde elle tinha andado nada se fallava mais que na molleza e indolencia com que o Brasil se tinha portado, sem fazer o menor movimento, nem á vista das Americas Inglezas, e que estas conversas erão triviaes até em Lisboa e Coimbra, e que estando elle em Londres se publicára que no Rio de Janeiro tinhão matado ao Illm. e Exm. vice-rei, cuja noticia até na gazeta sahíra, e logo os negociantes quizerão armar em defesa da cidade, e só um armava dous navios em guerra á sua custa; mas que em poucos dias se soube a falsidade da novella, foi mandado recolher a gazeta pelo Estado, e todos os negociantes ficárão ardendo, e que d'aqui podia elle respondente conhecer a vontade com que as côrtes estrangeiras estavão de

secundar os projectos do Rio de Janeiro; mas elle respondente nem entrava no exame dos soccorros, a sua duvida era que tal proposição tivesse apparecido no Rio de Janeiro, pelas razões que já disse; e despedindo-se o respondente lhe disse o tenente-coronel que sempre queria que ouvisse ao alferes Joaquim José, que lh'o havia de mandar lá, e dizendo-lhe o respondente que não fizesse tal, porque não havia de fallar em semelhantes materias com ninguem, e especialmente com uma cara que não conhecia, lhe disse o dito tenente-coronel que sempre o havia de mandar, e dizendo-lhe o respondente que não cahisse n'isso, porque o havia de pôr na presença do Illm. e Exm. visconde de Barbacena, governador e capitão-general de Minas-Geraes, lhe respondeu que não havia de fazer tal, e que elle fazia gosto que ouvisse ao dito alferes Joaquim José, só por ver quanto fallava inflammado na materia, que até chegava a chorar, e o respondente lhe instou até sahir que o não mandasse.

Recolhendo-se elle respondente para a casa do desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, aonde estava hospedado, ás onze horas da noite pouco mais ou menos, o achou com o vigario da villa de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, e lhes contou em summa o que tinha passado com o dito tenente-coronel, a que elles respondêrão que seria utilidade do paiz, pelas boas disposições que se podião fazer sobre os seus interesses, se o Rio de Janeiro intentasse e conseguisse a independencia, por estas ou semelhantes palavras, e forão-se deitar. No seguinte dia pela manhã veio o Dr. Claudio

Manoel da Costa tomar café com o respondente e com os ditos, como era costumado, e tocando-se na materia, que não está certo quem foi, respondeu o Dr. Claudio Manoel da Costa que o alferes Tiradentes já no seu escriptorio lhe tinha dito essa historia de França e Rio de Janeiro, mas que elle nenhum credito lhe dera, por conhecer que elle era um estupido; porém que se acaso estes paizes chegassem a ser independentes, fazendo as suas negociações sobre a pedraria pelos seus legitimos valores, e não sendo obrigados a vender escondido pelo preço que lhes dessem, como presentemente succedia pelo caminho dos contrabandos, em que cada um vai vendendo por qualquer lucro que lhe acha, e só os estrangeiros lhe tirão a verdadeira utilidade, por fazerem a sua negociação livre, e levado o ouro ao seu legitimo valor, já parava muito na capitania, e escusavão os povos de viver em tanta miseria, o respondente acabado de tomar o café se retirou, e sahio para fóra para casa de João Rodrigues de Macedo, aonde estava sempre todo o dia e noite, e se não recolhia senão pela meia-noite e ás vezes mais tarde, e não sabe o mais em que continuou essa conversação.

N'esse mesmo dia de tarde, estando o respondente no escriptorio de João Rodrigues de Macedo, lhe appareceu um official feio e espantado, e lhe disse que lhe queria uma palavra em particular; sahio o respondente, perguntou-lhe quem era, e elle lhe disse que era o alferes Joaquim José, que o seu tenente-coronel o mandava alli certificar a elle respondente que a noticia do Rio de Janeiro era verdadeira, e que elle a tinha ouvido

geralmente aos negociantes, ainda que em muito segredo, e que na verdade era pena que uns paizes tão ricos, como estes, estivessem reduzidos á maior miseria, só porque a Europa, como esponja, lhe estivesse chupando toda a substancia, e os excellentissimos generaes de tres em tres annos trazião uma quadrilha a que chamavão criados, que depois de comerem a honra, a fazenda, os officios, que devião ser dos habitantes, sahião rindo d'elles para Portugal, mas que o Rio de Janeiro já estava com os olhos abertos, e que as Minas-Geraes pouco e pouco os havião de ir abrindo, ao que o respondente lhe disse que não andasse fallando n'aquellas cousas, porque lhe podia succeder muito mal, e que dissesse ao seu tenente-coronel, que aquillo não era o que elle respondente lhe tinha recommendado, e que estava occupado, e que por isso o não ouvia mais; foi-se embora, e elle respondente ficou n'essa noite jogando com João Rodrigues de Macedo até ás tres horas da madrugada, quando chegou á casa achou todos dormindo, como quasi sempre lhe succedia, e no seguinte dia se levantou elle respondente tarde, e como já em casa se achava gente de fóra, não conversou nada com ellas em semelhante materia, e sahio outra vez para casa de João Rodrigues de Macedo, aonde se demorou até á noite muito tarde, e quando se recolheu achou já todos dormindo em casa, e só no outro dia pela manhã é que fallando-se na materia, conheceu elle respondente que o vigario da villa de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, e o desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, já tinhão fallado com o tenente-coronel Fran-

cisco de Paula Freire de Andrade, porque disserão que elle não era tão molle como parecia, e que fallava no projecto com seu calor, e sua disposição; sahio o respondente para fóra, e passando por casa do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade a entregar um livro, e a tirar outro da sua livraria, o dito tenente-coronel lhe disse que tinha fallado na materia com o vigario da villa de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, com o desembargador Thomaz Antonio Gonzaga e com o Dr. Claudio Manoel da Costa na materia, e que lhe tinha a elle respondente parecido do alferes Joaquim José; ao que elle respondente disse que lhe tinha parecido um louco, ao que o dito tenente-coronel respondeu que louco era elle, mas que fallava na materia com muito calor, e que o dito alferes tinha fallado a alguma gente da tropa, e alguns officiaes, como elle mesmo lhe tinha dito; mas não nomeou o dito tenente-coronel nenhum d'elles, e só lhe disse que tinha um negociante que apresentava seiscentos barris de polvora, e perguntando-lhe o respondente quem era, lhe respondeu com sua difficuldade que era o tenente-coronel Domingos de Abreu Vieira, e perguntando-lhe elle respondente como mettêra n'estas voltas a este pobre velho, reputado por todos por homem bom e honrado, e bom pagador da fazenda real, e de boas contas, respondeu que lhe tinha fallado, que na derrama o menos que lhe podia tocar erão seis mil cruzados, que o dito tenente-coronel Domingos de Abreu Vieira se assustára, e puzera as mãos na cabeça, e que logo elle tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade

lhe dissera que se podia escusar d'este pagamento, passando a America a ser republica, e assistindo elle dito tenente-coronel Domingos de Abreu Vieira com polvora, no que elle conveio ; mas não sabe elle respondente a quantia de polvora que lhe prometteu ; e se retirou n'esta occasião o respondente, sem que houvesse mais conversação alguma sobre semelhante materia, levando o livro que tinha ido procurar.

D'ahi a dous dias, quando foi restituir o dito livro, lhe disse o dito tenente-coronel que queria que elle respondente visse o louco do alferes, como expunha a formalidade com que tinha determinado estabelecer a nova republica de Minas em consequencia da do Rio de Janeiro, que procurava o partido de Minas, que o vigario da villa de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, e o desembargador Thomaz Antonio Gonzaga havião de ir á noite para casa do intendente Francisco Gregorio Pires Monteiro Bandeira, como erão costumados, que podião subir um pouco á casa d'elle dito tenente-coronel, e que elle respondente se achasse tambem lá para ouvirem a exposição do dito alferes Joaquim José da Silva Xavier ; e como o respondente foi n'esse dia jantar á casa, segundo a sua lembrança por haver peixe fresco, raro em Villa-Rica, disse aos ditos vigario e desembargador o que o tenente-coronel Francisco de Paula Freire lhe dissera, e acabando de jantar veio para a casa de João Rodrigues de Macedo, como era costumado, e lá ficou até á noite, e não se lembrou mais de tal ; mas pelas oito horas pouco mais ou menos, estando a conversar com uns poucos de sujeitos em casa do mesmo

João Rodrigues de Macedo, trouxe a elle respondente o capitão Vicente Vieira Motta um escripto fechado, que lhe tinhão entregue á porta da rua, e abrindo-o elle respondente achou ser do vigario da villa de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, escripto de casa do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, em que lhe dizia que chegasse lá, que o esperavão, se queria rir um pouco; ao que elle respondente lhe mandou dizer que em passando a chuva lá ia, e de facto indo, achou ahi ao tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, e o seu cunhado José Alvares Maciel, o vigario de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, o desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, o padre José da Silva de Oliveira Rolim, a quem o respondente vio pela primeira vez, e o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o qual tinha acabado de expôr a sua depravada scena, que o respondente não ouvio, mas foi-lhe recontada, dizendo todos cada um o seu pedaço na fórma seguinte: que em havendo noticias de movimento no Rio de Janeiro, e a publicação da derrama, se esperaria a consternação geral do povo com o peso do tributo, e em uma noite sahiria o dito alferes Joaquim José da Silva Xavier com uns poucos de companheiros, gritando pelas ruas de Villa-Rica — viva a liberdade, — que o povo consternado havia de acudir á voz, e o tenente-coronel com a tropa acudiria ao tumulto; mas como a tropa elle alferes a figurava em parte sediciosa, e alguns dos officiaes, não carecia elle dito tenente-coronel mais que manejal-a com destreza a dar tempo que o dito alferes Joaquim José da Silva Xavier com os seus

infames companheiros fosse á Cachoeira, aonde se achava o Illm. e Exm. visconde general, e ou o conduziria com toda a sua excellentissima familia até a serra, aonde lhe diria que fizessem muita boa jornada, e dissessem em Portugal que já se não precisava de generaes na America, ou sacrificaria os seus proprios dias, e conduziria a sua cabeça a Villa-Rica, para com ella impôr ao povo o respeito pela sua nova e imaginada republica; que alli faria o tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade uma falla ao povo, ao que elle respondente lhes disse que depois de estar alli tal cabeça não era necessaria mais falla alguma, bastava dizer-lhe que quem tinha tirado aquella podia tirar todas as outras, ao que o dito tenente-coronel disse que sempre perguntaria o que querião, que motivo tinhão para aquelle levante e tumulto, que elles lhe responderião que querião a sua liberdade, e elle lhes responderia que a pretenção era tão justa, que elle se lhes não podia oppôr; e logo passárão a contar ao respondente que o Dr. José Alvares Maciel estabeleceria uma grande fabrica de polvora, que o padre José da Silva de Oliveira Rolim e o tenente-coronel Domingos de Abreu Vieira assistirião com polvora, e além d'isso o dito padre se incumbiria da administração dos diamantes do Serro, e de fazer partido contra a opposição dos ministros, do que elle se encarregou, dizendo que não careceria de gente de fóra para isso; porque para os ministros bastavão os seus mulatos, que o vigario da villa de S. José daria gente da sua freguezia, e da capitania de S. Paulo, d'onde era natural, no que

conveio, que o desembargador Thomaz Antonio Gonzaga cuidaria nas leis com os advogados que escolhesse, ao que se calou, e não deu resposta, e que o respondente daria gente da Campanha para auxiliar a mesma pretenção e levante, e o respondente lhes disse que tratassem de ser bons cavalleiros, que a materia era summamente delicada, e como a noite estava muito chuvosa, e a este tempo parou a chuva, sahírão todos, e se forão embora. No dia seguinte, ou no outro, foi visitar ao respondente o padre José da Silva de Oliveira Rolim, que lhe tinha dito ser-lhe muito obrigado pelas muitas attenções que lhe tinha devido o seu irmão o Dr. Placido da Silva de Oliveira, sendo elle respondente ouvidor de S. João d'El-Rei, e como o não achou lhe deixou recado, e achando-o o respondente quando se recolheu, lhe foi pagar a visita no dia seguinte, e o achou com o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o qual sahio para fóra, e o dito padre disse a elle respondente que aquelle rapaz era um heróe, que se lhe não dava morrer na acção, comtanto que ella se fizesse, e dizendo-lhe o respondente que melhor era que não cuidasse em tal, que tinha muito que perder, assim como elle respondente, e alguns mais, que o tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade era um molle, que nenhum havia de fazer nada, e havião de entrar a fallar, e perderem-se todos, ao que elle respondeu que como o Rio de Janeiro entrava, não havia risco, e o respondente certo sempre que no Rio de Janeiro nem de tal cousa se sabia, se retirou concluida a sua visita.

Que no dia seguinte, ou no outro, estando juntos o respondente, o desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, o Dr. Claudio Manoel da Costa, e o vigario da villa de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, em casa ou do Dr. Claudio Manoel da Costa, ou do desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, no que não está certo, mas se inclina antes que foi em casa d'este, se fallou em umas bandeiras, que o alferes Joaquim José da Silva Xavier tinha ideado para servirem na nova premeditada republica, que erão tres triangulos enlaçados em commemoração da Santissima Trindade, se lembrou o Dr. Claudio Manoel da Costa das bandeiras da republica americana ingleza, que era um genio da America quebrando as cadêas, com a inscripção — *Libertas a quo spiritus* — e que podia servir a mesma, e o respondente lhe disse que seria pobreza; ao que elle respondeu que podia servir a lettra — *aut libertas, aut nihil*, — ao que o respondente se lembrou do versinho de Virgilio — *Libertas quæ sera tamen*, — que elle achou, e todos os que estavão presentes, muito bonito; mas tudo foi sem animo de servir, e meramente por entreter a conversação : no dia seguinte se retirou o vigario da villa de S. José para a sua igreja, e o respondente d'ahi a poucos dias para a Paraupeba, aonde esteve o resto do mez de Janeiro, e todo mez de Fevereiro, e retirando-se outra vez a Villa-Rica no principio do mez de Março veio pela Cachoeira comprimentar ao Illm. e Exm. visconde de Barbacena, general, e ahi encontrou ao alferes Joaquim José da Silva Xavier, que vinha para o Rio de Janeiro metter umas aguas, e fazer

uns moinhos, e de caminho ver em que altura estavão esses soccorros de França, que esperavão para se fazer a republica do Rio de Janeiro primeiro, que depois a de Minas com o exemplo da do Rio era muito facil, que os povos de Minas erão uns bacamartes faltos de espirito e de dinheiro, e que tendo fallado a muita gente, todos querião, mas que nenhum se queria resolver a pôr em campo, que só os que achára com mais calor forão o vigario da villa de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, e o padre José da Silva de Oliveira Rolim, e feito no Rio de Janeiro todos havião querer; ao que elle respondente lhe disse que não fosse louco, que não viesse metter-se no Rio de Janeiro a fallar em semelhantes asneiras, porque não era um sertão, como Minas, e que qualquer palavra que désse, logo havia de chegar aos ouvidos do Illm. e Exm. vice-rei, que não era para graças ; ao que elle lhe respondeu que a elle ninguem o pegava, e que elle e o seu partido sabião bem os passos do Illm. e Exm. vice-rei, e que principiando por elle a acção, não havia mais risco, porque a cidade toda era do mesmo voto ; do que o respondente não fez caso, na certeza de que no Rio de Janei o nem em tal se fallava, o que confirmava o ter ouvido fallar o dito alferes umas poucas de vezes no Rio de Janeiro, e nunca lhe nomear pessoa alguma especifica d'esta cidade, que seguisse este partido, sendo-lhe nomeado em Minas alguns sujeitos, a quem tinha fallado, como erão o capitão Manoel da Silva Ban deira, o tenente Antonio Agostinho, o capitão Maximiliano de Oliveira Leite, de quem o respondente está certo ter-lhe elle dito que fallando-lhe a primeira vez prestára o

seu consentimento; mas que sendo nomeado posteriormente commandante do destacamento da Serra, e tornando a fallar-lhe, lhe dissera que não fosse louco, que não tornasse a fallar-lhe em semelhante materia, que não fosse louco; ao que o dito alferes Joaquim José da Silva Xavier disse respondèra ao dito capitão que como agora estava feito Grão Turco da Serra, que por isso não queria entrar na sublevação, e não fallou elle respondente mais com o dito alferes Joaquim José da Silva Xavier, porque seguio a sua viagem para o Rio de Janeiro.

Voltando elle respondente de Paraupeba para Villa-Rica, não ouvio fallar em semelhante materia até as exequias do principe, que foi pelo meio do mez de Março pouco mais ou menos; n'ellas veio prégar o conego Luiz Vieira da Silva, e em um dos dias seguintes jantando em casa do Dr. Claudio Manoel da Costa o respondente, o desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, o desembargador intendente Francisco Gregorio Pires Monteiro Bandeira, e o conego Luiz Vieira da Silva, acabado o jantar forão para uma varanda, e ficando o desembargador intendente a uma janella da sala, na varanda fallárão sobre as Americas Inglezas, o que é da paixão dominante do dito conego, e por esta conversa se veio a fallar tambem na riqueza e felicidade que resultaria a estes paizes se conseguissem a sua liberdade e independencia, e se fallou na mesma occasião, que esta materia andava solida, tocando-se nas noticias que o alferes Joaquim José da Silva Xavier tinha espalhado respectivas ao Rio de Janeiro, e não

houve n'esta occasião mais conversação alguma; porque o desembargador intendente Bandeira andava passeando da janella da sala para a varanda, e diante d'elle se não fallava n'estas materias.

Passados dias, conversando depois de jantar com o capitão Vicente Vieira da Motta em casa de João Rodrigues de Macedo, o dito capitão lhe perguntou se tinha tido algumas conversas com o alferes Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o Tiradentes, sobre a liberdade, ou sobre cousas da America, elle respondente lhe disse que não, e que elle bem via e sabia as conversas que elle respondente podia ter com o dito alferes, estando continuadamente com elle dito capitão, ao que elle dito capitão Vicente Vieira da Motta disse a elle respondente que tambem elle não tinha amizade alguma ao dito alferes, mas que sem embargo d'isso lhe fallára o dito alferes sobre a liberdade da America, avançando-lhe para que entrasse tambem n'este projecto, o que tudo elle dito capitão tinha feito pôr na presença do Illm. e Exm. visconde de Barbacena, general, e que se a este respeito elle respondente sabia alguma cousa, seria bom que o puzesse na presença do Illm. e Exm. visconde de Barbacena, general.

No dia seguinte partio elle respondente para S. João d'El-Rei, e passando pela Cachoeira a despedir-se do Illm. e Exm. visconde general, lhe esteve fallando sobre os governos republicanos e reaes, de cuja conversa, passando pela fazenda do Caldeirão, aonde se achava o tenente-coronel Francisco de Paula Freire de

Andrade, fez elle respondente menção ao dito tenente-coronel, o qual lhe respondeu que o Illm. e Exm. visconde de Barbacena, general, sabia de tudo o que n'esta materia se tinha fallado; que o vigario de S. José tinha feito uma grande bulha n'este negocio; porque lhe escrevêra que tinha cento e cincoenta cavallos promptos para o seu regimento, o que elle entendêra o que era, isto é, que tinha fallado a pessoas para entrarem na sedição, e que elle dito tenente-coronel se fizera desentendido, e lhe respondêra que o que queria erão umas cuias pintadas para beber congonha, e no dia seguinte partio elle respondente para S. João d'El-Rei, sem fallar com o dito tenente-coronel mais em semelhante materia.

Chegou elle respondente a S. João d'El-Rei em domingo de Ramos, e até depois dos dias santos da Pascoa não ouvio fallar em tal materia; no mez de Abril forão visitar a elle respondente a S. João d'El-Rei o vigario da villa de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, e o coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes, e lhe disserão que o coronel Joaquim Silverio em uma revista de auxiliares que fez, dissera em casa do capitão José de Rezende Costa publicamente, e em presença do ajudante de ordens João Carlos Xavier da Silva, que andava passando revista aos auxiliares, que estes paizes pela sua grandeza e extensão erão capazes de se fundar n'elles um imperio se não fossem sujeitos, o que se estranhára por diante do dito ajudante de ordens, e que tendo elle dito vigario da villa de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, fallado ao dito coronel Joaquim Silverio

n'esta materia, elle se lhe compromettêra de assistir com dinheiros para ajuntarem gente para auxiliarem o levante; e indo o vigario para dentro da casa d'elle respondente a visitar sua sogra, ficou o respondente com o coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes, o qual lhe disse que o vigario da villa de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, seu irmão o sargento-mór Luiz Vaz de Toledo, e o coronel Joaquim Silverio dos Reis, tinhão fallado a muita gente por S. José, pela Borda do Campo, e pelo Tamanduá, e sahindo os sobreditos de casa d'elle respondente, no dia seguinte forão para a villa de S. José, e o respondente os acompanhou, por ter de fallar ao sargento-mór Domingos Barbosa Pereira na execução que faz a Sancha Maria da Motta, e jantando todos em casa do vigario Carlos Corrêa de Toledo, e fallando na materia, o dito vigario disse ao respondente que lhe escrevesse aquella lettrinha de que em Villa-Rica se tinha lembrado para a bandeira, e elle lhe disse que em taes materias não punha penna em papel, e que se elle quizesse a escrevesse, o que fez, e se retirou a tratar da dependencia a que tinha ido, sem mais fallar cousa alguma que lhe lembre, e logo que findou a sua dependencia voltou á casa do vigario, e se retirou para S. João d'El-Rei, e o coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes para a sua fazenda da Ponta do Morro.

Passados poucos dias veio o vigario da villa de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, á casa d'elle respondente em S. João d'El-Rei, e lhe disse, que pela sua casa tinha passado José Lourenço Ferreira, commandante do arraial da Igreja Nova, e lhe dissera que o coronel

Joaquim Silverio dos Reis tinha passado para o Rio de Janeiro, por ter, segundo elle dizia, recebido uma carta do Illm. e Exm. vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza para se vir despedir d'elle, o que não parecia natural, e suppunha elle dito vigario, que o dito coronel Joaquim Silverio dos Reis tinha vindo denunciar as conversações que sobre esta materia tinha havido; ao que elle respondente disse ao dito vigario que o remedio era ir-se elle denunciar ao Illm. e Exm. visconde de Barbacena, general, ao que elle dito vigario lhe disse que não era muito certo ir elle, mas que alguem iria, e depois d'esta conversa se foi embora.

D'ahi a poucos dias entrou em casa d'elle respondente o coronel Francisco Antonio de Oliveira á hora da Trindade, e lhe disse que Luiz Vaz de Toledo Piza lhe delatára que Joaquim Silverio dos Reis lhe tinha offerecido dinheiros para convocar gente, e como elles suppunhão que se tinha ido denunciar, elle assentava em il-o denunciar tambem, ao que elle respondente lhe disse que a proposição era d'essa natureza, mas que visse se era verdade, e que não fosse mentir ao Illm. e Exm. visconde de Barbacena, general; ao que elle lhe disse que era tanto verdade, que no arraial da Igreja Nova, diante de muitas pessoas, e lhe nomeou algumas, e não lembrão a elle respondente, estivera dizendo o dito coronel Joaquim Silverio que o Rio de Janeiro, as Minas e S. Paulo brevemente havião de ser republicas, e nomeou os que entravão n'este projecto; e dizendo-lhe o respondente que elle ficava com obrigação de se ir denunciar, se elle não fosse, lhe disse o

dito coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes que ficasse descansado, que elle ia fazer a denuncia porque queria passar uma lição áquelle Joaquim Salterio. E perguntou-lhe elle respondente porque lhe chamava Salterio, porque nunca tinha ouvido tal nome, ao que lhe respondeu que na Igreja Nova, e na Borda do Campo, ninguem o tratava de outro modo, e a seu irmão João Damasceno, João das Maçadas, porque erão os dous maiores maganões que tinhão passado de Portugal para a America; ao que o respondente lhe disse que fosse fazer a sua denuncia, e a fizesse com toda a verdade; e n'esta fórma tem elle respondente dito toda a verdade do que a este respeito sabe, e que todas as conversações que teve e ouvio n'esta materia forão na certeza que a proposição fundamental não só era falsa, mas impossivel, e que nada poderia em tempo algum sortir effeito, visto que no Rio de Janeiro, nem em taes soccorros estrangeiros, nem em taes allianças de Minas se tinha fallado, que principiou por zombar do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, pela fatuidade de suppôr que no Rio de Janeiro se faria caso do seu partido, seguírão-se as conversações que tem declarado, das quaes todas se não mostrará uma acção, ou um passo, que elle respondente fizesse, mas conhece que é tanta a delicadeza da materia, que elle respondente se não póde eximir de confessar a leveza em que cahio em ouvir e tratar algumas conversações em semelhante materia sem as pôr na presença do Illm. e Exm. visconde de Barbacena, general, e que espera pelas sobreditas razões a piedade de Sua Ma-

gestade Fidelissima; e por mais perguntas e instancias que lhe forão feitas, não declarou mais pessoa, nem cousa alguma. E por esta fórma houve o dito desembargador estas perguntas por ora por findas, e deu o juramento ao respondente de haver n'ellas fallado verdade, pelo que respeita a direito de terceiro, e assignou o dito desembargador com o respondente, e o tabellião José dos Santos Rodrigues e Araujo, depois d'estas lhe serem lidas, e as achar na verdade como tinha respondido. E declaro que o respondente estava a estas perguntas livre de ferros, e em liberdade. E eu Marcellino Pereira Cleto, ouvidor e corregedor da comarca do Rio de Janeiro, e escrivão nomeado para esta devassa, as escrevi e assignei.

Torres.
Marcellino Pereira Cleto.
Dr. Ignacio José de Alvarenga Peixoto.
José dos Santos Rodrigues e Araujo.

IV

AUTO DE EXAME

E SEPARAÇÃO FEITA NOS PAPEIS APPREHENDIDOS AO CORONEL DE AUXILIARES DA COMARCA DO RIO DAS MORTES

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO

—

Anno do nascimento de nosso Senhor Jesus-Christo de mil setecentos e oitenta e nove, aos onze dias do mez de Junho, n'esta villa de Nossa Senhora do Pillar do Ouro-Preto, e palacio da residencia do Illm. e Exm. Sr. visconde de Barbacena, governador e capitão general d'esta capitania, e sendo ahi presente o mesmo Illm. e Exm. senhor, e o Dr. desembargador Pedro José Araujo de Saldanha, ouvidor geral e corregedor d'esta comarca, junto comigo o bacharel José Caetano Cesar Manitti, ouvidor e corregedor da de Sabará, juiz e escrivão nomeados para esta diligencia por portaria do

dito Illm. e Exm. senhor, logo pelo mesmo nos foi ordenado que vissemos e examinassemos todos os papeis que forão apprehendidos ao coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto, e que directa e indirectamente pudessem de alguma sorte respeitar ao fim por que forão apprehendidos, os quaes todos se achavão encerrados em uma caixa de páo pequena, que nos foi no mesmo acto apresentada, e a qual abrimos, e depois de exacta e miudamente examinados todos os referidos papeis na presença do Exm. senhor, d'entre elles separárão os dous ao diante juntos e aqui autoados, por induzir o seu contendo alguma suspeita relativa á presente diligencia nas actuaes circumstancias; contendo o primeiro parte de uma ode escripta pelo proprio punho do dito coronel Ignacio José de Alvarenga, e o segundo um aviso a este, escripto da mesma sorte e assignado pela mão do vigario de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, que ambos vão por mim rubricados, e para sobre os mesmos se fazerem averiguações competentes mandou o referido Illm. e Exm. senhor praticar na sua presença este auto de achada, exame e separação dos sobreditos papeis, que rubricou; e em que tambem assignou o referido juiz o Dr. desembargador Pedro José Araujo de Saldanha comigo escrivão nomeado o bacharel José Caetano Cesar Manitti, que o escrevi e assignei.

Rubrica do visconde de Barbacena.
Saldanha.
José Caetano Cesar Manitti.

V

DEFESA

DO

PROCURADOR DOS RÉOS JOSÉ DE OLIVEIRA FAGUNDES

Quanto ao réo coronel Ignacio José de Alvarenga.

Provará, que a confissão que fez este réo no appenso 4° da devassa d'esta cidade de folhas cinco em diante, mostra com toda a concludencia que elle é a victima do desprezo com que sempre tratou as loucas e malvadas conversações a que deu ouvidos, só para mofar das idéas com que se entretinhão os que as promovião, ridicularisando umas, satyrisando outras, e fazendo-se por este modo igual e inadvertidamente complice sem animo de rebellião e de inconfidencia.

Provará, e esta é a mesma verdade que nos certificão nas devassas as testemunhas que jurão nos appensos ás perguntas e acareações dos mesmos réos, e todas as outras diligencias com que se indagou o delicto, porque se vê em summario, sem constar de outra alguma circumstancia mais aggravante das que elle promptamente confessou no dito appenso 4°, pois que se não prova que conciliasse uma só pessoa para convir no ideado levante, nem por carta, nem por conversa e persuasão; que diligenciasse qualquer meio, ainda que inutil e inefficaz; que facilitasse o delicto, e excitasse para sua execução os animos dos outros réos a quem escutava; e que tivesse verdadeiro conato, e o manifestasse por algum facto, ou disposição de preparo.

Provará, que aïnda quando se verifique verdadeiro conato do delicto, sempre attende e distingue o direito o acto remoto e proximo, para exacerbar-se ou suavisar-se a pena; porque aquelle que só foi visto sahir com a espada á rua, não merece o mesmo rigor com que deve ser punido o que chegou a quebrantar portas, pôz escadas para subir, e praticou todos os actos proximos ao cogitado crime. *Farin q^e. 125 in op. cap. 4°, n° 106.*

Provará, que o réo não praticou acto algum dos que em direito se chama remoto ou proximo ao delicto; porque ainda que por força de sua infelicidade e destino, consentio que na sua presença se conversasse em materia de tanta circumspecção e horror, em nada comtudo cooperou para que pudesse ter effeito, e se não a denunciou em tempo foi por conhecer quanto erão aereas as proposições com que se mantinhão as con-

versas; nem o contrario póde presumir-se, não havendo prova que desvaneça o que se tem allegado nos presentes artigos, nem o processo subministra algum leve indicio por onde se conceitue ao réo com animo deliberado para levante.

Provará, e tambem não se prova, nem consta de fórma alguma, que o réo fosse capaz de patrocinar a execução d'aquellas conversações, e idéas suscitadas só pelo réo Joaquim José da Silva Xavier, sem outro impulso ou conselho, como este confessou a folhas nove verso do primeiro appenso da devassa d'esta cidade, porque contra a sua lealdade, conducta e costumes nada jurárão as testemunhas das devassas e dos appensos, antes é constante que elle se occupava em serviço mineral, como prova o sequestro numero dez dos ultimos appensos da devassa de Villa-Rica, havendo consumido tudo quanto pôde adquirir no serviço de um rego que abrio por distancia de nove leguas, e com grande esgoto que desencravava as melhores minas e lavras de varios possuidores, que comprehendem mais de quatro mil datas mineraes, que estavão perdidas por falta de despejo, empenhando-se n'este serviço em mais de cincoenta contos, sendo todo este trabalho e despeza em beneficio dos quintos e do real erario, e se achava ao tempo em que foi preso, tão pobre e onerado de dividas, que do appenso 34 da devassa de Villa-Rica consta a folhas tres, que todos os seus bens vendidos não chegão para pagar as dividas do seu casal, com quatro filhos menores; uma de doze annos, outros de quatro, tres e dous: o que tudo mostra a indigencia

d'este miseravel réo, e desterra qualquer presumpção de dolo, e que o não houve na indiscreta omissão que teve em não delatar logo as fatuidades em que ouvio fallar sobre o imaginario levante; devendo tambem ser contemplado no numero d'aquelles réos de quem fallão as referidas leis, para merecer a piedade de Sua Magestade, que humildemente implora, e de que já rende as graças na fórma do seguinte

SONETO

« A paz, a doce mãi das alegrias,
O pranto, o luto, o dissabor desterra;
Faz que se esconda a criminosa guerra,
E traz ao mundo os venturosos dias:

« Desce, cumprindo eternas prophecias,
A nova geração do céo á terra;
O claustro virginal se desencerra,
Nasce o Filho de Deos, chega o Messias.

« Busca um presepio, cahe no pobre feno
A mão omnipotente, a quem não custa
Crear mil mundos ao primeiro aceno.

« Bemdita sejas, lusitana augusta!
Cobre o mar, cobre a terra um céo sereno,
Graças a ti, ó grande, ó sabia, ó justa! »

VI

SENTENÇA DA ALÇADA

PROFERIDA

CONTRA OS RÉOS

— — —

Mostra-se que na mesma conjuração entrára o réo Ignacio José de Alvarenga, coronel do primeiro regimento auxiliar da Campanha do Rio-Verde, ou fosse convidado e induzido pelo réo *Tiradentes*, ou pelo réo Francisco de Paula, como o mesmo Alvarenga confessa á fl. 10 do Ap. nº 4 da devassa d'esta cidade, e que tambem entrára na mesma conjuração o réo Domingos de Abreu Vieira, tenente-coronel da cavallaria auxiliar de Minas-Novas, convidado e induzido pelo réo Francisco de Paula, como declara o réo Alvarenga á fl. 9 do dito Ap. nº 4, ou pelo dito réo Paula, juntamente com o réo

Tiradentes e o padre José da Silva de Oliveira Rolim, como confessa o mesmo réo Domingos de Abreu á fl.... v. da devassa d'esta cidade, e achando-se estes réos conformes no detestavel projecto de estabelecerem uma republica n'aquella capitania, como consta á fl.... do Ap. nº 1, passárão a conferir sobre o modo da execução, ajuntando-se em casa do réo Francisco de Paula a tratar da sublevação nas infames sessões que tiverão, como consta uniformemente de todas as confissões dos réos chefes da conjuração nos Ap. das perguntas que lhes forão feitas, em cujos conventiculos só não consta que se achasse o réo Domingos de Abreu, ainda que se lhe communicava tudo quanto n'elles se ajustava, como consta á fl... do Ap. nº 6 da devassa d'esta cidade, e algumas vezes se conferisse em casa do mesmo réo Abreu sobre a mesma materia, entre elle e os réos *Tiradentes*, Francisco de Paula e o padre José da Silva de Oliveira Rolim, sem embargo de ser o lugar destinado para os ditos conventiculos a casa do dito réo Paula, para os quaes erão chamados estes cabeças da conjuração quando algum tardava, como se vê á fl.... v. do Ap. nº 1 da devassa d'esta cidade, e do escripto, á fl.... da devassa de Minas, do padre Carlos Carrêa de Toledo para o réo Alvarenga, dizendo-lhe que fosse logo, que estavão juntos. . . . .

. . . .

Mostra-se, quanto ao réo Ignacio José de Alvarenga, coronel do primeiro regimento auxiliar da Campanha do Rio-Verde, ser um dos chefes da conjuração, assistente em todos os conventiculos que se fizerão em casa

do réo Francisco de Paula, nos quaes insistia em que se cortasse a cabeça do governador de Minas, e se encarregou de aprompta para o levante gente da Campanha do Rio-Verde; consta á fl.... e fl. 98 v. da devassa de Minas, e fl.... v. do Ap. nº 12, e fl.... v. do Ap. nº 6, fl.... do Ap. nº 13, da devassa d'esta cidade; e confessou o réo, á fl. 10 v. do Ap. nº 4, que quando em um dos conventiculos se lhe encarregou que aprompasse gente da Campanha do Rio-Verde, elle recommendava aos mais socios que fossem bons cavalleiros.

Mostra-se mais que tendo o réo conferido com o réo Claudio Manoel da Costa sobre a fórma da bandeira e armas que devia ter a nova republica, expôz depois o seu voto em um dos conventiculos, dizendo que devia ser um genio quebrando as cadêas, e a lettra *libertas quæ sera tamen;* consta á fl.... do Ap. nº 12 v., do Ap. nº 1 á fl. 7, do Ap. nº 6, e confessa o réo á fl. 11 do Ap. nº 4, dizendo que elle e todos que alli estavão presentes achavão a lettra muito bonita, sendo este réo um dos que mostrava mais empenho e interesse em que tivesse effeito a rebellião, resolvendo as duvidas que se propunhão, como fez a José Alves Maciel, dizendo-lhe este que havia pouca gente para defesa da nova republica, respondeu que se désse liberdade aos escravos crioulos e mulatos; e ao conego Luiz Vieira, dizendo-lhe que o levante não podia subsistir sem a apprehensão dos quintos e a união d'esta cidade, respondeu que não era necessario, que bastava metter-se em Minas sal, polvora e ferro para dous; consta á fl. 5 do Ap. nº 12, e á fl. 6 v. do Ap. nº 8, fomentando o réo a sublevação, e ani-

mando os conjurados pela utilidade que figurava lhes resultaria do estabelecimento da republica, como declara José Ayres Gomes á fl. 6 v. da devassa d'esta cidade, dizendo o réo por formaes palavras — homem, elle não seria máo que fosse republica, e eu na capitania com duzentos escravos e as lavras que lá tenho... — e ficou sem completar a oração : mas no que disse bem-explicou o seu animo. . . . .

Igualmente condemnão aos réos....... Ignacio José de Alvarenga....... a que com baraço e pregão sejão conduzidos pelas ruas publicas ao lugar da forca, e n'ella morrão morte natural para sempre, e depois de mortos lhes serão cortadas as suas cabeças e pregadas em postes altos até que o tempo as consuma......... a do réo Ignacio José de Alvarenga no lugar mais publico da villa de S. João d'El-Rei até que o tempo a consuma; declarão a este réo infame e infames seus filhos e netos, e os seus bens por confiscados para o fisco e camara real.

. . . .

Rio, 18 de Abril de 1792.

Rubrica do vice-rei: CONDE DE REZENDE.
VASCONCELLOS.
GOMES RIBEIRO.
CRUZ SILVA.
VEIGA.
DR. FIGUEIREDO.
GUERREIRO.
MONTEIRO.
GAYOSO.

Accordão em relação os da alçada, etc. Em observancia da carta regia da dita senhora (D. Maria I) novamente junta mandão que. . . . .
quanto aos mais réos a quem deve aproveitar a clemencia real, hão por commutada a pena de morte na de degredo perpetuo. . . . . . . O réo Ignacio José de Alvarenga para Dande. . . . .
. . . .

Ficando em tudo o mais a sentença em seu inteiro vigor, e se voltarem a este dominio da America, se executará em qualquer que transgredir a ordem da dita senhora a pena de morte que lhe tinha sido imposta. . . . .

Rio de Janeiro, 20 de Abril de 1792. — *Com a rubrica do vice-rei e a assignatura dos membros da alçada.*

Accordão em relação os da alçada, etc. Antes de deferir aos embargos declarão nullo o accordão fl. 91 na parte sómente que declarou Dande para lugar de degredo do réo Ignacio José de Alvarenga, cujo lugar agora declarão dever ser o presidio de Ambaca, não só porque não houve exacta informação do que era o lugar de Dande, que agora consta ser um porto de mar aberto, aonde entrão navios de todas as nações a fazer as suas aguadas, e não ser este lugar proprio para degredo de semelhante réo, mas tambem por haver equivocação a escrever a sentença, não sendo vencido que o dito réo

fosse para o sobredito lugar de Dande, cuja equivocação era facil entre a condemnação de tantos réos. . .

. . . .

Rio de Janeiro, 9 de Maio de 1792. — *Com a rubrica do vice-rei e a assignatura dos membros da alçada.*

FIM DAS PEÇAS JUSTIFICATIVAS

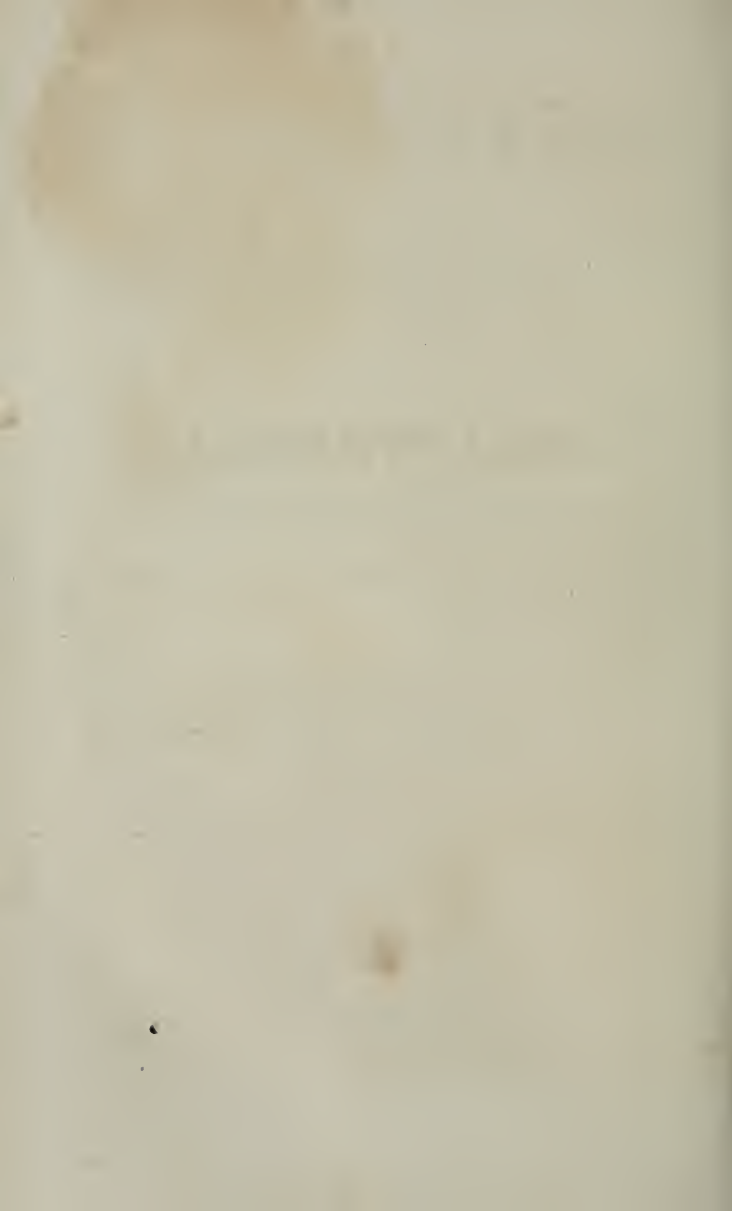
OBRAS POETICAS

DE

I. J. DE ALVARENGA PEIXOTO

Breve a vida lhe foi, mas.... ... ...
O seu nome immortal..................
Será sempre saudoso á patria e ao mundo!
Do AUTOR. *Soneto.*

SONETOS

I

AO REI D. DINIZ

FUNDADOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O pai da patria, imitador de Augusto,
Liberal Alexandre..... ia adiente,
Quando uma imagem se me pôz presente,
A cuja vista me gelei de susto.

Mostrava no semblante pio e justo
Raios brilhantes do empirio luzente,
E em mim cravando a vista descontente
Assim fallára com bastante custo :

« Nem de Alexandre, nem de Augusto quero
Os nomes; sou Diniz. » Me disse apenas
Com gesto melancolico e severo.

Levou-me ás praias do Mondego amenas,
E, depondo o semblante grave e austero,
Rio-se e mostrou-me a portugueza Athenas.

II

A ESTATUA EQUESTRE

DEDICADA Á MEMORIA DO REI D. JOSÉ I

NO DIA 6 DE JUNHO DE 1775

A America sujeita, Asia vencida,
Africa escrava, Europa respeitosa;
Restaurada mais rica e mais formosa
A fundação de Ulysses destruida;

São a base em que vemos erigida
A colossal estatua magestosa,
Que d'el-rei á memoria gloriosa
Consagrou Lusitania agradecida.

Mas como a gloria do monarcha justo
É bem que áquelle heróe se communique,
Que a fama canta, que eternisa o busto,

Pombal junto a José eterno fique,
Qual o famoso Agrippa junto a Augusto,
Como Sully ao pé do grande Henrique.

III

A MORTE DO REI D. JOSÉ I

EM 23 DE FEVEREIRO DE 1777

Do claro Tejo á escura foz do Nilo,
E do barbaro Araxe ao Tibre vago,
A fama, o susto e o marcial estrago,
Rompe a fama os clarins em repetil-o.

Mas não podem achar seguro asylo
Fóra das margens do estigio lago
Os assombros de Roma e de Carthago,
Annibal, Scipião, Fabio e Camillo.

Os grandes ossos cobre a terra dura,
E a morte desenrola o negro manto
Sobre o pio José na sepultura.

Injusta morte, soffre o nosso pranto,
Que ainda que és lei a toda a creatura,
Parece não devias poder tanto.

IV

A RAINHA D. MARIA I

NO DIA DE SEUS ANNOS

Expoem Thereza (1) acerbas mágoas cruas,
E á briosa nação de furor tinta
Faz arrancar da generosa cinta
O reflexo de mil espadas nuas.

Arrasta e pisa as ottomanas luas,
E por mais que Neptuno o não consinta,
A heroina do norte (2) faz que sinta
O peso o mar Egeo das quilhas suas.

Seus nomes no aureo templo a fama ajunta ;
Mas pintar seus estragos não se atreve,
Ao seu Danubio, ao mar Negro o pergunta :

Lusitania aos céos muito mais deve :
Que a rege, como aos povos d'Amathunta,
Freio de rosas posto em mãos de neve.

V

A MESMA RAINHA

IMPLORANDO-LHE A COMMUTAÇÃO DA PENA DE MORTE, QUE LHE FÔRA IMPOSTA

A paz, a doce mãi das alegrias,
O pranto, o luto, o dissabor desterra;
Faz que s'esconda a criminosa guerra,
E traz ao mundo os venturosos dias:

Desce, cumprindo eternas prophecias,
A nova geração dos céos á terra;
O claustro virginal se desencerra,
Nasce o Filho de Deos, chega o Messias.

Busca um presepio, cahe no pobre feno
A mão omnipotente, a quem não custa
Crear mil mundos ao primeiro aceno.

Bemdita sejas, lusitana augusta!
Cobre o mar, cobre a terra um céo sereno,
Graças a ti, ó grande, ó sabia, ó justa!

VI

A MESMA RAINHA

Por mais que os alvos cornos curve a lua,
Roubando as luzes ao autor do dia,
Por mais que Thetis na morada fria
Ostente a pompa da belleza sua;

Por mais que a linda Cytherea nua
Nos mostre o premio da gentil porfia;
Entra no campo, tu, bella Maria,
Entra no campo, que a victoria é tua.

Verás a Cynthia protestar o engano,
Verás Thetis sumir-se envergonhada
Pelas humidas grutas do Oceano,

Venus ceder-te o pomo namorada,
E sem Troya sentir o ultimo damno,
Verás de Juno a colera vingada.

VII

AO MARQUEZ DE LAVRADIO

VICE-REI DO ESTADO DO BRASIL

Honradas sombras dos maiores nossos,
Que estendestes a lusa monarchia,
Do torrado Equador á zona fria,
Por incultos sertões, por mares grossos;

Sahi a ver os successores vossos
Revestidos de gala e de alegria,
E nos prazeres do mais fausto dia
Dai vigor novo aos carcomidos ossos.

Lá vem o grande Affonso, a testa erguendo
A ver Carvalho, em cujos fortes braços
Crescem os netos, que lhe vão nascendo.

E o suspirado Almeida rompe os laços
Da fria morte, o neto invicto vendo
Seguir tão perto de Carvalho os passos.

VIII

AO MESMO MARQUEZ

SERVINDO DE PROLOGO AO DRAMA *ENÉAS NO LACIO*

Se armada a Macedonia ao Indo assoma,
E Augusto a sorte entrega ao immenso lago ;
Se o grande Pedro errando incerto e vago
Barbaros duros civilisa e doma ;

Grecia de Babylonia exemplos toma,
Aprende Augusto no inimigo estrago,
Ensina a Pedro quem fundou Carthago
E as leis de Athenas traz ao Lacio e Roma.

Tudo mostra o theatro, tudo encerra :
N'elle a cega razão aviva os lumes
Nas artes, nas sciencias e na guerra.

E a vós, alto senhor, que o rei e os numes
Derão por fundador á nossa terra,
Compete a nova escola de costumes.

IX

A' MORTE DO MESMO MARQUEZ

Quão mal se mede dos heróes a vida
Pela serie dos annos apressados!
Muito vive o que emprega os seus cuidados
Em ganhar nome e fama esclarecida.

Em vão, dobrando os passos atrevida,
Chega a morte cruel, e os negros fados,
Que vivem por a gloria ter gravados
Seus dias sobre esphera mais luzida.

Jaz o illustre marquez!... As tristes dôres
Espalhão com o respeito mais profundo
Na fria urna estas piedosas flòres :

« Breve a vida lhe foi ; mas sem segundo
O seu nome immortal entre os maiores
Será sempre saudoso á patria e ao mundo. »

X

A LUIZ DE VASCONCELLOS E SOUZA

VICE-REI DO ESTADO DO BRASIL

De meio corpo nú sobre a bigorna
Os ferros malhe o immortal Vulcano,
Que hão de ir contar ao derradeiro anno
O nome de um heróe que a patria adorna.

Sumptuoso passeio (3) em parte a orna;
Vistoso cáes (4) enfrêa o Oceano;
E na praça um colosso (5) altivo e ufano
As frescas aguas pelo povo entorna.

Estas, grande senhor, memorias vossas,
Que ficão na cidade (6) eternisadas,
Tambem o ficão nas memorias nossas.

E as linguas por Vulcano temperadas,
Hão de entranhar em duras pedras grossas
De vosso nome as lettras respeitadas.

XI

IMPROVISADO N'UM OUTEIRO

ACERCA DO TRIUMPHO DE OCTAVIO SOBRE ANTONIO

Nas azas do valor em Acio vinha
Por Antonio a victoria declarada,
Mas a sombra de Tullio não vingada
Postos os deoses contra Antonio tinha.

Fez que fugisse a barbara rainha
De falsas esperanças enganada,
E o criminoso heróe voltando a espada
No coração zeloso a embainha.

O fatal estandarte a guerra enrole,
Cesse entre esposas e entre mãis o susto,
Descanse um pouco de Quirino a prole;

Que Jove eterno, piedoso e justo,
Antes que Roma a Roma se desole,
Nomêa vice-deos ao grande Augusto (7).

XII

A MARIA IPHIGENIA

EM 1786, QUANDO COMPLETAVA SETE ANNOS DE IDADE

Amada filha, é já chegado o dia,
Em que a luz da razão, qual tocha accesa,
Vem conduzir a simples natureza,
É hoje que o teu mundo principia.

A mão, que te gerou, teus passos guia,
Despreza offertas de uma vã belleza,
E sacrifica as honras e a riqueza
A's santas leis do Filho de Maria.

Estampa na tu'alma a caridade,
Que amar a Deos, amar aos semelhantes,
São eternos preceitos da verdade;

Tudo o mais são idéas delirantes;
Procura ser feliz na eternidade,
Que o mundo são brevissimos instantes.

XIII

AOS ANNOS DE UMA ILLUSTRE SENHORA

Nem fizera a discordia o desatino
Que urdio funesta liga a gente humana,
Nem soberba a republica romana
Poria ao mundo inteiro um freio indino.

O' Asia, ó Grecia, ó Roma, o teu destino
Fòra feliz só com nascer Joanna;
Respeitoso no peito a acção profana
Suffocaria o barbaro Tarquino.

Ella das deosas tres as graças goza,
Ella só os sublimes dons encerra
De rainha, de sabia e de formosa.

Ah! se Joanna então honrasse a terra!
O' esposa romana, ó grega esposa,
Não fôra a formosura a mãi da guerra!

XIV

ESTELLA E NIZE

Eu vi a linda Estella, e namorado
Fiz logo eterno voto de querêl-a;
Mas vi depois a Nize, e é tão bella,
Que merece igualmente o meu cuidado.

A qual escolherei, se n'este estado
Não posso distinguir Nize d'Estella?
Se Nize vir aqui, morro por ella;
Se Estella agora vir, fico abrasado.

Mas, ah! que aquella me despreza amante,
Pois sabe que estou preso em outros braços,
E esta não me quer por inconstante.

Vem, Cupido, soltar-me d'estes laços,
Ou faz de dous semblantes um semblante,
Ou divide o meu peito em dous pedaços!

XV

A ALLÉA

Não cedas, coração; pois n'esta empreza
O brio só domina; o cego mando
Do ingrato amor seguir não deves, quando
Já não pódes amar sem vil baixeza :

Rompa-se o forte laço, que é fraqueza
Ceder a amor, o brio deslustrando;
Vença-te o brio pelo amor cortando,
Que é honra, que é valor, que é fortaleza;

Foge de ver Alléa; mas se a vires,
Porque não venhas outra vez a amal-a,
Apaga o fogo, assim que o presentires;

E se inda assim o teu valor se abala,
Não lh'o mostres o rosto; ah! não suspires!
Calado geme, soffre, morre, estala!

XVI

AO TENENTE-CORONEL

FRANCISCO DE PAULA FREIRE DE ANDRADE

POR OCCASIÃO DE SEU CONSORCIO

COM D. ISABEL CAROLINA DE OLIVEIRA MACIEL.

Peitos que amor da patria predomina,
Vede o consorcio que a virtude traça;
Não é de Chypre na festosa praça,
Que o nobre Andrade a Isabel se inclina.

Abençòa do alto a mão divina
O nó sagrado, que apertou a graça;
E a mesma innocencia, que os enlaça,
Feliz prosperidade lhes destina.

Risonhos amorinhos de Cythera,
Fugi d'este lugar aos céos aceito,
Que aqui nem Venus, nem Cupido impera.

Genios celestiaes, cercai-lhe o leito:
Do puro fogo da sublime esphera,
Desção as chammas a inflammar-lhe o peito.

XVII

A LASTIMA

NA MASMORRA DA ILHA DAS COBRAS LEMBRANDO-SE DA FAMILIA

Eu não lastimo o proximo perigo,
Nem a escura prisão estreita e forte;
Lastimo os caros filhos e a consorte,
A perda irreparavel de um amigo.

A prisão não lastimo, outra vez digo,
Nem o ver imminente o duro córte;
É ventura tambem achar a morte
Quando a vida só serve de castigo.

Ah! quão depressa então acabar víra
Este sonho, este enredo, esta chimera,
Que passa por verdade e é mentira.

Se filhos e consorte não tivera,
E do amigo as virtudes possuíra,
Só de vida um momento não quizera.

XVIII

A SAUDADE

OUVINDO LER NA CADÊA PUBLICA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

A SUA SENTENÇA DE MORTE

Não me afflige do potro a viva quina;
Da ferrea maça o golpe não me offende;
Sobre as chammas a mão se não estende;
Não soffro do agulhete a ponta fina.

Grilhão pesado os passos não domina;
Cruel arroxo a testa me não fende;
A' força a perna ou braço se não rende;
Longa cadêa o collo não me inclina.

Agua e pomo faminto não procuro ;
Grossa pedra não causa a humanidade ;
O passaro voraz eu não aturo.

Estes males não sinto ; é bem verdade ;
Porém sinto outro mal inda mais duro :
— Sinto da esposa e filhos a saudade !

XIX

O PAO DE ASSUCAR

A mão, que a terra de Nemen agarra,
Atreu, Achilles, Sofonisba e Phedra
São assumptos da lyra, e nunca medra
Invejosa dos cysnes a cigarra.

Tu onde o vento e o mar a furia esbarra,
Sem chammas de rubim, facetas de edra,
Immortal ficarás por mim, ó pedra,
Que ao longe apontas de teu rio a barra.

Abrasado entre as chispas na bigorna
Malha Vulcano, e do trifauce perro
Brontes a Estigia caldeando entorna.

O grande Castro d'ouro e bronze e ferro
Por mão de um Deos a tua frente adorna;
Mais durarás do que o sefaz do Serro.

XX

A JOSÉ BASILIO DA GAMA

Termindo Sipilio

AUTOR DO POEMA *O URAGUAY*

Entro pelo Uraguay : vejo a cultura
Das novas terras por engenho claro ;
Mas chego ao templo magestoso e paro
Embebido nos rasgos da pintura,

Vejo erguer-se a republica perjura
Sobre alicerces de um dominio avaro ;
Vejo distinctamente, se reparo,
De Caco usurpador a cova escura.

Famoso Alcides, ao teu braço forte
Toca a vingar os sceptros e os altares :
Arranca a espada, descarrega o córte.

E tu, Termindo, leva pelos ares
A grande acção ; já que te coube em sorte
A gloriosa parte de a cantares.

LYRAS

RETRATO DE ANARDA

A minha Anarda
Vou retratar,
Se a tanto a arte
Puder chegar.
Trazei-me, amores,
Quanto vos peço,
Tudo careço
Para a pintar.

Nos longos fios
Dos seus cabellos,

Ternos desvelos
Vão se enredar.
Trazei-me, amores,
Das Minas d'ouro
Rico thesouro
Para os pintar.

No rosto a idade
Da primavera,
Na sua esphera
Se vê brilhar.
Trazei-me, amores,
As mais viçosas
Flôres vistosas
Para o pintar.

Quem ha que a testa
Não ame e tema,
De um diadema
Digno lugar?
Trazei-me, amores,
Da silva Idalia
Jasmins de Italia
Para a pintar.

A frente adornão
Arcos perfeitos,

Que de mil peitos
Sabem triumphar.
Trazei-me, amores,
Justos niveis,
Subtis pinceis,
Para a pintar.

A um doce aceno
Settas a molhos
Dos brandos olhos
Se vêm voar.
Trazei-me, amores,
Do sol os raios,
Fieis ensaios,
Para os pintar.

Nas lisas faces
Se vê a aurora,
Quando colora
A terra e o mar.
Trazei-me, amores,
As mais mimosas
Pudicas rosas
Para as pintar.

Os meigos risos
Com graças novas

Nas lindas covas
Vão se ajuntar.
Trazei-me, amores,
Os pinceis leves,
As sombras breves,
Para os pintar.

Vagos desejos
Da boca as brasas
As frageis azas
Deixão queimar.
Trazei-me, amores,
Coraes subidos,
Rubins polidos,
Para a pintar.

Entr' alvos dentes
Postos em ala,
Suave falla
Perfuma o ar.
Trazei-me, amores,
Nas conchas claras
Perolas raras,
Para os pintar.

O collo, Atlante
De taes assombros,

Airosos hombros
Corre a formar.
Trazei-me, amores,
Jaspe a mãos cheias,
De finas veias
Para o pintar.

Do peito as ondas
São tempestades,
Onde as vontades
Vão naufragar.
Trazei-me, amores,
Globos gelados,
Limões nevados
Para o pintar.

Mãos crystallinas,
Roliços braços,
Que doces laços
Promettem dar.
Trazei-me, amores,
As açucenas,
Das mais pequenas
Para as pintar.

A delicada
Gentil cintura,

Toda se apura
Em se estreitar.
Trazei-me, amores,
Ancias, que fervem,
Só ellas servem
Para a pintar.

Pés delicados
Ferindo a terra,
A's almas guerra
Vêm declarar.
Trazei-me, amores,
As settas promptas
De duras pontas
Para os pintar.

Porte de deosa,
Spirito nobre,
E o mais, qu' encobre
Fino avental.
Só vós, amores,
Que as graças nuas
Vedes, as suas
Podeis pintar.

II

A D. BARBARA ELIODORA

SUA ESPOSA

REMETTIDA DO CARCERE DA ILHA DAS COBRAS

Barbara bella,
Do Norte estrella,
Que o meu destino
Sabes guiar,
De ti ausente
Triste sómente
As horas passo
A suspirar.

Por entre as penhas
De incultas brenhas
Cansa-me a vista
De te buscar;
Porém não vejo
Mais que o desejo,
Sem esperança
De te encontrar.

Eu bem queria
A noite e o dia
Sempre comtigo
Poder passar;
Mas orgulhosa
Sorte invejosa,
D'esta fortuna
Me quer privar.

Tu, entre os braços,
Ternos abraços
Da filha amada
Pódes gozar;
Priva-me a estrella
De ti e d'ella,
Busca dous modos
De me matar!

ODES

I

A SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELLO

MARQUEZ DE POMBAL

Não os heróes, que o gume ensanguentado
Da cortadora espada
Em alto pelo mundo levantado
Trazem por estandarte
Os furores de Marte;
Nem os que sem temor do irado Jove
Arrancão petulantes
Da mão robusta, que as espheras move,
Os raios crepitantes,

E passando a insultar os elementos
Fazem cahir dos ares
Os cedros corpulentos
Por ir rasgar o frio seio aos mares,
Levando a toda a terra
Tinta de sangue, envolta em fumo a guerra.

Ensanguentados rios, quantas vezes
Vistes os ferteis valles
Semeados de lanças e de arnezes?
Quantas, ó Ceres loura,
Crescendo uns males sobre os outros males,
Em vez do trigo, que as espigas doura,
Viste espigas de ferro,
Fructos plantados pelas mãos do erro,
E colhidos em montes sobre as eiras,
Rotos pedaços de servis bandeiras!

Inda leio na frente ao velho Egypto
O horror, o estrago, o susto,
Por mãos de heróes, tyrannamente escripto.
Cesar, Pompeo, Antonio, Crasso, Augusto,
Nomes, que a Fama pôz dos Deoses pérto,
Reduzírão por gloria
Provincias e cidades a deserto:
E apenas conhecemos pela historia

Que o tem roubado ás éras,
Qual fosse a habitação que hoje é das féras.

Barbara Roma, só por nome augusta,
Desata o pranto vendo
A conquista do mundo o que te custa:
Cortão os fios dos arados tortos
Trezentos Fabios n'um só dia mortos,
Zelosa negas um honroso asylo
Ao illustre Camillo;
A Manlio, ingrata, do escarpado cume
Arrojas por ciume,
E vês a sangue-frio, ó povo vario,
Subir Marcello as proscripções de Mario.

Grande Marquez, os Satyros saltando
Por entre as verdes parras
Defendidas por ti de estranhas garras:
Os trigos ondeando
Nas fecundas seáras;
Os incensos fumando sobre as aras,
A nascente cidade,
Mostrão a verdadeira heroicidade.

Os altos cedros, os copados pinhos,
Não a conduzir raios,

Vão romper pelo mar novos caminhos :
E em vez de sustos, mortes, e desmaios,
Damnos da natureza,
Vão produzir e transportar riqueza.

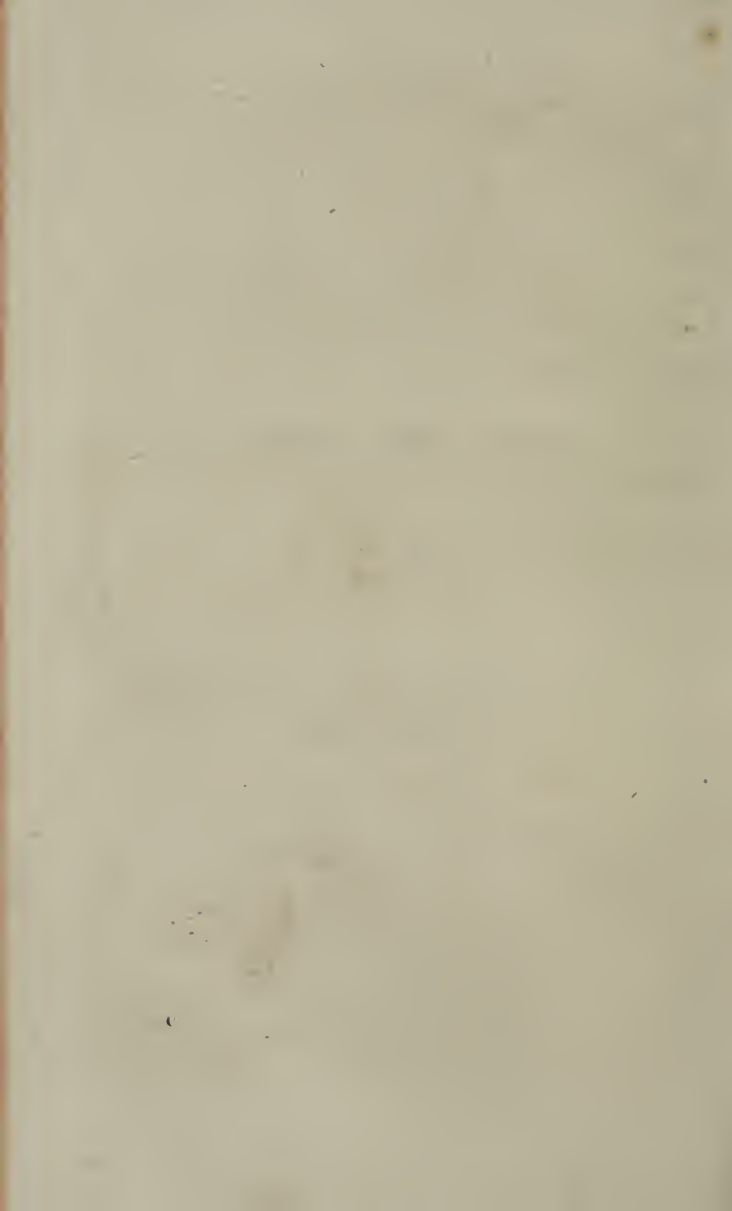
O curvo arado rasga os campos nossos,
Sem turbar o descanso eterno aos ossos :
Fructos do teu suor, do teu trabalho,
São todas as emprezas ;
Unicamente á sombra de Carvalho
Descansão hoje as quinas portuguezas.

Que importão os exercitos armados
No campo com respeito conservados,
Se lá no gabinete a guerra fazes,
E a teu arbitrio dás o tom ás pazes?
Que, sendo por mão destra manejada,
A politica vence mais que a espada.

Que importão tribunaes e magistrados,
Asylos da innocencia,
Se pudessem temer-se declarados
Patronos da insolencia?
De que servirão tantas
Tão saudaveis leis sabias e santas,
Se em vez de executadas
Fôrem por mãos sacrilegas frustradas?

Mas vives tu, que para o bem do mundo
 Sobre tudo vigias,
Cansando o teu espirito profundo
 As noites e os dias,
Ah! quantas vezes sem descanso uma hora
Vês recostar-se o sol, erguer-se a aurora,
Emquanto volves com cansado estudo
As leis e a guerra, e o negocio, e tudo?

Vale mais do que um reino um tal vassallo;
Graças ao grande rei, que soube achal-o.

II

A RAINHA D. MARIA I

Invisiveis vapores,
Da baixa terra, contra os céos erguidos,
Não offuscão do sol os resplendores.

Os padrões erigidos
Á fé real nos peitos lusitanos
São do primeiro Affonso conhecidos.

A nós, Americanos,
Toca a levar pela razão mais justa
Do throno a fé aos derradeiros annos.

Fidelissima augusta,
Desentranhe riquissimo thesouro
Do cofre americano a mão robusta.

Se o Tejo ao Minho e ao Douro
Lhe aponta um rei em bronze eternisado,
Mostre-lhe a filha eternisada em ouro.

Do throno os resplendores
Fação a nossa gloria, e vestiremos
Barbaras pennas de vistosas côres.

Para nós só queremos
Os pobres dons da simples natureza,
E seja vosso tudo quanto temos.

Sirva a real grandeza
A prata, o ouro, a fina pedraria,
Que esconde d'estas terras a riqueza.

Ah! chegue o feliz dia
Em que do novo mundo a parte inteira
Acclame o nome augusto de Maria.

« Real, real, primeira ! »
Só esta voz na America se escute ;
Veja-se tremular uma bandeira.

Rompão o instavel sulco
Do Pacifico mar na face plana
Os galeões pesados de Acapulco.

Das serras da Araucana
Desção nações confusas differentes
A vir beijar a mão da soberana.

Chegai, chegai contentes,
Não temais dos Pizarros a fereza,
Nem dos seus companheiros insolentes.

A augusta portugueza
Conquista corações, em todos ama
O soberano Autor da natureza.

Por seus filhos vos chama,
Vem pôr o termo á nossa desventura
E os seus favores sobre nós derrama.

Se o Rio de Janeiro
Só a gloria de ver-vos merecesse,
Já era vosso o mundo novo inteiro.

Eu fico que estendesse
Do Cabo aor mar Pacifico as medidas,
E por fóra da Havana as recolhesse.

Ficavão incluidas
As terras que vos forão consagradas
Apenas por Vespucio conhecidas.

As cascas enroladas,
Os aromas e os indicos effeitos,
Poderão mais que as serras prateadas.

Mas nós de amor sujeitos
Promptos vos offertamos á conquista
Barbaros braços, e constantes peitos.

Póde a Tartaria grega
A luz gozar da russiana aurora;
E a nós esta fortuna não nos chega?

Vinde, real senhora,
Honrar os vossos mares por dous mezes;
Vinde ver o Brasil, que vos adora.

Noronhas e Menezes,
Cunhas, Castros, Almeidas, Silvas, Mellos,
Têm prendido o leão por muitas vezes.

Fiai os reaes sellos
De mãos seguras, vinde descansada;
De que servem dous grandes Vasconcellos?

Vinde a ser coroada
Sobre a America toda, que protesta
Jurar nas vossas mãos a lei sagrada.

Vai, ardente desejo,
Entra humilhado na real Lisboa,
Sem ser sentido do invejoso Tejo :

Aos pés augustos voa,
Chora e faze que a mãi compadecida,
Dos saudosos filhos se condoa.

Ficando enternecida,
Mais do Tejo não temas o rigor,
Teus triumphado, teus a acção vencida.

Da America o furor
Perdoai, grande augusta : é lealdade,
São dignos de perdão crimes de amor.

Perdôe a magestade,
Emquanto o mundo novo sacrifica
A' tutelar propicia Divindade :

O principe sagrado
Do pão da pedra, que domina a barra
Em colossal estatua levantado,

Veja a triforme garra
Quebrar-lhe aos pés Neptuno furioso,
Que o irritado sudoeste esbarra;

E veja glorioso
Vastissima extensão de immensos mares,
Que cerca o seu imperio magestoso;

Honrando nos altares
A mão que o faz ver de tanta altura
Ambos os mundos seus, ambos os mares

E a fé mais santa e pura
Espalhada nos barbaros desertos
Conservada por vós firme e segura.

« Sombra illustre e famosa
Do grande fundador do luso imperio,
Eterna paz eternamente goza.

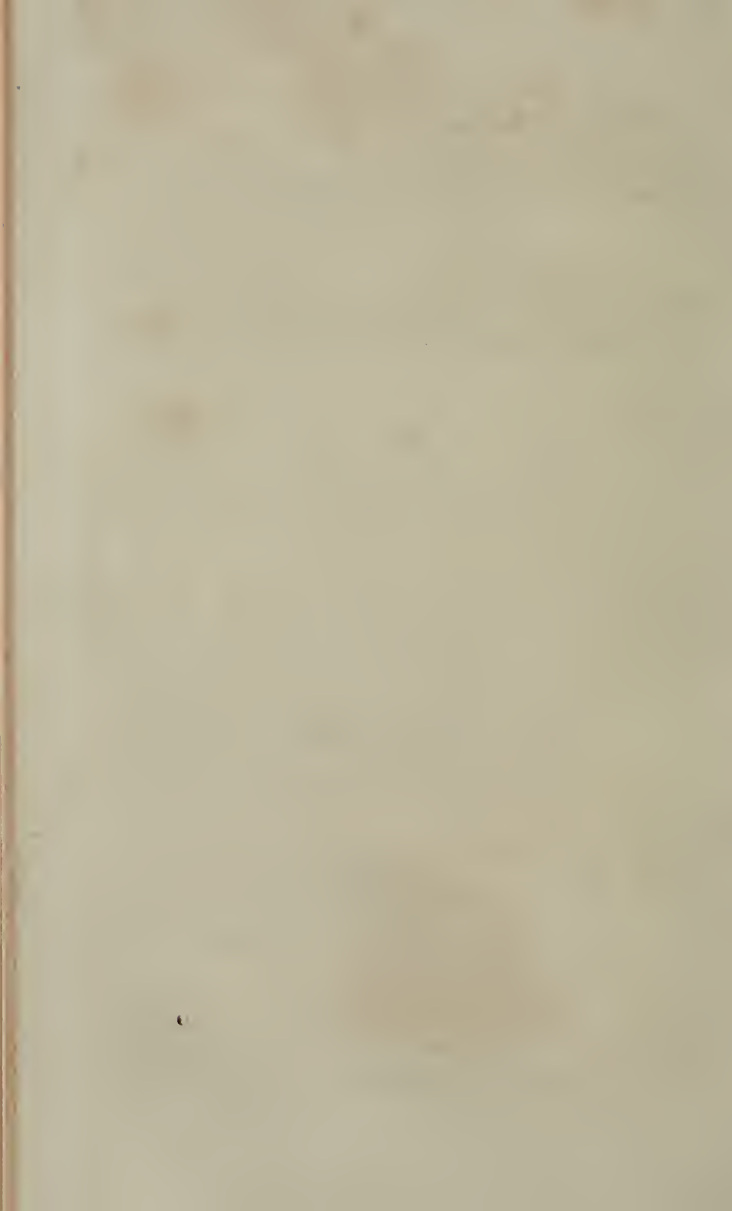
« N'um e n'outro hemispherio
Tu vês os teus augustos descendentes
Dar as leis pela voz do ministerio :

« E os povos differentes,
Que é impossivel quasi enumeral-os,
Que vêm a tributar-lhes obedientes :

« A gloria de mandal-os
Pede ao neto glorioso teu;
Que adorão rei para servir vassallos! »

O Indio o pé bateu,
Tremeu a terra, ouvi trovões, vi raios,
E de repente desappareceu.

III

. . . .

FRAGMENTO

Segue dos teus maiores,
Illustre ramo, as solidas pisadas;
Espalha novas flôres
Sobre as suas acções grandes e honradas;
Abre da tua mão da gloria o templo,
Mas move o braço pelo seu exemplo.

A herdada nobreza
Augmenta, mas não dá merecimento;
Dos heróes a grandeza
Deve-se ao braço, deve-se ao talento;

E assim foi que, acalcando o seu destino,
Deu leis ao mundo o cidadão do Alpino.

Abre-te a *nova terra*
Para heroicas acções um plano vasto;
Ou na paz ou na guerra
Orna os triumphos teus de um novo fasto;
Faze servir aos Castros e aos Mendonças
Malhados tigres, marchetadas onças.

Não ha barbara féra
Que o valor e a prudencia não domine;
Quando a razão impera,
Que leão póde haver que não se ensine?
E o forte jugo, por si mesmo grave,
A doce mão que o põe, o faz suave.

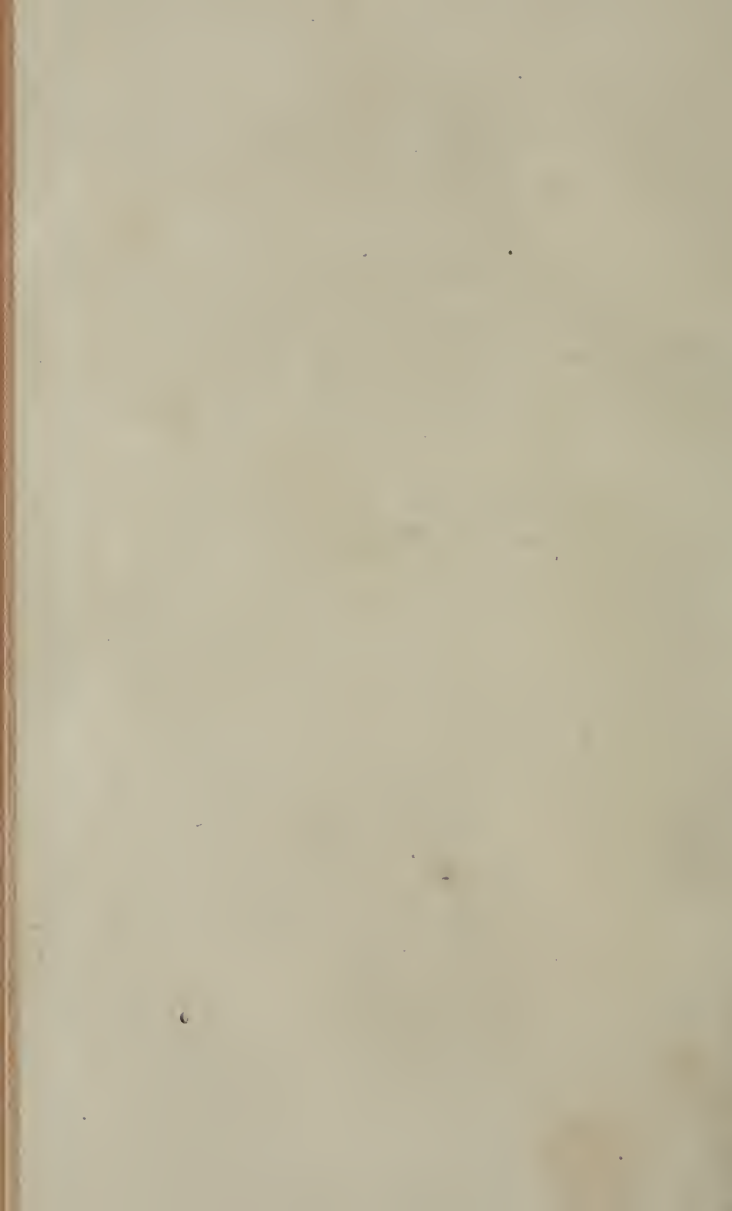
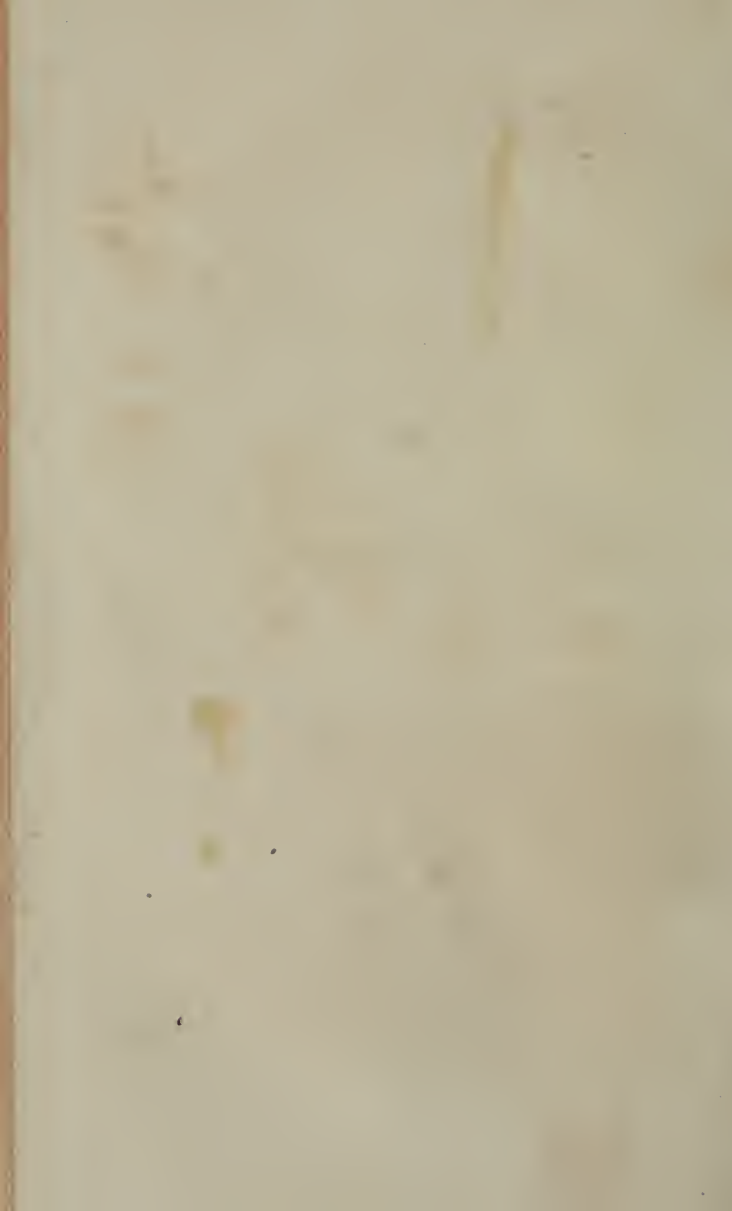
Que fez a natureza
Em pôr n'este paiz o seu thesouro
Das pedras na riqueza,
Nas grossas minas abundantes de ouro,
Se o povo miseravel?..... Mas que digo!
Povo feliz, pois tem o vosso abrigo.

Já sobre os densos ares
Horrenda tempestade alevantada
Abre o seio dos mares

Para tragar a náo despedaçada.....
Porém destro o piloto arrêa o panno,
Salva o perigo e remedêa o damno.

Assim a grande augusta,
Que vê o mal com animo paterno,
Em mão prudente e justa
Vem collocar as redeas do governo:
Eu vejo a náo, já do perigo isenta,
Buscar o porto livre da tormenta.

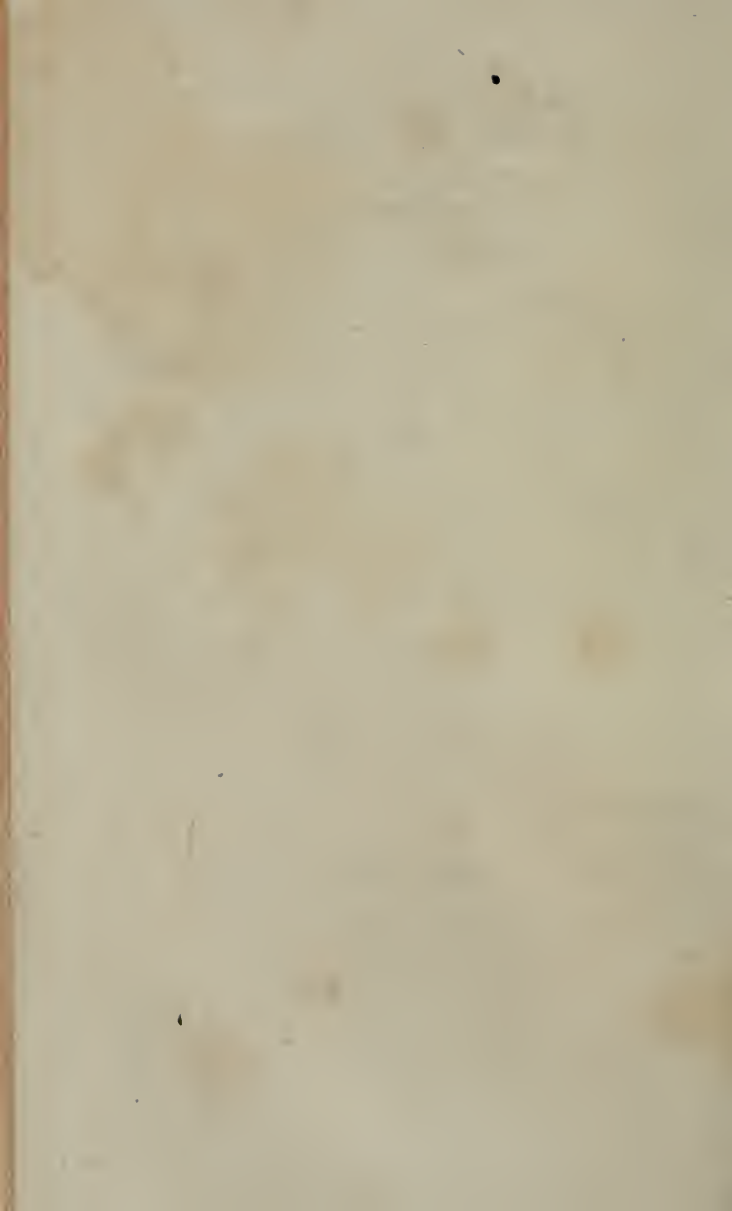
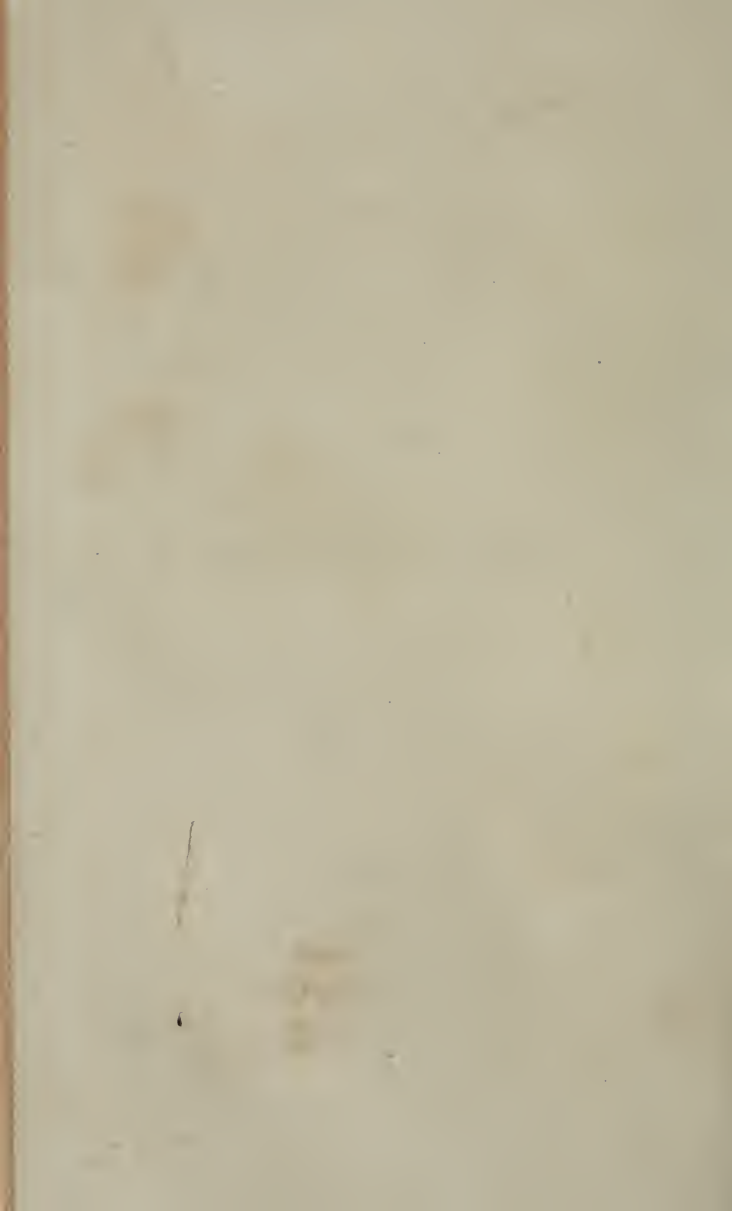
A vós, florente ramo,
Meus versos mal rimados dirigia

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

CANTATA

O SONHO

Oh! que sonho! oh! que sonho eu tive n'esta
Feliz, ditosa, e socegada sesta?
Eu vi o Pão de Assucar levantar-se
E no meio das ondas transformar-se
Na figura de um Indio o mais gentil,
Representando só todo o Brasil.
Pendente ao tiracol de branco arminho
Concavo dente de animal marinho
As preciosas armas lhe guardava:
Era thesouro e juntamente aljava.
De pontas de diamante erão as settas,
As hasteas d'ouro, mas as pennas pretas
Que o Indio valeroso, activo e forte,

Não manda setta em que não mande a morte.
Zona de pennas de vistosas côres,
Guarnecida de barbaros lavores,
De folhetas e perolas pendentes,
Finos crystaes, topazios transparentes,
Em recamadas pelles de Sahiras,
Rubins, e diamantes, e saphiras,
Em campo de esmeralda escurecia
A linda estrella, que nos traz o dia.
No cocar... oh! que assombro! oh! que riqueza!
Vi tudo quanto póde a natureza.
No peito em grandes lettras de diamante
O nome da augustissima imperante.
De inteiriço coral novo instrumento
As mãos lhe occupa, emquanto ao doce accento
Das saudosas palhetas, que afinava,
Pindaro Americano assim cantava:

« Sou vassallo, e sou leal,
Como tal,
Fiel, constante,
Sirvo á gloria da imperante,
Sirvo á grandeza real.
Aos Elysios descerei
Fiel sempre a Portugal,
Ao famoso vice-rei,
Ao illustre general,

A's bandeiras que jurei.
Insultando o fado e a sorte,
E a fortuna desigual,
A quem morrer sabe, a morte
Nem é morte, nem é mal. »

CANTO GENETHLIACO

AO CAPITÃO-GENERAL

D. RODRIGO JOSÉ DE MENEZES

GOVERNADOR DA CAPITANIA DE MINAS-GERAES

POR OCCASIÃO

DO BAPTISADO DE SEU FILHO D. JOSÉ THOMAZ DE MENEZES

Barbaros filhos d'estas brenhas duras,
Nunca mais recordeis os males vossos;
Revolvão-se no horror das sepulturas
Dos primeiros avós os frios ossos:
Os heróes das mais altas cataduras
Principião a ser patricios nossos;
E o vosso sangue, que esta terra ensopa,
Já produz fructos do melhor da Europa.

Bem que venha a semente á terra estranha,
Quando produz, com igual força gera,
Nem do forte leão fóra de Hespanha
A fereza nos filhos degenera;
O que o estio em umas terras ganha,
Nas outras vence a fresca primavera,
A raça dos heróes da mesma sorte
Produz no sul o que produz no norte.

Romulo por ventura foi Romano?
E Roma a quem deveu tanta grandeza?
O grande Henrique era Lusitano?
Quem deu principio á gloria portugueza?
Que importa que José Americano
Traga a honra, a virtude e a fortaleza
De altos e antigos troncos portuguezes,
Se é patricio este ramo dos Menezes?

Quando algum dia permittir o fado
Que elle o mando real moderar venha,
E que o bastão do pai com gloria herdado
No pulso invicto pendurado tenha,
Qual esperais que seja o seu agrado?
Vós experimentareis como se empenha
Em louvar estas serras e estes ares,
E venerar gostoso os patrios lares:

Esses partidos morros e escalvados,
Que enchem de horror a vista delicada
Em soberbos palacios levantados
Desde os primeiros annos empregada,
Negros e extensos bosques tão fechados,
Que até ao mesmo sol negão a entrada,
E do agreste paiz habitadores
Barbaros homens de diversas côres,

Isto, que Europa barbaria chama,
Do seio de delicias tão diverso,
Quão differente é para quem ama
Os ternos laços do seu patrio berço!
O pastor louro, que meu peito inflamma,
Dará novos alentos ao meu verso,
Para mostrar do nosso heróe na boca
Como em grandezas tanto horror se troca.

Aquellas serras na apparencia feias,
Dirá José, « Oh! quanto são formosas!
Ellas conservão nas occultas veias
A força das potencias majestosas;
Têm as ricas entranhas todas cheias
De prata e ouro, e pedras preciosas;
Aquellas brutas escalvadas serras
Fazem as pazes, dão calor ás guerras.

Aquelles morros negros e fechados,
Que occupão quasi a região dos ares,
São os que em edificios respeitados
Repartem raios pelos crespos mares.
Os corinthios palacios levantados,
Doricos templos, jonicos altares,
São obras feitas d'esses lenhos duros,
Filhos d'esses sertões feios e escuros.

A c'roa d'ouro, que na testa brilha,
E o sceptro, que empunha na mão justa
Do augusto José a heroica filha,
Nossa rainha soberana augusta,
E Lisboa de Europa maravilha,
Cuja riqueza a todo o mundo assusta,
Estas terras a fazem respeitada,
Barbara terra, mas abençoada.

Estes homens de varios accidentes,
Pardos e pretos, tintos e tostados,
São os escravos duros e valentes,
Aos penosos serviços costumados:
Elles mudão aos rios as correntes,
Rasgão as serras, tendo sempre armados
Da pesada alavanca e duro malho
Os fortes braços feitos ao trabalho.

« Por ventura, Senhores, póde tanto
O grande heróe, que a antiguidade acclama,
Porque aterrou a féra de Erimanto,
Venceu a Hydra com o ferro e chamma?
Ou esse a quem da tuba grega o canto
Fez digno de immortal eterna fama?
Ou inda o macedonico guerreiro,
Que soube subjugar o mundo inteiro?

« Eu só pondero que essa força armada,
Debaixo de acertados movimentos,
Foi sempre uma com outra disputada
Com fins correspondentes aos intentos,
Isto que tem co' a força disparada
Contra todo o poder dos elementos,
Que bate a fórma da terrestre esphera
Apezar de uma vida a mais austera.

« Se o justo e o util póde tão sómente
Ser acertado fim das acções nossas,
Quaes se empregão, dizei, mais dignamente
As forças d'estes, ou as forças vossas?
Mandão a destruir a humana gente
Terriveis legiões, armadas grossas;
Procurar o metal que acode a tudo
É d'estes homens o cansado estudo.

« São dignas de attenção... » ia dizendo
A tempo que chegava o velho honrado,
Que o povo reverente vem benzendo
Do grande Pedro com o poder sagrado,
E já o nosso heróe nos braços tende,
O breve instante em que ficou calado,
De amor em ternas lagrimas desfeito
Estas vozes tirou do amante peito :

« Filho, que assim te fallo, filho amado,
Bem que um throno real teu berço enlaça,
Porque foste por mim regenerado
Nas puras fontes de primeira graça ;
Déves o nascimento ao pai honrado,
Mas eu de Christo te alistei na praça ;
Estas mãos por favor de um Deos superno
Te restaurárão do poder do inferno.

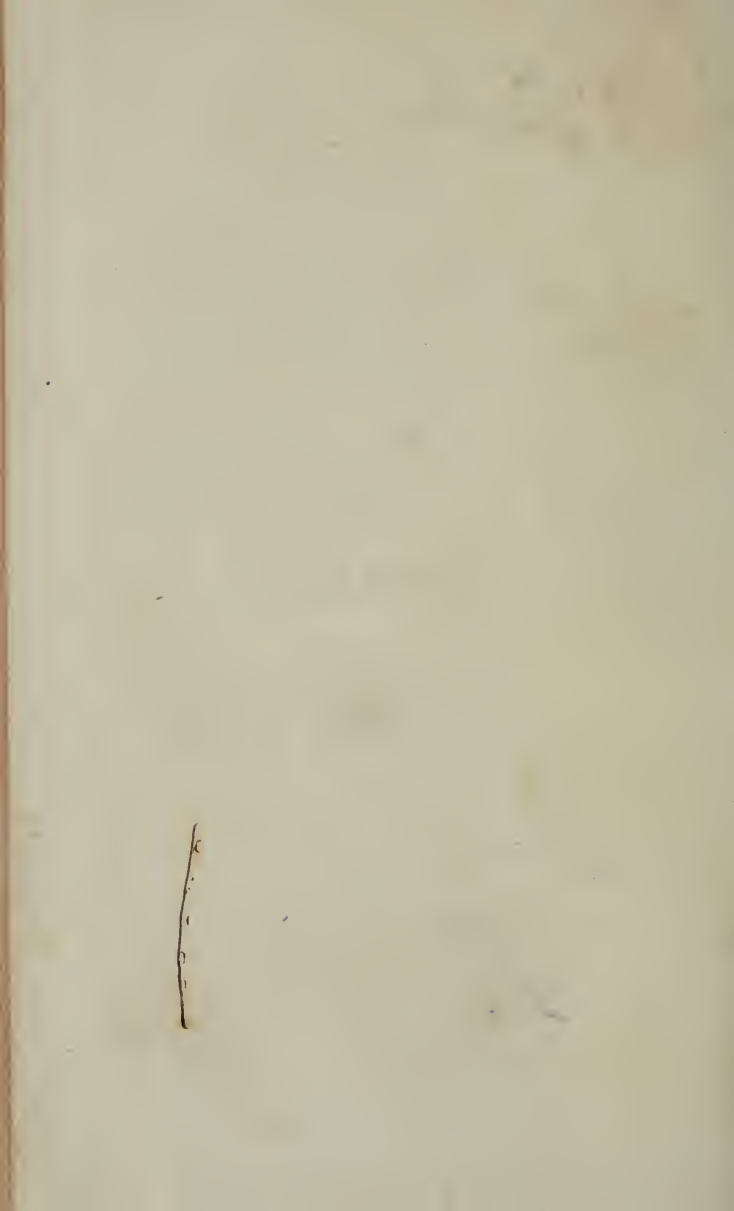
« Amado filho meu, torna a meus braços,
Permitta o céo que a governar prosigas,
Seguindo sempre de teu pai os passos.
Honrando algumas paternaes fadigas
Não receio que encontres embaraços,
Por onde quer que o teu destino sigas,
Que elle pisou por todas estas terras,
Mattos, rios, sertões, morros e serras.

« Valeroso, incansavel, diligente
Do serviço real, promoveu tudo
Já nos paizes do Pori valente,
Já nos bosques do bruto Boticudo,
Sentírão todos sua mão prudente
Sempre debaixo de acertado estudo,
E quantos vírão seu sereno rosto
Lhe obedecêrão por amor, por gosto.

« Assim confio o teu destino seja
Servindo a patria, e augmentando o Estado,
Zelando a honra da Romana Igreja,
Exemplo illustre de teus pais herdado;
Permitta o céo que eu felizmente veja
Quanto espero de ti desempenhado,
Assim contente acabarei meus dias,
Tu honrarás as minhas cinzas frias. »

Acabou de fallar o honrado velho,
Com lagrimas as vozes misturando :
Ouvio o nosso heróe o seu conselho
Novos projectos sobre os seus formando.
Propagar as doutrinas do Evangelho,
Ir aos patricios seus civilisando,
Augmentar os thesouros da reinante,
São seus desvelos desde aquelle instante.

Feliz governo, queira o céo sagrado
Que eu chegue a ver esse ditoso dia,
Em que nos torne o seculo dourado
Dos tempos de Rodrigo e de Maria;
Seculo que será sempre lembrado
Nos instantes de gosto e de alegria;
Até os tempos, que o destino encerra,
De governar José a patria terra.

SEXTILHAS

CONSELHOS A MEUS FILHOS

Meninos, eu vou dictar
As regras do bem viver;
Não basta sómente ler,
É preciso ponderar,
Que a lição não faz saber,
Quem faz sabios é o pensar.

N'este tormentoso mar
D'ondas de contradicções,
Ninguem solettre feições,
Que sempre se ha de enganar;
Da caras a corações
Ha muitas leguas que andar.

Applicai ao conversar
Todos os cinco sentidos,
Que as paredes têm ouvidos,
E tambem podem fallar:
Ha bichinhos escondidos,
Que só vivem de escutar.

Quem quer males evitar
Evite-lhe a occasião,
Que os males por si viráõ,
Sem ninguem os procurar,
E antes que ronque o trovão,
Manda a prudencia ferrar.

Não vos deixeis enganar
Por amigos, nem amigas,
Rapazes e raparigas
Não sabem mais que asnear;
As conversas e as intrigas
Servem de precipitar.

Sempre vos deveis guiar
Pelos antigos conselhos,
Que dizem que ratos velhos
Não ha modo de os caçar:
Não batão ferros vermelhos,
Deixem um pouco esfriar.

Se é tempo de professar
De taful o quarto voto,
Procurai capote roto,
Pé de banco de um bilhar,
Que seja sabio piloto
Nas regras de calcular.

Se vos mandarem chamar
Para ver uma funcção,
Respondei sempre que não,
Que tendes em que cuidar:
Assim se entende o rifão:
Quem está bem deixa-se estar.

Deveis-vos acautelar
Em jogos de paro e topo,
Promptos em passar o copo
Nas angolinas do azar:
Taes as fabulas de Esopo,
Que vós deveis estudar.

Quem falla, escreve no ar,
Sem pôr virgulas nem pontos,
E póde quem conta os contos,
Mil pontos accrescentar;
Fica um rebanho de tontos
Sem nenhum adivinhar.

Com Deos e o rei não brincar,
É servir e obedecer,
Amar por muito temer,
Mas temer por muito amar,.
Santo temor de offender
A quem se deve adorar!

Até aqui póde bastar,
Mais havia que dizer;
Mas eu tenho que fazer,
Não me posso demorar,
E quem sabe discorrer
Póde o resto adivinhar.

FIM DAS POESIAS.

NOTAS

(1) Maria Theresa da Allemanha.

(2) Catharina da Russia.

(3) O passeio publico do Rio de Janeiro, construido sobre um pantano, que empestava os arredores.

(4) O cáes do largo do Carmo, hoje largo do Paço.

(5) O chafariz que adorna o largo do Paço.

(6) Cidade do Rio de Janeiro, em cujo aformoseamento se desvelárão os vice-reis conde de Bobadella, marquez de Lavradio e Luiz de Vasconcellos e Souza. Sem duvida foi este soneto feito por occasião em que o autor viera ao Rio de Janeiro comprimentar o vice-rei, que tão digna hospedagem

lhe preparou depois nas masmorras da fortaleza da ilha das Cobras.

(7) A respeito d'este soneto veja-se a nota da *Introducção* d'esta obra.

FIM DAS NOTAS

INDICE

INTRODUCÇÃO

PEÇAS JUSTIFICATIVAS

OBRAS POETICAS DE I. J. DE ALVARENGA PEIXOTO

SONETOS

16

LYRAS

ODES

CANTATA

CANTO GENETHLIACO

SEXTILHAS

FIM DO INDICE.

PARIS, TYP. PORTUG. DE SIMÃO RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1